



Figurabilidade e regrediência*

*César Botella e Sára Botella**, Paris*

* Trabalho apresentado no 61^o *Congrès des Psychanalystes de Langue Française*, em janeiro de 2001. Primeiramente publicado no *Bulletin de la Société Psychanalytic de Paris*, jan. 2001 e posteriormente reproduzido no número especial referente ao mesmo Congresso, da *Revue Française de Psychanalyse* (2001, tome 65, n° 4, pp. 1149-1239). A Revista Francesa é editada pela *Presses Universitaires de France (PUF)* que, juntamente com os autores, gentilmente autorizou sua tradução e publicação.

** Membros Efetivos da Sociedade Psicanalítica de Paris.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 2, agosto 2003 □ 249





Preâmbulo

A psicanálise tornou-se uma disciplina carente de uma boa definição. Não há mais unanimidade entre os psicanalistas sobre o que Freud denominou “*os pilares da teoria analítica*”: “*A aceitação dos processos psíquicos inconscientes, o reconhecimento da doutrina da resistência e da repressão**, a tomada em consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não estiver em condições de os aceitar em sua integralidade não deveria ser incluído entre os psicanalistas” (Freud, 1923a, p.196).

No entanto, esta mobilização atual de interesse-desinteresse no que tange às referências freudianas parece inevitavelmente pertencer à própria evolução da disciplina. Mas o que está realmente em causa não é tanto a supressão, mais ou menos notória, da referência freudiana. O que é determinante, em nosso ponto de vista, é o que certos silêncios representam quando objetivam, como pano de fundo, apagar conteúdos e noções, não só aqueles que se referem aos processos inconscientes e de resistência, mas sobretudo ao sexual, à noção de uma sexualidade infantil, tomada como um fator organizador da psique e não como uma simples etapa do desenvolvimento. Bion manifestava sua preocupação já em 1975: “*Freud disse que as crianças tinham uma vida psíquica em relação com a sexualidade: isto foi negado ou reenterrado*” (Bion, 1975, p.11).

Não foi isto que ocorreu nas publicações francesas: duas obras coletivas impulsionadas por J. Chasseguet-Smirgel (1964, 1972), J. Laplanche (1970, *Vie et mort de la psychanalyse*), o Relatório ao CPLR de Christian David (1975, *La bisexualité psychique*), Joyce McDougall (1978, *Plaidoyer pour une certaine anormalité*; 1996, *Éros aux mille et un visages*), J. Chasseguet-Smirgel (1984, *Éthique et esthétique de la perversion*), A. Green, (1997, *Les chaînes d’Éros, actualité du sexuel*), J. Schaeffer (2000, *Le refus du féminin*).

Jean e Monique Cournut, em seu Relatório para a CPLF, de 1993, intitulado *A castração e o feminino nos dois sexos*, mostraram como o sexual impõe sua coerência, como o Édipo, a castração, não são tão somente acontecimentos psíquicos cuja manifestação faz surgir o sentido, mas são também o princípio organizador do conjunto de processos de elaboração da atividade pulsional. André Green, em 1997, no Congresso da IPA em Barcelona, coloca a situação nos seguintes termos “*Os analistas, numa proporção maior ou menor, trabalham mais ou menos inconscientemente*

* Nota dos revisores: “*refoulement*” = “*verdrängung*” no texto original de Freud. Optamos por traduzir como “*repressão*”, seguindo o uso mais corrente em língua portuguesa.





para o esmorecimento de seu papel. Isto é, mesmo quando a sexualidade está presente no material, nas fantasias, nos sonhos ou na transferência, o analista minimiza, ignora mesmo estas manifestações, considerando-as como contingentes ou defensivas”. É uma grave conseqüência para a psicanálise o fato de que ela deixe de ser a análise dos processos inconscientes e da sexualidade infantil, para tornar-se uma prática limitada aos processos pré-conscientes, uma psicoterapia de apoio do ego, “uma psicossíntese” (Emde, 1999).

Esta importância da aposta do sexual na psicanálise atual nos consolidou em nosso posicionamento de fazer dele um dos pontos principais do nosso relatório. Chegamos à conclusão de que, a menos que se estabeleça claramente o papel do sexual na figurabilidade, nosso relatório não poderia ser analítico.

Esclareçamos desde agora que este relatório não é um estudo da noção de figurabilidade. Sua proposta está focada na necessidade de se atribuir a ela um campo metapsicológico à altura de sua importância na prática analítica. A partir da experiência da figurabilidade no analista, a mesma suscitou nosso interesse, muito cedo, uma vez que ficamos impressionados com a sua capacidade de resolver situações que, de outra maneira, permaneciam indecifráveis. Esta perspectiva nos foi aberta, no início de nossa prática analista, quando tivemos nosso primeiro contato com crianças, algumas das quais acometidas de problemas graves. A partir daí nossa atenção, voltada para a figurabilidade, modificou nossa escuta do divã e esta se tornou mais rica. As concepções teóricas que daí deduzimos constituem o objeto de nosso relatório.

I – O sexual primordial

“A diferença mais característica entre nossa vida erótica e aquela da Antigüidade consiste no fato de que, na Antigüidade, a tônica era posta na pulsão enquanto nós a colocamos no objeto. Durante a Antigüidade glorificava-se a pulsão, e esta pulsão enobrecia o objeto, não obstante sua pequenez; enquanto que, nos tempos modernos, nós desprezamos a atividade sexual enquanto tal e se lhe concedemos algum tipo de desculpa, isto deve-se às qualidades que encontramos em seu objeto.”

S. Freud (1905, p.171¹)

1. Nota acrescentada em 1910.





1. Da criança “perversa-polimorfa” às “carências do objeto primário”. Um retorno disfarçado à velha teoria da sedução da criança pelo adulto?

Há cem anos atrás, aos olhos da sociedade, a revolução que a psicanálise representava localizava-se, é sabido, no papel que esta atribuía ao sexual. No entanto, não era verdadeiramente devido à teoria da sedução da criança pelo adulto, a qual, a rigor, poderia ser classificada na categoria das patologias e não suscitava reais problemas de transtorno social. O que era inadmissível não era o fato de considerar-se a criança como portadora de uma sexualidade, os pediatras e as babás o sabiam. O inaceitável, o verdadeiro escândalo, foi aquele de definir a criança não somente como neurótica, mas todas as crianças, sob o termo de “*perversa-polimorfa*” (*ibid*), de atribuir ao sexual da criança, ao seu reprimido inconsciente no adulto, um papel determinante no funcionamento psíquico de todo e qualquer indivíduo, governando-o contra sua própria vontade.

E hoje? Não se minimiza, mesmo no meio analítico, o papel da pulsão sexual, enquanto uma exigência de trabalho imposta ao psiquismo? Fairbairn desde 1941, com a noção de *object-seeking*, com suas afirmações de que “*o objetivo final da libido é o objeto*”, e de que a razão de ser das zonas erógenas é a de formar “*o caminho de menor resistência em direção ao objeto*”², não afasta as noções de desejo inconsciente, de sentido latente, para preconizar um tratamento analítico que tenha por principal objetivo não o desvelamento do sexual infantil reprimido, mas o de conjurar a angústia do ego, de assegurar sua “quietude”, “o sentimento de segurança”? Realmente ele opõe o puritanismo ao sexual freudiano, simplificando a evolução pautada por Freud, a qual, é verdade, atribui cada vez mais lugar ao ego, a partir da segunda tópica e isto, mais particularmente, no final de sua obra. Neste sentido, o *Esboço* pode ser considerado como uma sinopse de uma teoria analítica centrada no ego. Mas não é por isso que Freud deixa cair o sexual. Por exemplo, quando ele declara no *Esboço*: “*Assim como o id obedece tão somente ao apelo do prazer, o ego é dominado pela preocupação com a segurança*”, por que privilegiar-se a *preocupação com a segurança* em detrimento do *apelo do prazer*? Tudo que podemos fazer é referir o prefácio de Henri Vermorel e a crítica de André Green em sua obra recente, *Le temps éclaté* (Green, 2000, p.119).

2. R. Fairbairn (1941), “Une psychopathologie révisée des psychoses et des psychonévroses”. In: *Études psychanalytiques de la personnalité*, p. 32 e 33. Prefácio de Henri Vermorel, posfácio de James Innes-Smith, trad. de Pierre Lacoïnte, Ed. du Monde interne. Mais tarde, em 1957, em reação às críticas, ele vai dar uma nuance às suas propostas: “*É o indivíduo na sua capacidade libidinal e não a libido que está em busca do objeto.*” Mas, no fundo, sua concepção permanece idêntica.





Puritanismo, adaptação, teorias cognitivistas ou fundamentadas na informação ... quantas tendências psicanalíticas contemporâneas tiram de suas concepções o sexual infantil que Freud teve tanto trabalho para introduzir! No máximo elas aceitam o ato, o sexual genital e o auto-erotismo da criança como elementos, adaptados ou não, às necessidades da vida. Foi publicada uma abundante literatura psicanalítica, centrada principalmente no estudo do ambiente deficitário, a *mãe*, causa de carências afetivas insuperáveis. O que está em pauta não é tanto a questão da sexualidade infantil do analisando, mas a pessoa da criança outrora considerada, sobretudo, como tendo estado em perigo, como uma vítima confrontada à dificuldade real de sobreviver psiquicamente. O exemplo mais esclarecedor é o de Margaret Little descrevendo sua análise com Winnicott. O caráter excepcional do testemunho, o fato de que sua descrição levante pontos fundamentais no que concerne à prática justificam uma longa citação, a única maneira de se apreenderem os comprometimentos.

Após haver feito uma primeira análise com Ella Sharpe de 1940 a 1947, ela se torna membro da Sociedade Britânica. Posteriormente, já analista didata e reconhecida graças às suas publicações sobre pacientes *borderline*, iniciou um novo tratamento com Winnicott, entre 1949 e 1956, ao qual dará continuidade por um período de dezoito meses, a partir de 1957: *“Algumas semanas após (subentendido, após o início da análise) ... várias vezes senti a tensão subir em todo meu corpo, atingir seu ápice e cair, para retornar, novamente, alguns segundos mais tarde. Eu segurava suas mãos e me apegava a elas até o fim dos espasmos. Ao final, ele disse pensar que eu havia re-vivido o meu nascimento; durante alguns segundos ele me segurou a cabeça, dizendo que, logo após seu nascimento, uma criança podia ter dor de cabeça, senti-la pesada por um momento.”* E, algumas linhas mais abaixo, M. Little descreve uma atitude freqüente adotada por Winnicott: *“Literalmente, ele segurava minhas duas mãos apertadas entre as suas durante longas horas, quase como um cordão umbilical, enquanto eu estava deitada, freqüentemente escondida debaixo das cobertas ... Acontecia-lhe, por vezes, de ficar sonolento, de dormir e de acordar-se sobressaltado ...”*. E, ainda algumas linhas mais adiante, M. Little explica, numa tentativa de descrever da melhor maneira possível o experienciado na sessão, sobre aquilo que Winnicott entende por “regressão à dependência”: *“Houve uma época na qual eu era capaz de me atirar para fora da sala, num furor, e de partir, dirigindo o carro perigosamente. Ele guardava as chaves do meu carro até o final da sessão e depois me deixava repousar sozinha e tranqüilamente até que eu me sentisse em segurança. Ele atribuía muita importância à necessidade de ‘voltar’ de uma regressão profunda à vida comum, porque ‘regressão à dependência’ significa regressão à*





dependência como fator vital, regressão até o estado infantil, mesmo algumas vezes até a vida pré-natal” (Little, 1985, p.514)³.

Um procedimento desta natureza é unicamente o reflexo de um aprofundamento nos conhecimentos analíticos? Bem que gostaríamos de poder nos contentar com esta explicação e dizer simplesmente que estes escritos psicanalíticos refletem todo um campo novo da psicanálise não explorado por Freud. No entanto, não se pode evitar de pensar que, ao recusar-se um lugar central ao polimorfismo sexual da criança, uma parte do movimento analítico atual seria conduzida pela motivação inconsciente de *inocentar a criança*; que esta tendência da psicanálise contemporânea seria inconscientemente motivada pela recusa de pensar a criança como estando sempre à busca de prazer; ela recusa o fato que a criança seja levada a investir o objeto como fonte de prazer. Voltaremos a esta questão. Por enquanto gostaríamos que ficasse claro que nos deparamos, como salienta Jacques André, com uma mudança radical de paradigma psicanalítico: *“A sexualidade, diz M. Little (referindo-se às interpretações do conflito psíquico que dizem respeito à sexualidade infantil), pode ser tão simplesmente fora de propósito e sem qualquer justificação quando não se tem certeza de sua própria existência, de sua sobrevivência, de sua identidade”* (André, 1999, p.2). Será esta uma concepção pertencente unicamente a M. Little? Ou, quem sabe, ela explicita sem reticências aquilo que subjaz, sem ser abertamente descortinado, a um bom número de teorias contemporâneas? Não haveria um desejo inconsciente de retornar à velha teoria da sedução da criança pelo adulto, à crença da “neurótica” de antes de 1897⁴?

2. A Metapsicologia do sexual infantil

Nós nos deteremos em mostrar que uma tal separação entre a sexualidade e a sobrevivência é um problema mal colocado e que a “sobrevivência psíquica” é inseparável do “sexual infantil”⁵, que a escolha entre *objet-seeking* e *pleasure-seeking* é um falso dilema. Assim também, as noções de “carência maternal” ou de “carências precoces”, que caracterizam particularmente a clínica dos pacientes *borderline*, não

3. No relatório já publicado (janeiro 2001) na publicação interna no CPLF, tomamos conhecimento do artigo de Wynne Godeley, “Saving Masud Khan” (*London Review of Books*, 22 fevereiro, 2001), testemunhando os desvios/derivas que a “regressão à dependência” pode facilitar.

4. S. Freud, “Correspondance avec Fliess”, carta do 21 de Setembro de 1897, em que ele diz a célebre frase: “Não acredito mais na minha ‘neurótica’”, em *La naissance de la psychanalyse*, PUF.

5. Nós afastamos aqui os casos descritos por Spitz de deprivação maciça, de hospitalismo, em que a pulsão de morte desorganizadora tem a prevalência sobre as forças de ligação do Eros, que exigem métodos terapêuticos específicos.





podem ser compreendidas isoladamente. Nas teorias que sublinham estas formulações, é sempre o prazer da criança como função primordial que é mal avaliada. Sua “*função natural*” – de acordo com Fairbairn – *é a de constituir-se num meio* para chegar ao objeto e não a de ser a finalidade da pulsão.

A distinção freudiana entre pulsão e libido mostra-se aqui decisiva. Não há problema algum em afirmar que a libido procura o objeto, para tanto é suficiente seguir Freud, já em 1914 em *Introdução ao narcisismo*, depois em 1923: “*A libido significa em psicanálise em primeiro lugar a força... das pulsões sexuais... dirigidas para o objeto*” (Freud, 1923b, p.110). A noção de libido é inseparável da de objeto; ela é a expressão quantitativa da forma que toma a pulsão quando sua força se engaja na direção do objeto, mesmo quando este é o seu próprio corpo. Por outro lado, Freud define a pulsão como estando em busca de sua satisfação e não diretamente em busca do objeto (Freud, 1915a, p.169). Para a articulação pulsão-objeto, ele descreve uma evolução, particularmente em seu texto sobre o presidente Schreber (1911): existiria um tempo no qual cada pulsão opera livremente, cada uma por si, antes de sua unificação no, e graças ao investimento de objeto. Trata-se do que Freud chamou de “nova ação psíquica” (Freud, 1914, p.84) unificando o sexual disperso no investimento objetual. É nesta nova ação, na verdade dupla, que o “objeto revelador da pulsão” (A. Green, 1986) se objetalisa; é na emergência progressiva de um sujeito ego-corpo erótico que a pulsão mostra claramente sua “função objetalisante”. Neste sentido A Green apresentará, a seguir, a noção de “relação-acoplada pulsão-objeto” (Green, 2000, p.120) e postulará a necessidade de se pensar o par pulsão-objeto em suas “polaridades heterogêneas”. A pulsão sai, assim, de sua solidão metapsicológica, e o objeto, por sua vez, sai de seu enclausuramento nas acepções que o reduzem injustamente, nas teorias contemporâneas, a este ou àquele de seus aspectos ou funções. Indiscutivelmente, a noção de pulsão revela, melhor do que a de libido, os múltiplos níveis da relação com o objeto, porquanto ela impõe a complexidade da articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo.

Diante do problema, Paul Denis (1997) descreve a articulação pulsão-objeto através daquilo que denominou de “os dois formadores da pulsão”, ou seja, a posse e a satisfação, definindo os dois estatutos fundamentais do objeto exterior: “objeto de posse” e “objeto de satisfação”. O sujeito se utiliza do primeiro para “construir com ele uma satisfação pulsional”. Para o segundo, “os efeitos da relação com ele conduzem a experiências internas que compõem uma experiência de satisfação”.

De qualquer forma, tudo que a pulsão quer é a satisfação, sua realização sem demora, para o melhor ou pior, não faz diferença qual o meio utilizado, e, “*justamente devido à sua aptidão particular de tornar a satisfação possível que ele* (o objeto)





é agregado”⁶. É precisamente nesse ponto, na própria junção entre a pulsão e o objeto, no modo como a satisfação é tornada possível, que se revelam uma grande complexidade e o potencial polissêmico de cada um dos dois conceitos: o objeto e a pulsão.

E isto porque o fenômeno da satisfação está longe de ser simples devido à sua dualidade material e alucinatória. Isso leva J. Laplanche a se questionar sobre o sentido a ser dado a esta última: “*Nós vemos nela, ao menos dois [sentidos]: a alucinação da satisfação, isto é, a reprodução da pura experiência da descarga, mesmo na ausência desta, ou a satisfação pela alucinação, isto é, pelo próprio fato do fenômeno alucinatório... A satisfação pela alucinação pode ser perfeitamente concebida através do modelo do sonho; este, de fato, não traz uma satisfação do desejo, ele é realização de desejo, por meio de sua própria existência*” (Laplanche, 1970, p.122-124). É neste último sentido que concebemos toda satisfação.

Numa primeira abordagem, pode-se, talvez, pensar haver divergência com Freud (1900), que descreve a forma inicial a seguir: face à necessidade, uma impulsão psíquica (*Regung*) se investe e tenta reatualizar, sob a forma alucinatória, a experiência de satisfação. “*É a este movimento que chamamos de desejo*” (Freud, 1900, p.481, grifo nosso). Freud jamais retomará a noção de desejo tal como é descrita em 1900; por outro lado, as idéias de força, impulsão, de objetivo, de trabalho, resultarão na descrição da pulsão em 1915 (*Pulsion et destin de pulsion*), um modelo inteiramente mecanicista inserido numa concepção têmporo-espacial do psiquismo, uma visão, diga-se abertamente, adaptada aos conhecimentos de sua época. E é aqui que se coloca o problema do emprego que faz Freud do termo “movimento de desejo”, porque não se pode entender como uma sucessão temporal poderia ter lugar nos fundamentos psíquicos. Seria bem mais em termos de qualidade ou forma que poderíamos definir o sexual em sua constituição primordial (Botella; Botella, 1990).

De fato, do modo como compreendemos o espírito da *Metapsicologia 1900*, os dois sentidos, o de “*alucinação da satisfação*”, implicando um percurso e uma memória, e o de “*a satisfação pela alucinação*”, supondo que o fato mesmo de alucinar “*é*” satisfação, são inseparáveis e, no fundo, não passam de uma mesma coisa⁷. No entanto, vistos a partir de dois vértices (Bion) diferentes, pode-se diferenciá-los:

6. S. Freud (1915), “Pulsions et leurs destins”, dans *Metapsychologie*, Gallimard, p. 18-19, também em OC, t.XIII, p.169-170. Esta concepção da relação pulsão-objeto, Freud não se cansa de repeti-la desde os *Trois Essais*: “*É necessário concluir que não é o objeto que constitui o elemento essencial e constante da pulsão sexual*” (S. Freud, 1905, *ibid.*, p. 33).

7. A. Gibeault (1994), “*...a experiência da satisfação alucinatória do desejo, correlativa de um investimento de objeto antes de sua percepção, repõe em questão a distinção entre o sensível e o inteligível, entre o 'eu penso' e a 'coisa em si' próprios ao pensamento kantiano*”. “Contre-transfert et réceptivité”, *Revue française de psychanalyse*, 5-1994, número especial, Congresso, 1650-1658.





o desejo enquanto alucinatório em si, porque ele “é”, seria o *sexual primordial*; o desejo enquanto movimento, não reproduzindo a recordação da experiência de satisfação, mas tendendo em direção ao reencontro do estado de qualidade alucinatória, seria o que Freud descreve como pulsão sexual, vetorizada graças ao investimento de objeto, dito em outras palavras *o sexual infantil, forma organizada do sexual primordial*.

De fato, não há indicação em Freud de que o abandono da satisfação alucinatória face à persistência da necessidade – “o aparelho psíquico teve que se decidir a representar o estado real dos fatos do mundo exterior...” (Freud, 1911, p.14) – acarretaria uma mudança transformacional da própria natureza da satisfação. Uma de nossas hipóteses de base é a de que, neste caso, se trata de *desvio* pelo mundo, sem que a qualidade alucinatória da satisfação se apague por isso. A exemplo do desvio através das representações do “estado real” do mundo e do objeto para melhor assegurar a satisfação – “o pensamento não é senão um substituto do desejo alucinatório” (Freud, 1900, p.482), afirma Freud em 1900 – o contato não passaria, também ele, de um desvio, o corpo erógeno, também ele, não passaria de um substituto de um desejo alucinatório.

A mudança consiste num distanciamento, num afastamento, no espaço-tempo, da realização da satisfação alucinatória: diferir, “alongando” a via em direção à satisfação, frear a “velocidade”, a “*rapidez ultraligeira*” (Neyraut, 1997) da via pulsional direta que, de outro modo, entregue a ela própria, é Identidade de Percepção. Ainda hoje, em psicanálise, a adaptação à realidade não poderia ter um outro sentido senão o deste recuo, desta diminuição de velocidade e desta complexificação da organização psíquica. De alguma forma, um nomadismo alucinatório que se sedentarizaria ao investir territórios; delimitar, multiplicar, reagrupar, em detrimento do desenvolvimento livre do poderio alucinatório. A via prolongada, a “*marcha lenta*” (M. Neyraut, 1997), a extensão dos investimentos das redes de representações garantem o percurso das atividades pulsionais em direção à satisfação alucinatória, à permanência no tempo da vida psíquica. Em resumo, não seria justo dizer que o princípio do prazer se dobra diante do princípio da realidade; seria mais exato dizer que o princípio da realidade nada mais é que a forma que assumem os subterfúgios do princípio do prazer.

2a. Contato e alucinatório

De acordo com a concepção teórica que se adote, a relação pulsão-objeto será muito diferente. No entanto, não necessariamente incompatível. É suficiente que se veja a obra de Winnicott para que nos demos conta disso. Ele traz como solução a





incansável repetição das feridas precoces, uma técnica que poderíamos resumir em três pontos:

a) deve-se levar o paciente a uma “*regressão à dependência*”;

b) nesse clima, o analista é a mãe (Winnicott, 1954; Little, 1987); Winnicott pensa que nada pode ser resolvido enquanto o analista não confessar a si mesmo esse fato – e não disser ao paciente que ele (analista) foi tão inepto quanto a mãe (do paciente); da mesma forma, é justamente por estas carências que o paciente “utilizará”, algumas vezes, o analista, repetindo assim o fracasso do ambiente vivido anteriormente;

c) é atribuído ao *setting* analítico uma grande “elasticidade”, lembrando a técnica ferencziana. Os níveis de regressão da sessão são definidos pelo que, globalmente, pode-se chamar de “contato”. E isso tanto no sentido físico, a exemplo de M. Little, quanto no sentido psíquico de “ser tocado”, atento para com os afetos do paciente. O “contato”, considerado e teorizado pelos adeptos dessa técnica como fenômeno indispensável de uma técnica analítica que deseja ter acesso e remediar um passado carente precoce, suspende a compulsão de repetição que uma prática clássica não poderia superar.

A. Green, num dos seus últimos livros (Green, 2000), renovou a compreensão da compulsão à repetição. Seu estudo possui duas grandes virtudes: a primeira é que a compulsão à repetição não é necessariamente remetida, neste atalho vertiginoso que se encontra freqüentemente nos textos analíticos, à pulsão de morte. A repetição não é, portanto, da maneira como Winnicott o fez, fundamentalmente explicada pela fraqueza primária da mãe e do ambiente. A segunda é que A. Green introduz, no âmago da compulsão à repetição, a complexidade da dinâmica pulsão-objeto e provoca, desse modo, uma reviravolta na concepção das “carências precoces”. O paciente encontrava-se reduzido, até o presente, à condição de um “antigo bebê carente”, apresentando-se como uma “vítima definitiva” à qual nenhuma consolação de agora poderia trazer alívio, porquanto ele havia sido por demais marcado pelo sofrimento do seu início de vida. O analista – independentemente de quão “bom” ele seja – não logrará fazer passar suas interpretações, e mesmo as melhores ficarão sem efeito, ou de efeito meramente momentâneo, sem que alguma modificação seja produzida. A partir desta descrição da estrutura *borderline*, ele conferiu à noção de “carência precoce” sua complexidade: o “paciente-vítima” é tanto a) “o procurador” que acusa o analista de malefícios atuais tão nocivos quanto foram outrora os de sua mãe, quanto b) seu próprio “torturador”, ontem como hoje, em relação a si e, igualmente, em relação à mãe e ao analista. Este posicionamento pode hoje parecer uma subversão, devido ao fato de que somos enormemente impregnados pelas concepções contemporâneas “que inocentam” a criança, mas que não passa de um retorno às origens,





à sexualidade infantil, à criança “perversa-polimorfa”. Uma vez que o intersubjetivo encontra seus fundamentos intrapsíquicos, o analista recupera seu lugar. E o analisando volta a ser o “artesão” de sua neurose, mesmo que esta esteja impregnada de um sofrimento insuportável devido à falta de distinção entre sujeito-objeto, presente-passado, própria ao funcionamento do ego regredido dos *borderlines*.

Desde agora, podemos emitir a hipótese de que “a mãe insuficiente”, encontrada nas análises dos pacientes *borderline*, é uma formação psíquica, e se evitará reduzi-la a uma simples realidade triste do passado. A formação psíquica, dita “objeto primário insuficiente”, seria o resultado de um trabalho de elaboração do ego do paciente; uma elaboração constituída principalmente, ao longo da infância, mas modificada pelos movimentos psíquicos do “a posteriori”. O psiquismo da criança criaria um “*objeto rígido*”, investido maciçamente, que o fixaria para sempre no sofrimento e que seria o oposto daquele descrito por Bollas, o “*objeto transformacional*” (Bollas, 1986): um objeto supostamente capaz de tudo resolver, capaz de transformar toda desventura em bem-aventurança.

Segue-se então uma pergunta: é necessário que se contraponha uma análise de inspiração winnicottiana, baseada na “regressão à dependência” que dá prioridade ao contato (físico e/ou psíquico), “uma análise regressiva”, à análise do infantil em toda sua dimensão intrapsíquica? Não é nisso que acreditamos. Toda análise deve ser organizada por estas duas modalidades. Foi para tornar claro nosso propósito que, deliberadamente, fizemos a exposição de um modo radicalizado, mas estes dois tipos de análise são, de fato, inextrincavelmente entrelaçados e uma e outra devem ser compreendidas de modo nuançado. Sobretudo porque seu fundamento comum, alucinatório, torna supérflua esta separação.

Queremos com isto dizer que, de acordo com nossa leitura da *Metapsicologia 1900*, o objeto do contato, por mais indispensável que ele seja em si mesmo, não é menos o suporte perceptivo da realização da *satisfação pela alucinação* do que o sonho é o suporte de sua realização sob a forma endoperceptiva de uma figurabilidade⁸. Nós defendemos a tese de que a vida psíquica é atravessada, de ponta a ponta, pela pulsão, com a tendência a se realizar sob sua forma inicial, alucinatória. Isto é

8. Existem igualmente os traços perceptivos dos “restos” sensoriais auto-eróticos dos duplos auditivos e especulares no seio do investimento de cada representação de palavra. Quanto às imagens visuais, B. Lewin (1968), em “Le passé en images” (*Revue française de psychanalyse*, 4-1990, p.1044), descreve um período da infância em que pensamento e imaginação têm essencialmente um caráter visual, período do “pensamento em imagens”. Para Lewin (ibid., p.1052): “São as imagens que predominam no modo de pensamento e nos sentimentos da criança. As imagens precedem a ação, mesmo se esta última segue de perto...: a energia está aqui livre.” “Pensamento em imagens”, que não se limita a um antes da linguagem, mas, de uma maneira mais ou menos intensa de acordo com os indivíduos, mantém-se ao longo da vida. Se bem que, ‘quanto mais os homens envelhecem, mais seu pensamento é soberano e mais eles perdem seus poder de visualização’”.





evidente, durante a noite, na autopercepção de um sonho; oculto, durante o dia, pelo investimento dos órgãos dos sentidos.

2b. “O objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória”

Não obstante uma aparente simplicidade, o estatuto do objeto, em Freud, não pode ser reduzido a um objeto diretamente apreendido, exceto no que concerne suas concepções dos anos 1910, as quais mais adiante chamamos de *guinada genética dos anos 1910*, que simplifica particularmente a concepção analítica do objeto. O artigo de 1925, “A negativa”, na nossa enésima leitura, continua suscitando reflexões: “*Agora não se trata de saber se alguma coisa percebida [ein Ding] deve ou não ser acolhida no ego, mas se alguma coisa presente no ego como representação pode também ser reencontrada na percepção (realidade)... A experiência ensinou que não é somente importante saber se uma coisa⁹ (objeto de satisfação) [ein Ding: Befriedigungsobjekt] possui a ‘boa propriedade’, e portanto merece ser acolhida no ego, mas ainda saber se ela está lá no mundo exterior de modo que dela se possa lançar mão, se for necessário ... A finalidade primeira e imediata do exame da realidade não é, portanto, a de encontrar na percepção um objeto que corresponda ao representado, mas o de encontrá-lo ...*”¹⁰. A dificuldade terminológica que nós acreditamos descobrir em 1925 na aproximação entre os termos de “objeto percebido” e de “objeto de satisfação” e o de “ein Ding” nos faz retornar à *Métapsychologie 1900* na esperança de encontrar aí algum esclarecimento. A obra *Projeto* (1895) parece trazê-lo: “*Nós já podemos ver que, no momento em que se estabelece a função do julgamento, as percepções despertam o interesse em decorrência de sua possível conexão com o objeto desejado (Wünschobjekt). Seus complexos encontram-se assim divididos em uma fração não assimilável (o objeto) [in einem unassimilierbaren – das Ding] e uma outra fração revelada ao ego através de sua própria experiência (as “propriedades”, ou atividades do objeto).*”¹¹. É justamente esta fração não assimilável [das Ding], relacionando-se portanto ao “objeto percebido” e ao “objeto de satisfação”, que chamou nossa atenção, naquilo em que ela não seria susceptível de poder ser

9. Uma coisa: Das Ding.

10. S. Freud (1925), “La Négation” [A Negativa], *OC*, t.XVII, p.169. Trata-se de uma idéia sugerida mais de uma vez, especialmente em *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (1905): “*Encontrar o objeto sexual nada mais é, na verdade, que reencontrá-lo.*”

11. S. Freud (1895), *Esquisse d'une psychologie scientifique*; G.W. Nachtragsband, 1885-1938, p. 457. Anne Berman, numa passagem destacada por nós, *uma fração não assimilável (in einem unassimilierbaren – das Ding)*, traduziu *das Ding* por objeto, perdendo-se então a diferença com a “fração assimilável”, aquela de propriedades do objeto. *La Naissance de la psychanalyse*: PUF, 1969, p.376.





revelada ao ego. Isto fez com que Lacan dissesse: “...*está claro que aquilo que se trata de encontrar não pode ser encontrado. É de sua natureza que o objeto é perdido enquanto tal*” (Lacan, 1959). Levando-se em conta, acrescentará ele que: “... *este objeto não esteve, afinal, jamais perdido, embora se trate essencialmente de reencontrá-lo*” (ibid, p.72).

A *fração* [das Ding], embora seja *não assimilável*, não apresentável ao ego – e por definição não representável – não deixará de ser um dos constituintes dos processos perceptivo-alucinatorios, mesmo que o fosse somente por sua negatividade. Nós procuramos descrever esta fração através do termo de *objeto-perdido-da-satisfação-alucinatoria*: aquilo em direção a que tende a pulsão e que o ego não pode reconhecer, portanto não pode reencontrar, apreender. Nós tomamos a liberdade de nos inspirar em nosso artigo de 1992 (Botella; Botella, 1992), porque não saberíamos falar melhor, ainda hoje, sobre a complexidade deste objeto primordial e da concepção do perceptivo que dele decorre.

O hiato entre o objeto percebido e aquele que o percebe não poderá ser preenchido. O sujeito que percebe estará sempre afetado pelo fracasso da solução alucinatoria, pela marca de sua própria existência no objeto da satisfação, para sempre perdido. Ao abrir os olhos para o mundo, ele procura desesperadamente seu *objeto-satisfação*. Mas ele encontrará tão somente a marca de sua perda, iludindo-se no júbilo diante de sua própria imagem no espelho ou na perseguição pelo duplo. Se pensarmos no sujeito que percebe, Lacan tem razão: “*A substância do sujeito nada mais é que o gozo do qual ele está separado*”.

Esta marcação pelo “*objeto-perdido-da-satisfação-alucinatoria*” representa permanentemente um verdadeiro apelo pulsional ao qual aquele que percebe está continuamente submetido – salvo quando ele tem êxito no desempenho regrediente do acesso à via real da satisfação alucinatoria do sonho. O apelo pulsional, mantido desperto noite e dia, teria por destino a *satisfação pelo alucinatorio*. Mesmo a realização de um desejo em ato não teria o verdadeiro valor de realização senão com a condição de se fazer acompanhar, duplicado alucinatoriamente, isto é, com a condição de que aquele que percebe possa encontrar aí o vestígio de sua própria existência perdida no fracasso do *objeto-satisfação-alucinatoria*.

A relação entre aquele que percebe e o “*objeto-perdido-da-satisfação-alucinatoria*” não é, evidentemente, da mesma ordem daquela da relação da ordem representacional sujeito-objeto, que está na base de toda explicação da dinâmica da neurose. Indiferente à temporalidade, à localização, aos conflitos, ela não produz trabalho psíquico, nem é um produto deste último, assim como também não se encontra na origem de um desenvolvimento no espaço-tempo. Seus efeitos podem ser mais bem comparados a uma expansão do que a um progresso. Essa relação representa a





possibilidade de suspensão e de extensão dos limites entre interior e exterior, entre o ego e o mundo, entre o “já-visto” [*déjà-vu*] e o desconhecido, o familiar e o estranho. A relação entre aquele que percebe e o “objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória” abre o caminho para a percepção da falta, fundamento da qualidade consciente de toda percepção, seja o objeto uma representação, um objeto concreto, uma fantasia ou um sonho.

Aquele que percebe não seria verdadeiramente nem o Sujeito nem o Eu [*le Je*]; ele está próximo do ego-corpo, de um investimento de alguma coisa da corporeidade em ligação com o “objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória”. Ele representa o potencial auto-erótico da via regrediente à qual toda a representação “retorna à imagem sensorial de onde ela um dia saiu” (Freud, 1900, p.461). É esta qualidade sensorial, alucinatória, daquele que percebe, que provoca a evidência de existência, de realidade do percebido¹². O “objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória”, “fração não assimilável”, não apresentável do ego à consciência, está mais próximo do traço deixado como tal, a própria carne daquele que percebe, do que de algo de separado, de autônomo. Não passível de conhecimento em si, ele não pertence, evidentemente, à ordem de um objeto no sentido analítico habitual; ele é mais comparável a um entalhe, a uma marca em baixo relevo, revelando “sua conexão” com o objeto primordial da sexualidade infantil.

Quando Freud retorna ao estudo do sonho, em 1915, em *Suplemento metapsicológico à teoria do sonho*, ele é impulsionado por duas razões: a primeira é a de aproximar a teoria do sonho de sua recente descoberta do narcisismo um ano atrás (Freud, 1914); e a segunda é a de retomar a noção de regressão sob o ângulo da regressão formal, conseqüência da regressão narcísica. Nós voltaremos a esta questão para estudarmos mais detalhadamente o que aqui está em jogo para a teoria analítica. Por enquanto, desejamos salientar o fato de que este texto, embora tão audacioso e fundamental, provoca um sentimento de recuo, quando estudamos detalhadamente uma de suas passagens, impressão de que, diante da amplidão teórica do assunto, comparável à dos sonhos dos anos 1900, Freud foi tomado por uma espécie de timidez, como se pensasse já ter ido longe demais. Por que em 1915, no exato momento em que ele compreende claramente que o desejo e a sua realização na alucinação do autor do sonho (“*são as partes mais essenciais do trabalho sobre o sonho*”), se apressa ele a declarar que o sonho é uma “*psicose alucinatória do desejo*”? Uma “*psicose inofensiva*”, repetirá ele novamente em 1932¹³. Mas tarde ele insistirá, em

12. Seguindo a *Metapsicologia 1900*, nós defendemos, desde 1992, a origem pulsional da percepção.

13. S. Freud (1932), *Nouvelle suite des leçons*, Gallimard, e também *OC*, t. XIX, cuja equipe de tradutores preferiu utilizar o adjetivo “anódino”.





1936, ao tratar o sonho de “*construção anormal... de modelo de desordem anímica*” (Freud, 1936, p.227). Ora, dizer que o sonho é uma psicose supõe o fato de que a dita psicose alucinatória não passe da própria natureza do desejo. Esta idéia já está implícita em sua conclusão de 1900: “*O desejo, portanto, termina em alucinatório*” (Freud, 1900, p.481), o que, indiretamente, ele confirma num outro artigo de *La Métapsychologie* naquele mesmo ano de 1915: “*A atividade psíquica inconsciente nos aparece ... como uma forma derivada do animismo primitivo.*”¹⁴

Essas considerações, que enriqueceram a obra, nos levam a formular a hipótese de que o desejo, em sua forma primordial, representa uma ameaça de psicose alucinatória à qual o ego diurno, pré-consciente, se deve confrontar incessantemente para torná-la compatível com o Princípio de Realidade. Seu melhor meio de combatê-la seria o de transformar a dita psicose em concretude, em investimento da materialidade do objeto. *De dia, a busca alucinatória transforma-se em busca de contato*, através dos órgãos dos sentidos e/ou das representações das palavras, da voz¹⁵. Entre a alucinação e o contato, o ego diurno trabalha no âmago de um psiquismo que não saberia renunciar àquilo que o funda: a qualidade alucinatória. A prática analítica tem todo o interesse em observar esta tensa relação entre contato e alucinatório e em não querer reduzi-la ao privilegiar um ou outro.

2c. O sexual primordial

Do ponto de vista metapsicológico, seria heurístico conceber uma qualidade *sexual primordial*, fundamento da sexualidade infantil. O sexual primordial corresponderia à ligação da pulsão ao “*objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória*”. Um sexual alucinatório estendendo-se sobre a via regrediente, pano de fundo da sexualidade infantil que, ao contrário, poderia empreender sua busca de objeto na via progressiva “pavimentada” pelas representações das zonas erógenas, sabendo reconhecer e dando lugar ao objeto e, mesmo em seus extravazamentos de amor ou ódio, conservando as marcas de seus territórios¹⁶.

14. Freud (1915), L'inconscient, em *Métapsychologie*, Gallimard, 1968, p. 74, trad. dirigida por J. Laplanche e J.B. Pontalis, e também nas *OC*, t. XIII, p. 212. Aqui os tradutores preferiram a expressão “prolongação longínqua do animismo primitivo”.

15. Christopher Bollas (1997) descreverá a voz como tomando lugar do contato físico por ocasião da regressão da sessão. “Des mots pour le dire », *Révue française de psychanalyse*, 1-1977, p. 203-208.

16. Talvez se possa fazer aqui uma aproximação com o que Anna Pota Mianou, inspirando-se em René Thom, qualifica de *pregnância* e de *saliência* da vida psíquica. A. Pota Mianou (1995), *Processus de répétition et offrandes du moi*, coll. “Champ psychanalytique”, dirigida por Elsa Schmid-Kitiskis, Delachaux & Niestlé.





Winnicott no final de sua obra chega a uma concepção semelhante. Ele estabelece uma diferença entre aquilo que denomina os “elementos masculinos e os elementos femininos em estado puro” no âmago da vida psíquica: “*O elemento que chamo de ‘masculino’, quero ressaltar, circula nos dois sentidos: ligar-se ativamente à, ou ser passivamente ligado a ambas as atitudes, apoiando-se, uma e outra, sobre o instinto. É neste sentido que falamos de moção pulsional ‘instinct drive’ na relação do bebê ao seio e à alimentação, depois na relação com todas as experiências que interessam às principais zonas erógenas e ainda na relação às pulsões e satisfações subsidiárias. Minha hipótese é a de que o elemento feminino puro, este, está ligado ao seio (ou à mãe) num sentido bem diverso: o bebê torna-se o seio (ou a mãe), o objeto é, então, o sujeito. Não vejo aí nenhuma moção pulsional*” (Winnicott, 1971, o grifo é de Winnicott).

“Eu não vejo aí nenhuma moção pulsional.” Uma afirmação desta natureza tem um peso considerável. Não obstante, Winnicott mostra-se, aqui, surpreendentemente pouco preocupado em explicitar suas fontes: a de Freud para a indistinção bebê-mãe¹⁷; a de Fairbairn, possivelmente, para o não-sexual do *feminino puro*. Ele poderia também ter mencionado a noção freudiana de pulsão de autoconservação, a qual Freud hesitou, por algum tempo, em alinhar ao lado do Eros. A consequência de uma tal asserção a respeito da sexualidade infantil poderia chegar a transformar a prática analítica; ela poderia servir para a justificação de práticas que, sem isso, colocam problemas consideráveis. Pergunto então: neste contexto, o testemunho de M. Little que dá um lugar preponderante ao contato, ao tocar, deve ser visto como um exemplo de uma análise dominada pelo “*elemento feminino puro*” e, conseqüentemente, se deveríamos considerar esse tratamento, em seus momentos regressivos, como isento de toda pulsionalidade, de todo desejo e satisfação eróticos, mesmo estas sendo ternas?

Winnicott tem, sem dúvida, razão quando estabelece uma diferença no âmago da vida psíquica entre um elemento pulsional que “*circula nos dois sentidos*”, investe as zonas erógenas, lugar de contato com o “*objeto objetivo*”, e um elemento que não circula, que “*é*”. Mas por que o segundo não seria sexual? Por que não haveria aí um sexual que se liga ativamente ao objeto, ou que é passivamente ligado ao objeto, e um sexual que se manifesta na indistinção sujeito-objeto? Como não seguir Freud e colocar sua afirmação de 1926, contida numa carta a Marie Bonaparte, “*O erotismo oral*

17. Em várias passagens de sua obra, *L'inquiétante étrangeté (1913-1919)*, *La négation (1925)*, *Inhibition, symptôme, angoisse (1926)*, *Malaise dans la civilisation (1936)*, mesmo no final, em *l'Abrégé* e nas notas de verão de 1938 (*Résultats, idées, problèmes*, t. II), Freud descreve a indistinção entre o bebê e a mãe que caracteriza, nos primeiros tempos, o psiquismo do bebê.





é a primeira manifestação erótica, assim como o mamilo é o primeiro objeto sexual”¹⁸, no contexto da indistinção originária bebê-mãe à qual recém fizemos menção, e que foi formulada enfaticamente na nota de 12 de julho de 1938: “*Eu sou o seio. Somente mais tarde: eu o tenho, isto é, não o sou ...*” (Freud, 1938a, p.287).

O que consideramos ser o *sexual primordial* é essa manifestação pulsional na indistinção sujeito-objeto, fundamento de toda a sexualidade de onde emergem, sobre o adubo auto-erótico, as formas ao contato com o mundo, o que Freud denomina de sexualidade infantil perversa polimorfa. Caracterizada pela indistinção regrediente-representação-alucinação, o *sexual primordial*, inserido no coração do desejo sexual infantil, permanece sempre uma potencialidade que pode ser ativada e, de acordo com as circunstâncias, a satisfação alucinatória surgirá, graças à regressão da noite sob a forma endoperceptiva de um sonho, e de dia, graças ao contato do objeto, sob suas múltiplas formas da vida acordada: erótica, afetiva, intelectual, narcísica ... cujo valor dependerá do suporte alucinatório que a ela subjaz.

Não fazendo a diferença do que vem do objeto daquilo que lhe é próprio, o *sexual primordial* é solidário da noção de narcisismo primário qualificado por Freud, em 1938, de *absoluto* (Freud, 1938c): o seio pertence à criança da mesma forma que a sua boca. Tendendo à sua realização alucinatória, o *sexual primordial* perpetua o “*Ego-prazer purificado que coloca o caráter de prazer acima de qualquer outro*”¹⁹. Desta forma, o *sexual primordial* tem, ao mesmo tempo, o valor de percepção e de ato, de alucinação e de contato²⁰. Seu objeto único sendo o *objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória*, caso ele obtenha satisfação através do objeto real, do objeto interno, da fantasia erótica ou sublimada, ele não reconhecerá coisa alguma da diferença. Visto deste ângulo, Jean-Claude Rolland (1997) tem razão ao afirmar que “*a experiência infantil é uma experiência autêntica, mas sem sujeito e, portanto, sem vivido*” (Rolland, 1997). Com o desenvolvimento do psiquismo, o *sexual primordial*, repetindo, não se transforma, em todo caso, não na sua constituição de fundo, ao contrário, ele multiplica, enriquece com sua tendência alucinatória, sem fronteiras, anistórica, os elementos próprios à sexualidade infantil. Da mesma forma, o caráter anímico do inconsciente e a espontaneidade alucinatória dos desejos reprimidos tes-

18. S. Freud (1926), “Lettre du 16 avril 1926 a Marie Bonaparte”. In: E. Jones, *La vie et l'oeuvre de S. Freud*, t. III, PUF, 1969, p. 502.

19. S. Freud, primeiramente em 1915, “Pulsions et destin des pulsions”, p. 28, em *Métopsiologie*, e também OC, t. XIII, p. 182, PUF, e depois em 1925, “La Négation”, em *Résultats, idées, problèmes*, t. II, p. 137.

20. André Green (1994) coloca “a unidade superior do contato” nestes termos: “*A teoria do contato não é a teoria da satisfação pulsional realizada unindo efetivamente a pulsão e seu objeto, mas...incluindo ao mesmo tempo sua efetividade e sua potencialidade... (ela) não pode ser realizada a não ser no trabalho de representação*” (“Le moi et la théorie du contact”, em *Les voies de la psyché*. Homenagem a Didier Anzieu, Dunod, p. 220.





temunham a sua presença²¹.

O *sexual primordial* impõe o *pleasure seeking* sem nuances, sem temporização, sem discernimento, até à loucura, no amor como no ódio, na dor, na possessão como na rejeição e na destruição. No seu desenvolvimento, ele conhece o assassinato do objeto²². Eis porque Winnicott tem razão ao estabelecer uma sucessão de fatos: “O sujeito se liga ao objeto. O sujeito destrói o objeto. O objeto sobrevive. O sujeito pode utilizar o objeto” (Winnicott, 1966), um processo que a criança para se constituir deve experimentar repetidas vezes.

Nesse sentido, no que nos concerne, desde o início de nossos trabalhos, temos insistido sobre as incontornáveis imbricações existentes entre o investimento do objeto e os movimentos regressivos, emitindo a hipótese de que, cada noite, na regressão narcísica do sono, a corrente de desinvestimento dos objetos reais iniciada com o fechar dos olhos continua em direção a um desinvestimento da representação do objeto²³. Hoje, nós pensamos que este desinvestimento da representação do objeto é um efeito da liberação do *sexual primordial*, devido à regressão narcísica do sono. Este desinvestimento tem tendência a generalizar-se a todas as representações, é o temor da perda de toda representação, de uma “*não-representação*” que, pela aflição que ela engendra, daria uma impulsão ao ego noturno para figurar e reinvestir alucinatoriamente o mundo de representações de objetos, para sonhar.

Nos processos regressivos facilitados pela situação analítica, o *sexual primordial* está presente e efetivo apoiando todo o movimento, assim como todo conteúdo transferencial latente ou manifesto. Portador e portado pelas expressões regressivas transferenciais, o *sexual primordial* só pode ser estudado simultaneamente àquilo que o faz emergir: a regressão. Eis uma noção atualmente negligenciada, desde sempre simplificada, embora seja um vetor indispensável do funcionamento psíquico.

Robert Barande fez, em 1965, um longo e interessante estudo²⁴ no qual ele aborda os pontos litigiosos da noção de regressão. No que diz respeito aos outros

21. S. Freud (1911), *Formulations sur les deux principes de l'advenir psychique*: “Le caractère”: “O mais desconcertante dos processos inconscientes...resulta no fato de que...a realidade de pensamento é assimilada à realidade efetiva externa, o desejo à realização, ao acontecimento...” Posteriormente, um ano depois, em 1912: “Sur la dynamique du transfert: “as moções inconscientes...aspiram a se reproduzir em conformidade com a atemporalidade e a capacidade alucinatória do inconsciente” (OC, t. XI, p. 20 e p. 116).

22. Nós aludimos aqui à transcrição e tradução realizada por Martine Lussier de um esboço inédito de Freud e de sua conferência intitulada “Wir un der Tod”. Martine Lussier faz no artigo que o acompanha, “Nous et la mort et son esquisse”, um estudo circunstanciado da conferência e de seu rascunho onde ela analisa as ligações possíveis entre inconsciente, morte e ato assassino. *Revue française de psychanalyse*, 3-2000, 927-942.

23. Especialmente nas “Notes cliniques sur la figurabilité et l'interprétation”. *Revue française de psychanalyse*, 3-1983, 756-776.

24. “Rapport du Colloque de Deauville” (1965). *Revue française de psychanalyse*, 4-1966, retomado em *Parcours d'un psychanalyste, son esthétique et son éthique*, Pro-Édi, 1989.





trabalhos que consultamos, os autores encaram a regressão de acordo com seus próprios pontos de vista: de Paula Heimann e Susan Isaacs (1952), passando por Balint (1959), Winnicott e Masud Khan (1974)²⁵. No entanto, o mais desagradável é que a definição de regressão varia segundo os autores, inclusive Freud, de acordo com os períodos de sua obra. Ele lhe atribui uma multiplicidade de sentidos que não deixa de apresentar algumas ambigüidades, como salientou Lacan (1955). E isto teve repercussão na compreensão dos processos regressivos que são próprios à sessão analítica.

Esta dificuldade encontra-se novamente nas teorias pós-freudianas que levam a práticas diversas mais ou menos distantes do paradigma freudiano. Uma distinção entre *Regressão* no sentido de *regressão à dependência* de Winnicott, *Regressão libidinal* no sentido freudiano, e o que nós propomos através do termo *Regrediência*, faz-se necessária, a fim de melhor cernir não somente a dinâmica transferencial-contratransferencial, mas também outras questões que tentaremos abordar nos capítulos seguintes.

II – A regressão

“Tudo aquilo que uma criança de dois anos já pode ver sem compreender, pode bem jamais voltar à sua memória exceto em seus sonhos. Somente o tratamento analítico será capaz de fazê-la conhecer estes acontecimentos.”

S. Freud, 1938²⁶

1. As questões

A hipótese na qual nos baseamos para a exploração da ligação entre o sexual e a figurabilidade é a seguinte: no coração do sexual infantil, este “... *ver sem compreender*...” – Freud dirá em outro lugar que isto é próprio da criança antes da aquisição da linguagem – tem ele uma parte ligada à endopercepção de um sonho adulto? Sonho este que o adulto “*vê sem compreender*”, sonho que está, como diz Freud, em 1917 “*destinado a permanecer incompreendido*”²⁷. Contrariamente ao que ocorre

25. Em especial cap. XI.

26. S. Freud (1938), *Moïse et le monothéisme*, p. 184. Grifo nosso. Utilizamos a tradução de Anne Beriman, ed. Gallimard, 1984. Eis aqui o texto em alemão (Gesammelte werke, tomo XVI, p. 234, Fischer Verlag, 1999): “*Was die Kinder im Alter von zwei Jahren erlebt und nicht verstanden haben, brauchen sie ausser in Träumen nicht zu erinnern.*”

27. S. Freud (1917), *Introduction à la psychanalyse*: “*O sonho não se propõe a dizer coisa alguma a quem quer que seja, e, longe de ser um meio de comunicação, ele está destinado a permanecer incompreendido*” (trad. S. Jankélévitch, Payot, 1949, p.253).





durante a vida diurna do adulto no decorrer da qual, em princípio, *ver* é identificado a *compreender*, encontramos durante a regressão do sono a dissociação originária²⁸ entre *ver* e *compreender*. Uma dicotomia que não se deixa ser pensada através de conceitos, uma experiência infantil não acessível ao pensamento do adulto. Exceto “*no tratamento analítico*”, no encontro daquele que sonha com a escuta do analista, na concordância de dois inconscientes (Viderman, 1970; M. de M’Uzam, 1976, 1977, 1994) marcados pela regressão transferencial. A regrediência do sonho e a regressão transferencial juntam-se num trabalho psíquico que representa o único procedimento capaz de criar este mínimo de inteligibilidade que dá acesso à formação de um conteúdo representacional portador de alguma coisa deste “ver sem compreender” do passado do analisando.

Uma primeira discussão se impõe devido ao fato de haver uma controvérsia entre os tradutores desta passagem de “Moisés e o monoteísmo”: “*Was die Kinder im Alter von zwei Jahren erlebt und nicht verstanden haben...*”. A escolha de Anne Berman ao traduzir a palavra *erlebt* por *ver* não está isenta de conseqüências. Numa tradução mais recente, Cornélius Heim²⁹ preferiu a formulação *vivido sem compreender*. Da mesma forma na edição *Standard*³⁰ Strachey preferiu traduzi-lo por *experienced*; na tradução espanhola Lopez Ballesteros utiliza o termo *vivenciar*³¹. Os germanistas que consultamos nos confirmaram a tradução de *erleben* por “viver, fazer a experiência de”; acrescentando também o possível significado de “assistir a, ser testemunha de”. No entanto, *erleben* não poderia ter jamais o significado de “ver”, próprio à visão. A escolha feita por A. Berman poderia ser justificada pelo fato de que a expressão francesa: “il a beaucoup vu” poderia ser traduzida por *Er hat viel erlebt*. De qualquer forma, do ponto de vista do psicanalista, as duas interpretações são válidas. E isso a tal ponto, que gostaríamos de poder utilizar as duas palavras simultaneamente, uma espécie de “vivido-visto”. Neste contexto, a escolha do termo “ver” parece-nos evidente, porquanto este sugere uma relação possível com a endopercepção do sonho e nos abre caminho em direção ao nosso tema central, a figurabilidade, na condição de único meio de acesso possível às zonas psíquicas do paciente

28. Esta é uma idéia próxima àquela de J-François Lyotard que advogava a favor do respeito de uma dissociação primitiva e constitutiva do sentido entre o visível e o dizível (*Discours, Figure*, 1985. Ed. Klincksieck).

29. “*Aquilo que as crianças de dois anos viveram sem o compreender não poderão jamais lembrar-se fora dos sonhos*” (*L’homme Moïse et la religion monothéiste*, trad. Cornélius Heim, Gallimard, Folio-Essais, 1986, 1995, p. 228).

30. Volume XIII, p.126.

31. *Obras Completas*, t. 9, Biblioteca Nueva, p.3317.





que não podem ser representáveis. Para o *sexual primordial*, “fora da linguagem”, *viver* e *ver* são uma mesma coisa³².

Nossa experiência nos ensina a cada dia que os acontecimentos ocorridos “*antes da linguagem*” e seus efeitos traumáticos, em particular certas emoções e afetos, não podem ser “ouvidos” pelo analista, senão graças a uma figurabilidade, a um percurso anterior de seu pensamento na via regrediente implicando seu psiquismo bem mais amplamente que as cadeias de representações de palavras e de coisas, pré-conscientes ou inconscientes.

Revivido ou reapercibido? A questão é fundamental. Ela abarca a noção de regressão, sua definição, seu destino e suas conseqüências no tratamento. Winnicott compreendeu-a bem, ele diz: “*Isso que eu quero aqui mostrar é que no começo – felizmente para nós – Freud se interessou não pela necessidade do paciente de regredir na análise, mas naquilo que acontece na regressão analítica, quando a regressão não é necessária; quando é possível aceitar como um fato o trabalho realizado pela mãe e pela adaptação ambiental inicial na anamnese do doente*” (Winnicott, 1954).

Esta citação de Winnicott ressalta conseqüências teórico-práticas importantes para o analista, de acordo com a compreensão que ele tem da noção de regressão. No que nos diz respeito, distinguiremos a concepção freudiana, a de “*regressão libidinal*”, na qual a regressão é concebida como limitada ao domínio intrapsíquico e aos pontos de fixação próprios à psicose; a “*regressão à dependência*”, ao objeto analista que Winnicott definiu e considerou mais profunda e indispensável para tratar dos pacientes *borderline* e certas estruturas psicóticas; e, no pólo oposto, “*a regrediência e a regressão formal do pensamento do analista em sessão*” que nós desenvolveremos amplamente neste trabalho.

A crítica que Winnicott faz da noção de regressão em Freud, no fundo, não está errada. No espírito pragmático bem anglo-saxão, ele chegará à concretude de uma dependência do paciente, considerada como a repetição idêntica da sua vivência na condição de bebê em relação à mãe na qual o analista “é” a mãe (Winnicott, 1954, p.134). Nós sabemos que a teoria winnicottiana, ao generalizar o sentido de “vivido”, chegou a modalidades técnicas nas quais nós já destacamos a importância do contato.

Viver na “regressão à dependência” e *ver* no sonho assim como no pensamento regredido do analista propiciando a figurabilidade seriam os dois extremos – cuja oposição e complementaridade possível devem ser estudadas – de uma pesquisa sobre a técnica analítica que diz respeito a este “*antes da linguagem*”. A primeira modalidade restringe o analista por um prazo mais ou menos longo, de modo mais ou

32. “*Erlebnis que precede o conhecimento... e mistura intimamente aquilo que já se passou àquilo que então aparece*” (Augustin Jeanneau, 1990), *Les délires non psychotiques*, PUF, p. 154.





menos importante, a uma ação de sua parte, devido ao fato de que ele está tão impregnado por sua “convicção” da realidade de um retorno ao passado, fazendo dele “a mãe num certo período do passado” (Winnicott, 1954).

A outra modalidade, a *regressão formal do pensamento do analista*, cria neste, igualmente, a firme “convicção” de que seu trabalho de figurabilidade lhe dá também condição de *ver* e *compreender* o “vivido” anterior, fora da linguagem, de seu paciente. Nisto, os dois se aproximam de “Construções” (Freud, 1937) em que a convicção se torna o equivalente de um retorno da recordação, assume o papel da rememoração.

2. A regressão regrediente

No início, regressivo e regrediente, regressão e regrediência eram sinônimos. Breuer foi o primeiro a ressaltar a idéia de uma análise retrospectiva da excitação; por este meio ele tentava explicar, nos *Études sur l’hystérie* (em abril de 1895), o caráter alucinatorio dos sonhos enquanto finalização de uma corrente “*retrogradante*” (*rétrogradant*) da excitação: “*Creio mesmo que num estado alucinatorio normal – digo no sono...uma excitação “retrogradante” do aparelho perceptor...é, portanto, de norma*” (grifo de Breuer) (ibid p.150). Um pouco mais tarde (outubro de 1895), Freud retoma, no *Projeto*, a noção de movimento retrógrado: “*Uma particularidade do sono e de sua capacidade de reverter toda a situação: ele pára a descarga motriz... e torna possível uma descarga retrógrada... poderíamos examinar a natureza do processo primário salientando... que somente uma inibição provinda do ego nos ensina a jamais investir W de modo a permitir-lhe transmitir retrogressivamente... é a quantidade (Q) que condiciona a alucinação... os sonhos são realizações de desejos ... os investimentos através de desejos primários possuem, também eles, um caráter alucinatorio.*” Tudo, ou quase tudo, é desta forma, por assim dizer, de uma só vez.

O esquema então utilizado no *Projeto* é bem distinto daquele que será usado cinco anos mais tarde no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*. Em 1895, ele imagina uma circulação entre diferentes elementos (neurônios, mas pode-se também pensar, elementos metapsicológicos: representações, percepções...) através de uma zona (“barreira de contato”) exigindo uma desobstrução. Tal facilitação se faz diferentemente de acordo com o estado em que o sistema se encontra: desperto ou dormindo. A alucinação é aí tratada na condição de produto de uma certa modalidade da facilitação denominada “*retrógrada*”, resultando de uma inibição de uma outra modalidade de facilitação. Isto, sem que esta seja, tanto quanto sabemos, denominada *progradiente* e sobretudo sem que as duas modalidades de facilitação sejam postas





em oposição dialética de forças, nem em Breuer tampouco em Freud³³.

De fato, no “*Projeto*”, nos encontramos numa outra tópica distinta daquela dos conflitos de instâncias. A temporalidade, quando se apresenta, é aquela bem particular, do à posteriori em que o passado, até então inativo, se não inexistente do ponto de vista psíquico, se apresenta transformado numa atualidade. É o presente que o torna ativo *a posteriori*. Trata-se de uma tópica dos estados de qualidade psíquica que, diferentemente daquela encontrada no esquema do Cap. VII, não tem necessidade alguma de localização espacial ou temporal para explicar a alucinação e o sonho, o caráter essencialmente alucinatório dos processos primários e do desejo. Isto quer dizer que, em seu sistema explicativo, o “retrogradante” não tem necessidade de estar associado à idéia de volta para trás, de regressão a um ponto do espaço ou a um movimento anterior, ao primitivo, ao arcaico. Não há necessidade alguma de uma oposição dialética regrediente-progrediente para a representação de uma mudança. O grande interesse que isto representa para nós é o seu poder explicativo, é que ele nos leva a uma melhor compreensão do que é o “*ver sem compreender*”, do que são os “estados” psíquicos, quando a quantidade de investimento representa o tamanho absoluto, total, do investimento, quando a corrente regrediente se desenvolve sem restrição espacial ou temporal e cria o campo alucinatório. Ele nos permite conceber um processo de condensação a partir da simultaneidade heterogênea que caracteriza o psiquismo em estado regrediente, como veremos mais adiante.

3. A guinada genética dos anos 1910

A *Metapsicologia* 1895-1900 será progressivamente relegada nos anos 1910-1913 por uma concepção histórico-desenvolvimentista do psiquismo. Nós nos encontramos em um momento do pensamento freudiano no qual, após o estudo do pequeno Hans (janeiro-maio 1908) e paralelamente à análise do Homem dos ratos (outubro 1907 até aproximadamente outubro 1908), se elabora a noção de estados libidinais.

Sabe-se que Freud atribui, desde o início, um lugar determinado ao papel do passado, do trauma ocorrido no passado, este “*corpo estrangeiro*” dos *Estudos Sobre*

33. Duas noções percorrem o *Projeto*, que o próprio Freud declara, desde o início, fundamentais: uma é a de *quantidade*, definindo “os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais distinguíveis”; definição que orientará a compreensão do mecanismo da alucinação enquanto sobrecarga; a outra noção é a de *investimento*, deste quantitativo concebido como uma “corrente”, uma circulação entre diferentes elementos. De acordo com a circulação livre ou inibição ao nível da “barreira de contato”, a expressão psíquica será diferente.





Histeria (1893-1895)³⁴. Sabe-se também que a idéia de fixação e de regressão da libido, enquanto explicação da neurose, aparece pela primeira vez na carta a Fliess de 14 de novembro de 1897 – menos de dois meses após a carta de 21 de setembro de 1897 – na qual renunciava à teoria da sedução da criança pelo adulto: “*Eu não acredito mais na minha neurótica.*” Não nos esqueçamos que as primeiras publicações psicológicas do período preanalítico de Freud diziam respeito à psicopatologia das neuroses, em particular às noções de “psiconeurose de defesa” e “neurose obsessiva”.

Estes textos publicados entre 1894 e 1898 são dominados pela descoberta da sexualidade da criança nos processos neuróticos. Eles levaram Freud a encarar a evolução psíquica sob o ângulo temporal; a partir de então, a genética se impõe por si própria: “*A escolha da neurose ... (histeria, neurose obsessiva, paranóia) depende do estado de evolução no qual a repressão é possível ... Segue-se que uma certa quantidade de libido não vai mais conseguir, como ela deveria, transmutar-se em ato nem traduzir-se psiquicamente. Ela se encontrará obrigada a engajar-se numa via regressiva*”(Freud, 1894).

No entanto não haverá neste período uma verdadeira teoria desenvolvimentista. Esta permanecerá em estado de germe até os anos 1910-1912. Da mesma forma que a utilização, em 1905, nos *Três Ensaios Sobre a Sexualidade*, da noção de zonas erógenas inscritas numa temporalidade, não implica ainda numa concepção verdadeiramente genético-evolutiva.

É portanto relativamente tarde que, sob os efeitos do que poderíamos qualificar de *guinada genética dos anos 1910*, se instaura como carro-chefe da teoria freudiana uma concepção de ordem genética.

Progressivamente, durante os anos 1910, as explicações da psique começarão a se apoiar na idéia de uma vetorização: todo o movimento psíquico se refere ao espaço-tempo do desenvolvimento. Essa concepção normativa, baseada sobre um desenvolvimento psicosexual que se sucede numa ordem determinada atribuirá, assim, uma prioridade absoluta à noção de regressão temporal. Com esta guinada os sintomas serão descritos e qualificados na qualidade de movimento regressivo no sentido de um retorno a um estágio anterior no qual, havendo sido outrora particularmente investido, funciona como um ponto de chamada, uma fixação, um tempo libidinal que deveria ter sido normalmente superado. O que se torna determinante para o psiquismo é seu percurso temporal, indo do arcaico ao normal, passando por uma

34. Nesse sentido, assinalaremos que a única vez em que Freud toma seu tempo para expor uma teoria da memória é neste mesmo texto. Ver mais especificamente p. 233, 234, 235 da edição de 1967, PUF, trad. de Anne Berman. Podemos também nos referir a uma carta a Fliess um ano após (6 de dezembro 1896).





sucessão de estágios: oral, anal, fálico, genital. Com esta guinada genética, a teoria da neurose ganha autonomia, separa-se da teoria do sonho, para então conquistar sua própria especificidade graças à regressão temporal. Desde então Freud coloca novamente a tônica sobre a psicopatologia e constrói sua Metapsicologia com base em uma linha de pensamento mais preocupada em esclarecer a patologia do que os pontos obscuros do sonho.

Eis aqui, em resumo, o caminho percorrido por Freud: em 1908, em *Caráter e erotismo anal*, em que se trata especificamente da questão das “zonas erógenas” com a seguinte ordem: “órgãos genitais, boca, ânus, meato urinário”. Em 1908 igualmente, a paranóia, até então considerada, antes de mais nada, como uma desregulação do funcionamento psíquico, uma transformação de pensamentos em alucinações visuais, é ligada à sexualidade regredida (*Correspondência com Jung*). Seguem-se, em 1909, as *Cinco Lições de Psicanálise* em que um dos capítulos trata da libido e de sua evolução determinada pela sucessão das zonas erógenas; depois, em 1912, *Tipos de Desencadeamento da Neurose* e, finalmente, em 1913, *A Disposição à Neurose Obsessiva* em que, pela primeira vez, Freud emprega os termos de “pulsão parcial”, “ordem sexual pré-genital”. Este texto deve-se, sem dúvida, à influência de Ferenczi que escreveu no mesmo ano, 1913, *O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*, artigo que Lacan³⁵ acha “pobre”, acusando Ferenczi de ser o primeiro “a colocar na cabeça de todo o mundo os famosos estágios”. Recentemente Janine Chasseguet-Smirgel³⁶ tratou desse problema numa conferência na Sociedade Psicanalítica de Paris.

Durante esse período, desde 1911, com *Os Dois Princípios*, Freud procura articular o psiquismo e o real, de “constituir o real” dirá Lacan. A partir desse momento, ele vai servir-se daquilo que Ferenczi lhe oferece³⁷. Depois virão a riqueza e as nuances bem conhecidas da *Metapsicologia* em 1915. Tendo como complemento a concepção desenvolvimentista da sexualidade e a noção de regressão libidinal, Freud acredita ter entrado na era científica da psicanálise³⁸. Em contrapartida ele sacrifica parcialmente sua *Metapsicologia* de 1900.

35. Lacan, *Le Séminaire I*, “Les deux narcissismes”, Le Seuil, p.146.

36. Janine Chasseguet-Smirgel, “Les stades, pour quoi faire”, conferência ministrada em 18 de janeiro 2000 na Sociedade Psicanalítica de Paris.

37. No entanto, Ferenczi fala, nesse artigo citado, de estágio alucinatório que, nem ele próprio, nem Freud, desenvolverão.

38. Conhece-se a contestação da metapsicologia nascida nos Estados Unidos a partir dos anos 1970. Ver, sobre isto, o artigo de Agnès Oppenheimer de 1985, “Quest-ce que la métapsychologie?” em *Revue française de psychanalyse*, 5-1985, 1197-1216. Da mesma forma, os artigos de Chantal Léchartier-Atlan e de Christine Anzieu-Premmereur em *Sur les controverses américaines dans la psychanalyse*, “Monographies de Psychanalyse”, PUF, 2000.





Ele não se engana a respeito dessa situação. Nas primeiras páginas de *A Pulsão e suas Vicissitudes*, ele desconfia do risco de “fechamento” e da “rigidez dos conceitos”. Dessa forma ele encontrará rapidamente um compromisso. Em um dos artigos que seguirá, “Complementos metapsicológicos para a teoria do sonho” – redigido entre 23 de abril e 4 de maio – ele faz a distinção entre duas modalidades de regressão. Aquela que diz respeito ao desenvolvimento da libido e aquela que fala do desenvolvimento do ego. A primeira, a da libido, pode ir “até o restabelecimento do narcisismo primitivo”; a segunda, a do ego, “até o estágio da satisfação alucinatória do desejo”.

O enriquecimento trazido é seguramente considerável, mas com uma condição: que a regressão do ego seja perfilada ao sonho e à patologia. Como já dizíamos, o sonho será, de agora em diante considerado como uma “*psicose momentânea*”. Na verdade, a regressão do ego não será considerada como produto de uma via regrediente normal do psiquismo³⁹. Da mesma forma quando, alguns meses depois, em fim de julho, no manuscrito que ele jamais publicará (descoberto em 1983 por Ilse Grubrich-Simitis) e que ele enviará à Ferenczi sob o título de “Visão de conjunto das neuroses de transferência”, Freud considera a regressão como um quinto destino pulsional “*o mais interessante fator e destino da pulsão*”⁴⁰. A noção de regressão atinge, então, a complexidade que é a sua, mas permanece, no entanto, sinal de uma patologia: “*Na histeria de conversão, há uma forte regressão do ego, é uma volta à fase de indiferenciação do pré-consciente e do inconsciente, logo, sem linguagem nem censura. Trata-se de outra coisa na neurose obsessional. A regressão é uma regressão da libido ...*”.

A importância teórica da regressão genética permite a Freud aprofundar a noção de zona erógena. Cada um dos estágios (genital, anal...) possui uma fonte erógena, um laço forte com o corpo e um modo particular de ligação com o objeto. Bernard Brusset fez, sobre isso, um estudo extraordinário (Brusset, 1988).

A função principal do sobreinvestimento sexual que as zonas erógenas recebem é a de estabelecer uma distinção, uma separação, entre o corpo do sujeito e aquele do objeto. São justamente essas mesmas zonas erógenas que representam um centro de interesse para a mãe, quer se trate de cuidados corporais enquanto tais ou de uma pura atividade fantasmática, por exemplo, mais diretamente sexual, do sexo

39. Salvo em algumas passagens menores.

40. Em *Pulsions et leurs destins* (redigido entre 15 de março e 4 de abril), Freud descreve na totalidade, quatro destinos da pulsão: a virada no contrário, a volta sobre a própria pessoa, a repressão e a sublimação. Os dois primeiros são tratados longamente neste artigo. Sabe-se que a repressão, se bem que escrito na mesma época, terá direito a um artigo separado. Quanto à sublimação, que deverá fazer parte da *Metapsicologia*, ela permaneceu, ao lado de um verdadeiro estudo da prova da realidade, uma das lacunas mais importantes do pensamento freudiano.





de seu filho. Graças a isso, as zonas erógenas, “*momento fecundo*” do encontro mãe-criança, podem ser investidas pela criança como um meio poderoso para agir sobre a mãe. A criança se apropriará dessas partes tão preciosas de seu corpo e, progressivamente, a continuidade sujeito-objeto, até então reinante, recua diante do investimento das zonas fronteiriças de um corpo tornado erógeno. Esta apropriação das zonas fronteiriças é um movimento narcísico, auto-erótico, o reagrupamento do sujeito-corpo sobre si próprio. Nós o consideramos como um *movimento auto-erótico secundário* (Botella; Botella, 1982), na medida em que traz nele o traço do objeto que marcou a zona erógena. Pensar-se-á aqui no *narcisismo primitivamente secundário*, de acordo com a formulação de M. Fain e D. Braunschweig. Separação e lugar de troca, as zonas erógenas têm por atribuição primeira a de garantir a distinção sujeito-objeto, a separação fora-dentro, a diferenciação das qualidades representação-percepção. *A zona erógena, é o ancoradouro corporal que se opõe à Identidade de Percepção.*

III – A regrediência

“*Nós somos feitos do mesmo tecido dos sonhos*”
W. Shakespeare, *A tempestade*, ato IV.

1. As vicissitudes da regrediência

Um verdadeiro golpe é dado na noção de regrediência pela nota acrescentada em 1914 em *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900, p.466) devido à sua ótica desenvolvimentista. A comunidade analítica tendo-a adotado sem reticência, a vetorização tempo-espaçial encontrou-se aí definitivamente confirmada. Este acréscimo definiu a regressão de acordo com três características: “a) *uma regressão tópica no sentido do sistema θ aqui exposto*; b) *uma regressão temporal quando se trata de uma retomada de formações psíquicas anteriores*; c) *uma regressão formal quando modos primitivos de expressão e de figuração substituem os modos habituais. Estas três espécies de regressões são, no entanto, tão somente uma na base e se reencontram na maior parte dos casos.*” Uma tal definição da regressão corresponde a uma realidade psicopatológica indiscutível, mas é pouco conveniente, como nós mostraremos, à dinâmica própria da sessão de análise em que os processos regredientes do pensamento têm um papel decisivo. Este acréscimo, na verdade, não responde ao espírito do texto de 1900; são provavelmente os critérios genéticos dos anos 1910



que os impuseram.

A perspectiva da empreitada freudiana da *Metapsicologia* 1900 encontra-se então aí virada ao avesso. Em 1900, Freud serviu-se do sonho para esclarecer a vida psíquica. O sonho lhe permitia conceber esta última como um funcionamento que tinha a capacidade de tratar a excitação de acordo com dois caminhos: o progrediente, tendendo ao representacional e à ação exterior como meio de realizar um desejo; o regrediente, que, sem ação exterior, tende a realizar igualmente um desejo, mas sob o modo alucinatório. É este segundo caminho que será sacrificado na medida em que, depois da nota de 1914, será concebido como fenômeno patológico. O caminho progrediente encontrar-se-á então reduzido aos únicos aspectos normativos, hierarquizados, da vida psíquica e o sonho não será nada mais que um modo de aceder a conteúdos escondidos. A regressão tópica e a regressão temporal serão, a partir de então, o mais seguidamente citadas sob o termo de regressão libidinal, e esta constituirá o fundamento da concepção genética dos anos 1910. Quanto à *regressão formal*, ela reaparecerá somente de maneira excepcional nos escritos freudianos. No entanto, Freud não poderia ser mais claro quando ele escrevia, é verdade, só algumas páginas, em 1900, antes do acréscimo da nota de 1914, que a regrediência poderia ser também ativa sobre os processos de pensamento, embora até então ela tenha sido circunscrita ao sonho: “*Se nós chamamos de ‘progrediente’ a direção na qual se propaga o processo psicológico ao sair do inconsciente no estado de vigília, nós temos o direito de dizer do sonho que ele tem um caráter ‘regrediente’... Esta regressão é seguramente uma das particularidades psicológicas do processo do sonho; mas não podemos esquecer que ela não é o apanágio do sonho. A recordação intencional, a reflexão e outros processos particulares de nosso pensamento normal correspondem também à marcha para trás, no nosso aparelho psíquico...*” (Freud, 1900, p.461). Isto é confirmado um pouco mais adiante: “... [durante a vida diurna] é necessário parar a regressão na sua marcha, de tal maneira que ela não ultrapasse a imagem-recordação, e possa, a partir daí, procurar outras vias que permitam estabelecer, do exterior, a identidade desejada” (Freud, 1900, p.482). Eis então como a memória, as recordações representadas têm a difícil tarefa de inibir o curso da regrediência. O passado rememorado reafirma a distinção sujeito-objeto, a fronteira interditando o acesso a este para-além da história que é o anistórico do *sexual primordial*.

Um dos raros lugares onde Freud retoma a noção de regressão formal interessa-nos particularmente. Trata-se da *XIII Conferência de Introdução à Psicanálise* (1917): “*Ao término desta pesquisa, nós nos encontramos em presença de dois dados que constituem, no entanto, o ponto de partida de novos enigmas, de novas dúvidas. Primeiramente, a regressão que caracteriza o trabalho de elaboração (su-*





bentendido, do sonho) é não somente formal, mas também material. *Ela não se contenta em dar às nossas idéias o modo de expressão primitivo: ela revela ainda as propriedades da nossa vida psíquica primitiva...*”. Em algumas linhas abaixo: “para que lhe serve fazer reviver *as tendências psíquicas, os desejos e os traços de caráter há muito superados, dito de outra maneira*, de acrescentar a regressão material à regressão formal? *A única resposta suscetível de nos satisfazer seria ... que do ponto de vista dinâmico é impossível conceber de outra forma a supressão da excitação que perturba o sono. No entanto, no nosso estado atual de conhecimento, nós ainda não temos o direito de dar esta resposta*”(Freud, 1917, p.231).

Esta nova formulação, “*regressão material*” que, tanto quanto sabemos, também jamais foi retomada, permanecerá portanto obscura. Os indícios “*fazer reviver*” ou “*vida psíquica primitiva*” permitem eles conceber a nuance de “*material*” como caracterizadora de uma regressão do ego indo “*até uma indistinção entre uma representação que se torna alucinatória e a percepção? E até o apagamento da prova de realidade?*”⁴¹ Neste sentido, a regressão do sonho como quinto destino da pulsão será compreendida como sua realização, tanto *material* quanto alucinatória. No entanto, nos seus escritos, Freud não nos parece ter conseguido chegar a uma decisão sobre os termos a serem empregues para descrever a realização alucinatória. Várias formulações são empregues para este fim: regressão temporal, regressão formal, regressão material, regressão do Ego. Dentre estas, três são particularmente significativas para nossos fins:

a) Aquela que Freud utiliza em 1915 no *Complemento*, a “*regressão do ego*”, em oposição à regressão da libido. Ambas pertencem à categoria de regressão temporal e histórica, isto supõe uma volta atrás a um estágio do ego precoce que resolvia suas necessidades através de sua satisfação alucinatória e isto de uma forma imediata. Trata-se de uma concepção genética.

b) Aquela de “*regressão formal*”, no capítulo VII de *Interpretação dos Sonhos*, para descrever, igualmente, o percurso até a satisfação alucinatória, mas, diferentemente da regressão do Ego, esse percurso, embora a satisfação alucinatória seja considerada como “*modo primitivo de expressão*”, não teria o caráter de retorno a uma etapa anterior do desenvolvimento. *A regressão formal seria então uma capacidade psíquica não regressiva, mas regrediente, que faria parte da plasticidade normal do funcionamento psíquico.*

c) aquela da “*regressão material*” (1916), a ser considerada como uma acentuação da regressão formal à qual se acrescentaria a “*convicção*” na realidade “*mate-*

41. Tratar-se-ia de uma ruptura de equilíbrio da dinâmica representação-percepção, que nós compreendemos através da formulação contraditória: “*Seulement dedans-Aussi dehors*”, (Botella; Botella, 1985), “*Pensée animique, conviction et mémoire*”, *Revue française de psychanalyse*, 4, 1985, p. 991-1007.





rial” disto que, no entanto, não passa de uma representação. A “*regressão material*” caracterizar-se-ia pela perceptibilidade que engendra a *convicção* de uma representação alucinatória. Voltaremos a esta questão.

Utilizaremos o termo de “*regrediência*” para descrever a capacidade psíquica em funcionamento nessas regressões.

2. Para uma definição da regrediência

Adotando o termo “regrediência”⁴², desejamos isentar a regressão formal de toda a conotação de arcaísmo, de forma primitiva de expressão, ou de simples complementaridade com uma ordem principal que seria o progresso. E, em suma, de todo o movimento que poderia significar uma volta atrás. Nosso desejo é o de encontrar um termo que não esteja impregnado pelas conotações genéticas da noção de regressão. A atividade onírica, exemplo primeiro da regrediência, não é de fato nem regressiva nem arcaica e não tem menos valor do que o pensamento diurno; ela se constitui noutro modo de pensar, um “pensamento visual”, dizia Freud. O emprego do termo regrediência nos proporciona a vantagem de poder incluir em um único termo autônomo as noções de via regrediente, de identidade de percepção, de alucinatório e qualidade anímica, noções a serem aproximadas ao modo de funcionamento do inconsciente.

Nós compreendemos a regrediência nestes termos: ela seria tanto um estado psíquico quanto um movimento em devir; um potencial de transformação, uma capacidade psíquica permanente para resolver alucinatoriamente a quantidade de excitação quando se produz o fechamento da via motriz. A manifestação mais evidente

42. Assinalamos, no entanto, que não fomos nós que introduzimos um neologismo. “Regrediência” se inspira num termo muito próximo de “regrediente” empregue na tradução francesa de *l'Interprétation des Rêves* feita por I. Meyerson e por D. Berger (PUF, 1967). O tradutor francês limitou-se a reproduzir em francês o termo utilizado pelo próprio Freud em alemão: *regredienten* (*Die Traumdeutung über den Traum*, VII Zur Psychologie der Traumvorgänge-B.régression, p. 547 e 553; Sigm. Freud, *Gesammelte Werke Chronologisch geordnet, II-III Band. Imago Publishing Co. Ltd., London, 1942*). O mesmo ocorre na tradução espanhola de Etcheverry (Ammorrortu). Por outro lado, James Strachey não retomou tal termo em sua versão inglesa; como tampouco o fez a outra tradução espanhola (a de Lopez-Ballesteros, Biblioteca Nueva). Tendo consultado o Sachs-Villatte Alemão-Francês do início do século, verificamos que esse termo já existia, mas no sentido de uma sucessão feminina e não no sentido que lhe dá Freud. Faria ele parte da linguagem oral na época de Freud? Isto não se sabe. De qualquer maneira, para os analistas, mais importante que esses problemas lingüísticos é o fato de que, a exemplo dos outros termos desaparecidos da obra freudiana (regressão formal, Identidade de Percepção), o termo *regrediente* como o de *progreidente* jamais reaparecerão. No restante de sua obra, Freud limitar-se-á a usar o adjetivo alemão *regressiv*. Recentemente certos autores retomaram o termo regrediência. P. Fedida assinala as origens do termo na física ótica: “La régression, formes et déformations”. In: *Les évolutions*, PUF, 1994.





manifestada pelo estado de regrediência é o sonho, ele é o seu produto mais bem sucedido.

A sua dinâmica é original, ela faz emergir o acontecimento que constituiu o *sexual primordial*: a ligação da pulsão ao “objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória”. Seu estado de movimento em devir pode incluir simultaneamente todos os elementos presentes num momento dado, independentemente de sua origem: representacional, perceptiva ou motriz; independentemente da qualidade delas, consciente ou inconsciente, e de sua *heterogeneidade* algumas vezes radical: percepção dos órgãos dos sentidos, percepção intrapsíquica; igualmente de sua *heterocronia*: uma recordação, um desejo reprimido da infância, um projeto de futuro. Definindo-se pela coexistência simultânea de todos seus constituintes dotados de igual valor, de todos os elementos psíquicos presentes *a um dado momento*, a regrediência pode, num mesmo movimento, provocar inúmeras novas ligações, mesmo onde elas não existiam previamente, criando assim novas causalidades. É isso que Freud denominava, desde 1895 em *Estudos sobre a Histeria*: “A compulsão a unir o conjunto das coisas num dado momento...” (Freud; Breuer, 1895, nota de rodapé na p.53, grifo nosso).

A metáfora que mais se aproxima da regrediência é a de ser a “profissão de tecelão” do aparelho psíquico, onde se tramam as ligações até o infinito. Os versos de Goethe (*Faust, I*), lembrados por Freud, retratam-na maravilhosamente bem:

*cada empurrão do pé colocamos fios aos milhares,
as agulhas de tecer vão e vêm,
os fios escorregam invisíveis,
cada movimento os liga aos milhares* (ibid, p.246)

A regrediência tece a “tela”⁴³ sobre a qual o trabalho de figurabilidade borda as formas visíveis com os fios coloridos da sexualidade infantil. Um trabalho de figurabilidade que, dirá Freud, “*não recua diante do esforço necessário para fazer passar primeiro os pensamentos ressequidos numa outra forma verbal ... conquanto esta facilite a figurabilidade ... Mas esta forma de transformar o conteúdo de pensamento numa outra forma pode também prestar-se ao trabalho de condensação e criar laços que de outra forma não existiriam, com outras idéias*” (Freud, ibid, p.396, grifo nosso). O trabalho de figurabilidade é um processo de dar sentido, de “*causação*” (Freud, ibid, p.272), criador de novas causalidades. Ele diz respeito a esta função da qual Freud escreveu: “... *Uma das funções das mais precoces e das mais*

43. “tela” no seu sentido original: tecido espesso que serve de fundo, cuja característica é, uma vez executada a tapeçaria, a sua não visibilidade.





importantes do aparelho psíquico, aquela de “ligar” as moções pulsionais ... um ato preparatório que introduz e assegura a dominação do princípio de prazer” (Freud, 1920, p.336). Exigindo um estado psíquico de regrediência para que se possam estabelecer novas ligações, novas causalidades, o trabalho de figurabilidade amplia as possibilidades psíquicas, especialmente no decurso dos tratamentos analíticos.

A regrediência seria então mais inteligente do que o progresso, do que os processos secundários, do que o pensamento abstrato? Sem dúvida, porquanto ela possui uma liberdade completa, enquanto que o progresso, em sua especialização, comporta o sacrifício parcial da bela potencialidade psíquica do homem.

IV – A figurabilidade

“A capacidade do analista de ver com imagens é raramente mencionada.”

B. Lewin, 1968

1. As dificuldades para definir a figurabilidade

“O sonho é um enigma, aqueles que nos antecederam cometeram o erro de querer interpretá-lo como se fosse um desenho. Eis porque a eles este pareceu absurdo e sem valor”

“A figuração no sonho, que seguramente não é feita para ser compreendida, não é mais difícil de entender do que os hieróglifos” (grifo de Freud).

S.Freud, 1900

Freud sentia uma certa desconfiança com relação a este “sonho desenho” sem discurso; ele o havia definido como uma “*linguagem primitiva sem gramática*”. Uma mudança de ótica se fez necessária para que ele fosse visto como acessível à linguagem na qualidade de um hieróglifo. Então, assim como Champollion que consagrou sua vida a descobrir o segredo deste último, Freud determinou-se a fazer a descoberta dos segredos dos sonhos e estava orgulhoso de a ter alcançado. Para atingir seu objetivo, ele tratou o sonho como se fora um material semelhante a uma língua cuja figuração permaneceria “absurda e sem valor” se não se procurasse encontrar para ela uma interpretação.

Foi quando se viu confrontado, em decorrência dos efeitos psíquicos da guerra de 1914-1918, à impossibilidade de interpretação do sonho das neuroses traumáticas, à sua ausência de enigma, à falta de participação do sexual e do desejo incons-





ciente nesse tipo de sonho, que Freud se viu obrigado a procurar aí algo mais que um simples material a ser interpretado. Como nós sabemos, disso resultou uma série de artigos, publicados entre 1920 e 1925, sobre a atividade onírica e suas funções, distintas das de realização de um desejo infantil interdito (Freud, 1921, 1922, 1925b). Foi em 1925 que Freud dirigiu aos analistas – na realidade a si próprio –, numa nota acrescida à *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900, p.431), esta advertência solene e severa: “*Antes, ... parecíamos ignorar a necessidade de uma interpretação. Hoje, os analistas caem em outro erro, ao qual eles se apegam de um modo igualmente obstinado. Eles procuram a essência do sonho em seu conteúdo latente; assim procedendo, a distinção entre os pensamentos latentes e o trabalho do sonho lhes escapa. O sonho não passa, na verdade, de uma forma particular de pensamento que as condições próprias ao estado de sono permitem. É o trabalho do sonho que cria esta forma. É ele a essência do sonho...*” (Freud, 1899).

Entre 1920 e 1925, Freud explora a possibilidade da presença de fenômenos telepáticos durante alguns sonhos. Ele se inclina em direção a uma resposta positiva, mas permanece temeroso do perigo que esses fenômenos poderiam apresentar, ou seja, uma abertura para o obscurantismo e para práticas esotéricas. Ele confessa, no entanto, tê-los experimentado no círculo de seus íntimos (trata-se de sua filha Ana e de Ferenczi). Embora não tenha jamais publicado o que quer que seja sobre este assunto, ele analisou, em 1899, oito dias após a publicação de *Interpretação dos Sonhos*, um sonho supostamente antecipatório. O manuscrito foi descoberto após sua morte. Depois, foi somente por meio de notas de rodapé acrescidas à *Interpretação dos Sonhos* que ele recusará a idéia de que o sonho possa ter tais capacidades.

O interesse de Freud permanece centrado na interpretação dos sonhos, o que pode explicar, pelo menos parcialmente, o pouco lugar que ele dá na sua teoria à figurabilidade enquanto tal. É por essa mesma razão que depois de 1900 ele mantém uma certa ambigüidade entre os termos de figurabilidade e de figuração, *quando sua distinção não deveria ser um problema*. Cada um dos dois termos tem direito, consecutivamente, a um subcapítulo específico no interior do Cap. VI: “Os procedimentos de figuração do sonho” (“Die Darstellungs-mittel des Traumes”); “A tomada em consideração da figurabilidade” (“Die Rücksicht auf Darstellbarkeit”). A figurabilidade é aí considerada como um procedimento específico do trabalho do sonho, paralelamente aos mecanismos de deslocamento, condensação e elaboração secundária. Estes três últimos mecanismos serão desenvolvidos longamente e voltarão constantemente nos seus escritos, adquirindo a nobreza dos conceitos de base, enquanto a figurabilidade, quando de suas raras evocações, dará somente lugar a alguns comentários.

No entanto, na perspectiva da *Metapsicologia* de 1900, a figurabilidade é oriun-





da de uma exigência psíquica fundamental, pois que a finalização em imagens visuais é o objetivo primeiro do trabalho do sonho. Ela é exigência de transformação de um material heterogêneo preexistente num outro material, o visual endoperceptivo. Ela representa, nela tão somente, o processo de transformação que leva ao visual endoperceptivo e em que participam o deslocamento, a condensação e o simbolismo e sobre os quais a censura tem sua palavra a dizer. Mas, estranhamente, Freud não se preocupa particularmente em definir a noção de figurabilidade, como se a formulação usada no título “A tomada em consideração da figurabilidade” (“Die Rücksicht auf Darstellbarkeit”) fosse suficiente. Ele não será mais explícito no conjunto desse texto nem em outro lugar na totalidade de sua obra. Assim, em *Complemento metapsicológico à teoria do sonho* (1915), a formulação é retomada de forma idêntica ao título de 1900. E, em 1917, quando, embora a figurabilidade seja lembrada como sendo “sob o ponto de vista psicológico, o mais interessante ... o mais constante” dos quatro fatores que fazem parte do trabalho do sonho, seu estudo é bem sucinto. Mesmo quando fala a esse respeito, em 1932 (lição nº 29), como de uma “língua primitiva sem gramática”, ele continua igualmente evasivo. Excetuando, entretanto – o que abre novas perspectivas – quando Freud diz que a figurabilidade facilita a condensação e cria “novas unidades, uma idéia já presente em 1900 e depois, sem que a figurabilidade seja mencionada, em *Totem e Tabu* (1912) e no *Esboço*.

Esta ausência de definição e de estudo poderia explicar sua quase ausência nas teorias pós-freudianas ... “Figurabilidade” seria um neologismo introduzido por Denise Berger na edição de 1967. Anteriormente J. Meyerson usava a formulação “a aptidão à figuração”. Figurabilidade significaria “aquilo que é figurável sem ser figuração”. O fato de que este termo esteja ausente dos dicionários de língua francesa aceita-se, mas o mais incrível é que nenhum dicionário de psicanálise, com exceção do *Vocabulário*, de Laplanche e Pontalis (Roudinesco-Plon; Chemama-Vandermersch), lhe dê um lugar. O vocábulo “figurabilidade” está mesmo ausente do exaustivo (853 conceitos e noções) *Sigmund Freud, Index thématique* de Alain Delrieu (1997). O *Vocabulário* de Laplanche e Pontalis situa o termo de “figurabilidade” no contexto das noções de Identidade de Percepção e de Identidade de Pensamento, mas os autores ficam, como Freud, na formulação “levado em consideração”. No nosso conhecimento, o único dicionário que estuda esta noção não é psicanalítico. Trata-se de *Notions Philosophiques*⁴⁴ em que o termo se apresenta liberado da formulação de “levado em consideração” na escrita de Monique David-Ménard, que, apoiando-se em Lacan e Lyotard – embora este último critique severamente Lacan com respeito

44. *Encyclopédie philosophique universelle*, t. 1: *Les notions philosophiques*, sob a direção de André Jacob, o t. 1 sendo dirigido por Sylvain Auroux, PUF, 1990.





ao figurável – salienta a diferença radical entre as artes plásticas intrinsecamente visuais e as artes da palavra e reporta a figurabilidade ao desejo que alucina seu objeto.

Salvo erro de nossa parte, somente na França a figurabilidade suscitou algum interesse, e foi em Michel Fain que nós ouvimos falar dela pela primeira vez. Ele tem, se é que entendemos bem seus objetivos, uma concepção de figurabilidade que se refere menos à transformação do pensamento em imagens – para esta ele usa a noção de regressão formal – e mais a um sentimento e mesmo uma atitude corporal influenciada pelo ego ideal. Entre sentimento de si e imagem, os exemplos que ele utiliza – e que se tornaram clássicos – estão “o trabalhador de mecânicas” ou “o conferencista que enfatua a voz” [le conferencier qui enfle la voix].

Jean Guillaumin (1979) foi um dos primeiros a se interessar pela figurabilidade, insistindo também sobre a imprecisão de sua definição em Freud. Ele sugere que isto se deve talvez a que “o problema da imagem nos confronta diretamente àquele da passividade ... e que Freud ficou um tanto retraído sobre aquilo que podia levá-lo a uma análise radical do momento passivo”. Essa relação da figurabilidade com a passividade poderia ser uma das atitudes “em recuo” dos psicanalistas em relação à auto-análise “radical” que exige que sejam levados em consideração esses momentos inesperados e surpreendentes da figurabilidade, quando são eles próprios que a experimentam: é preferível “negá-los ou reenterrá-los”⁴⁵; a tendência geral é a de esquecê-los imediatamente.

Mesmo se não nos interessamos diretamente por ela, podemos ser levados a considerar a figurabilidade; foi este o caso de Piera Aulagnier quando ela descreve a noção de *pictograma* e de *linguagem pictural*. Na sua concepção, o “pictograma” é “imagem de coisa”, “imagem sensorial”, “modo de representação própria ao primário”, “entre pulsão de ver e pulsão epistemológica”, a figuração tornando-se meio de acesso à “nomeação”. Em resumo, para ela, a noção de figurabilidade está circunscrita a dois usos: um a torna idêntica à “imagem de coisa”, o outro a integra num desenvolvimento genético em que “o visual precede o acústico, a vista precede o conhecimento e cuja possibilidade de nomeação, a imagem sensorial, é o primeiro referente da representação que ela torna possível” (Aulagnier, 1975): “do interpretável ao figurável”, “é preciso encontrar palavras que tornem ‘figuráveis’ para os dois parceiros as representações de coisas”; é esta “a tarefa do intérprete naquilo que ele tem de mais árduo” (Aulagnier, 1986, p.338). Descrição de uma empreitada oposta, quer nos parecer, àquela do trabalho do sonho e que leva a marca de uma teoria erigida a partir do estudo da psicose.

45. Retomamos aqui a formulação de Bion, citada na Introdução, dizendo respeito à sexualidade infantil.



Naquilo que nos diz respeito – e isto depois de nossas primeiras publicações em 1983 – a figurabilidade ocupou um lugar central em nossas reflexões. Ela se tornou, para nós, baixo a formulação da “*regressão formal do pensamento*”, fonte de pesquisa, e isto desde os nossos primeiros contatos com crianças, às vezes bastante doentes, escapando aos nossos esquemas explicativos habituais e nosso espanto diante de certos momentos da sessão, igualmente inexplicáveis, no decorrer dos tratamentos com adultos.

2. Freud e Silberer

É, no mínimo, surpreendente que Freud, que trata tão pouco da figurabilidade, faça tão seguidamente referências aos artigos de Silberer⁴⁶. Ele faz questão de mostrar a comunhão de idéias de ambos (a transformação do pensamento em imagens), mas também insiste longamente nas suas diferenças de pontos de vista. Constatase que a figurabilidade, descrita por Freud como a resultante de um trabalho complexo do sonho-realização de desejo, não é, para Silberer, o único procedimento de inteligibilidade da vida psíquica noturna. Para este último, existe um procedimento mais simples (Silberer, 1909). Ele descreve uma “*transformação automática de pensamentos em imagens*” (Freud, 1900, p.296) cujo modelo é aquele da transformação do pensamento no momento do adormecimento. O exemplo principal de Silberer é: “*Eu adormeço com a idéia de que devo corrigir, num artigo, uma passagem de estilo áspero*”; o sonho que resulta daí é: “*Eu me vejo aplainando uma peça de madeira*”. Silberer é provavelmente o autor que Freud cita o mais seguidamente na sua obra⁴⁷. Ele chega até a prestar-lhe uma homenagem de peso, “*um dos raros acréscimos à doutrina dos sonhos cujo valor é incontestável*” (Freud, 1914, p.101). No entanto, ao retomar em várias ocasiões o exemplo do áspero, Freud insiste no fato de que: “*Em geral, a imagem que aparece não representa o conteúdo do pensamento, mas o estado (boa disposição, cansaço, etc.) no qual a pessoa se encontra.*” Com efeito, quanto a Silberer, ele diferencia esse fenômeno que chama de “*material*” do “*fenômeno funcional*”, ou seja, da simples transformação do pensamento em imagens, assim como o modelo “*aplainar*”.

46. Sabemos que Freud manteve com Silberer uma relação ambivalente que lembra aquela que ele havia tido com Tausk, dois destinos tão semelhantes, a ponto de Paul Rozen querer torná-lo responsável pelo suicídio dos dois (P. Rozen, 1978, *La saga freudienne*, PUF, 1986).

47. Na *Interpretação dos Sonhos*, encontramos parágrafos sobre Silberer acrescidos à edição de 1900 – sem que o ano do acréscimo seja salientado – nas p. 51, 296, 428-430, 445. Depois, em 1914, no artigo sobre o narcisismo e, em 1932, na 29ª lição.





Frente aos *fenômenos* silberianos, que manifestamente escapam do sexual, compreende-se que Freud sinta desconfiança e interesse ao mesmo tempo – problema semelhante àquele sentido por ele na descoberta das neuroses traumáticas que escapam igualmente ao domínio do sexual. Silberer representaria uma ameaça para a teoria sexual freudiana? Meltzer, no seu desejo de apresentar uma teoria original do sonho e de fornecer um lugar importante na análise da imagética de tendência onírica, acredita nisso. Ele fará, então, uma severa crítica, tratando como tautologias os argumentos de Freud. No seu livro *Le monde vivant du rêve*, Meltzer (1984) não levará em conta o fato de que Silberer, numa publicação posterior (1914), preçônize, paralelamente à “interpretação” que ele chama “psicanalítica”, atribuindo ao sonho um sentido sexual infantil, um outro tipo de interpretação que ele denomina “anagógica”. É esta que ele vai considerar a mais importante; será ela que desvendará, de acordo com ele, os pensamentos os mais “profundos”, tendo servido como tecido ao trabalho do sonho. Freud vai insurgir-se, num parágrafo acrescentado em 1919 na *Interpretação dos Sonhos* (Freud, *ibid*, p.445), contra este desvio do sonho de suas raízes pulsionais e considera que a interpretação dita “anagógica”, que ele prefere rebatizar de “abstrata”⁴⁸, é apenas superficial e pode ser encontrada facilmente pelo próprio paciente⁴⁹. Ao contrário disto, ele reconhecerá, no *Esboço*, com a honestidade intelectual que nós conhecemos dele, que a relação das neuroses traumáticas (os sonhos sem relação com o sexual) “com o fator infantil escaparam até agora às nossas investigações” (Freud, 1938, p.55).

Se insistimos tanto sobre o problema levantado por Silberer, é por duas razões: uma é a tendência atual à minimização do sexual infantil, que já evocamos; a outra é a sedução que a “rêverie” exerce sobre os analistas desde Bion, uma prática que se arrisca a reduzir o tratamento a uma análise do pré-consciente. Voltaremos a isso.

3. As modalidades da figurabilidade

Globalmente, nós já podemos estabelecer certas modalidades de figurabilidade que correspondem a diferentes percursos regredientes dos sonhos: *a figurabilidade freudiana*, oriunda de um trabalho complexo que extrai sua energia e seu sentido

48. A tradução da Standard Edition parece-nos mais pertinente que a de Meyerson, em francês, usando o termo “alegórico”.

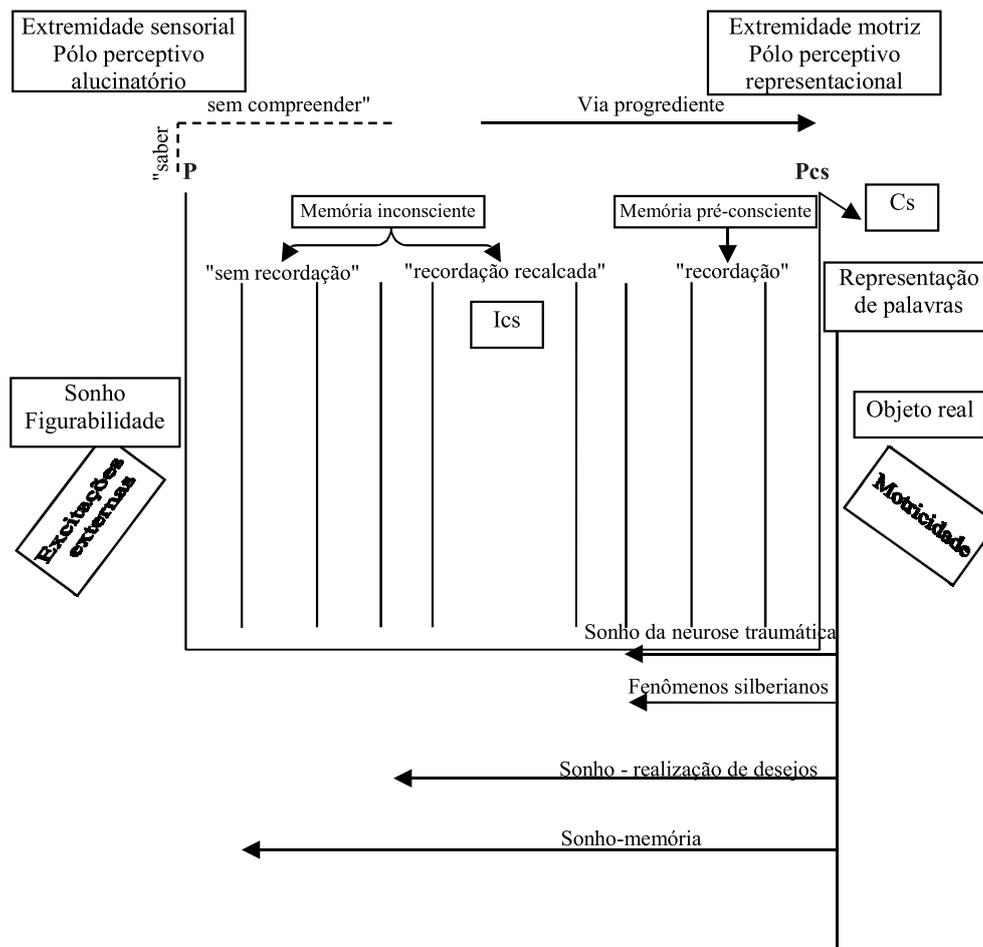
49. A respeito da crítica de Silberer feita por Jones, podemos nos referir ao comentário de J. Lacan (1966) denunciando os riscos de uma *psicologização* da psicanálise: “D’un syllabaire après-coup” (?) [Sobre um silabário a posteriori]. In: *Écrits*, Le Seuil, 1966.





dos desejos sexuais infantis, e a *figurabilidade silberiana*, cuja via regrediente, dita curta, se limita à “transformação automática” da palavra em imagem, a mais imediata. Ela não ultrapassa o pré-consciente, enquanto que a freudiana, num percurso dito longo, ultrapassa o pré-consciente, abarca o inconsciente em toda sua amplitude e efetua uma reformulação de todos os elementos que participam disso. Nós poderíamos acrescentar a essas modalidades uma figurabilidade que segue uma via tão curta que, na verdade, ela seria inexistente: aquela da neurose traumática, em que aquilo que é figurável no sonho é a repetição idêntica da percepção diurna traumática.

É com a ajuda de uma modificação do esquema do capítulo VII *da Interpretação dos Sonhos* de Freud, ao qual acrescentamos uma tópica da memória tratada no próximo capítulo, que a regredência dessas vias se estabelece mais facilmente.





4. Para uma definição da figurabilidade

Na verdade, este esquema, na sua linearidade simplificadora, falseia por demais a representação do funcionamento psíquico, mas o contexto da apresentação do nosso relatório não nos permite ir mais longe. Seria mais exato, seguindo uma sugestão do próprio Freud acrescentada numa nota em 1919 (Freud, 1900, p.460), conceber um outro para que os extremos motor e alucinatório sejam aproximados por um rebobinamento vertical. De tal maneira que assim P e CS se reencontrem – o que Freud sempre defendeu (o sistema P-CS). A prioridade seria assim dada claramente à representação das vias de descarga da excitação, aquela regrediente tendendo em direção ao alucinatório e/ou ao ato, e aquela progrediente, investindo os sistemas representacionais. E se nós podemos, ao mesmo tempo, efetuar um rebobinamento horizontal, a vantagem principal desta nova modificação seria que se poderia, simultaneamente, figurar a efetividade das duas vias; a impressão da existência de um pólo dominante nada mais seria do que o resultado do modo de equilíbrio que se instaura, num momento dado, entre as duas vias. Seria a dinâmica do momento que criaria a tópica, aquela dos sistemas pré-consciente, inconsciente e percepção-consciência, assim como aquela da alucinação do sonho.

Um esquema assim duplamente rebobinado permitiria introduzir a importância, como já o dissemos mais acima, da simultaneidade processual caracterizando a regrediência e incluir o alucinatório. E isto porque, sem as noções de processual, alucinatório, simultaneidade, a noção de figurabilidade como nós a compreendemos não tem sentido. Como no poema de Goethe acima mencionado, as vias pulsionais desenham curvas, vias, movimentos de vaivem que se cruzam, se recruzam, numa complexidade que problematiza a noção freudiana de determinismo⁵⁰. O emaranhamento é tal que Freud usa a metáfora do umbigo do sonho, esse “*ponto*” onde o sonho “*se liga ao desconhecido*”. Ele fala disso como de um “*nó de pensamento que não se pode desfazer, mas que não traria nada de mais ao conteúdo ‘latente’ do sonho*”. Na verdade, o inextrincável “*nó*” interessa pouco ao analista, na medida em que “*os pensamentos do sonho que encontramos durante a interpretação não têm, em geral, um ponto final, eles se ramificam em todos os sentidos na rede entremeada de nossos pensamentos ...*”. Por outro lado, ele deve bem entender que “*o desejo do sonho surge de um ponto mais espesso desse tecido, como o cogumelo de seu micé-*

50. Em 1990, no seu relatório sobre “*Psychanalyse et Sciences*”, Georges e Sylvie Pragier interrogam-se sobre o fato de saber se “*uma dialética da pulsão não poderia se construir com base na metáfora da imbricação do regular e do aleatório*”. Onze anos após esse congresso, nós gostaríamos de lhes agradecer pelas “*novas metáforas*” das quais a maior parte, e não somente o atrativo estranho, permanecem para nós “*psicanaliticamente sugestivas*”(R*évue française de psychanalyse*, 6-1990, p.1486).



lio” (*ibid*, p.446). Assim sendo, os pensamentos latentes da análise do discurso não representam nem figuram a espessura das “*esferas fusionadas*”, o “*micélio*”, que nós aproximaremos da noção de *sexual primordial*, da idéia de um “canevas” tecido pela regrediência, de onde surgiria, uma vez organizado, o sexual infantil⁵¹.

Nessa perspectiva, a “*sobredeterminação inextrincável*” é também um “*fator primário*” (Freud, 1900, p.170) da formação do sonho e não somente um resultado ou produto secundário (*ibid*, p.263), e o trabalho do sonho chega tanto a uma transformação das impulsões infantis em intensidade sensorial quanto a uma repressão, consequência da censura do sonho (*ibid*, 398-399). O valor analítico da “tomada em consideração da figurabilidade”, verdadeiro princípio do trabalho do sonho, vai além daquela da formação das imagens que evocam o relato de um sonho ou, mais exatamente, a memória do sonhador acordado. Contendo potencialmente as informações sobre as impulsões sobre as *formas infantis* do pensamento, ela representa uma possibilidade preciosa para a técnica analítica.

O “trabalho de figurabilidade” e, mais amplamente, a regrediência que o subentende, representam não somente o fundamento do sonho, mas uma tendência geral governando a totalidade da vida psíquica. Já mencionamos que Freud mantém uma diferença entre o sonho propriamente dito, que inclui o conteúdo manifesto e os pensamentos latentes, e aquilo que ele considera como sendo “sua essência”: o trabalho do sonho que cria sua forma particular de pensamento. Da mesma maneira, cabe distinguir “a imagem”, a forma visual de uma representação, da figurabilidade proveniente do “canevas” da regrediência, “tecida” pelos fios do sexual infantil e movida por “*uma função inerente ao psíquico... exigindo um mínimo de unidade, de coerência e de inteligibilidade*” (Freud, 1912), função que nós propusemos definir, em 1992, como “*princípio de convergência-coerência*” (Botella; Botella, 1992). Este “princípio” visa ligar todos os elementos heterogêneos e heterocronos presentes na coexistência dos componentes da vida psíquica. Ele chega, ao engajar um trabalho psíquico mobilizando um conjunto dos componentes, a uma “*forma*” não visível, sobredeterminada, inextrincável, de onde emergiria a figurabilidade, a inteligibilidade mais elementar, mais diretamente capaz de ser apresentada à consciência. Quer a figurabili-

51. Neste contexto, Freud trabalha a idéia do entrelaçamento dos fios de pensamento dos desejos infantis. Ele formula uma “*sobredeterminação inextrincável*”: “*Independientemente de qual seja o sonho que eu decompõe, eu encontro sempre os mesmos princípios: os elementos do sonho emergem de toda a massa dos pensamentos do sonho, e cada um deles, se os aproximamos dos pensamentos do sonho, é aí várias vezes assinalado*” (*L'interprétation des rêves*, p.246-247). O trabalho do sonho é como na recordação de Freud em que o menino de cinco anos que ele era rasga um livro de imagens coloridas: “*A criança sobrevive com suas impulsões*”, arranca, refaz os elementos em cada sonho. As “*esferas fusionadas*” formam “a massa dos pensamentos do sonho”, enquanto que os pensamentos latentes, restituídos pela linguagem, são como folhas mortas separadas de sua fonte infantil primordial.





dade se apresente sob a forma de imagens de um sonho apoiando-se sobre os processos primários e secundários, ou que ela surja, por “acidente”, sem mediação primária ou secundária durante o dia, ela representa a “*via real*” da inteligibilidade da sessão de análise⁵².

5. O alucinatório

Sob a forma de substantivo e livre de toda conotação psiquiátrica⁵³, nós introduzimos o termo *alucinatório* como noção metapsicológica (Botella; Botella, 1990), numa tentativa que procurava alargar uma teoria analítica por demais centrada na noção de representação e que, devido a isso, era insuficiente para explicar certas estruturas e certos tratamentos analíticos condenados ao fracasso devido a uma prática analítica limitada ao representacional.

Sob a formulação adjetiva de *satisfação alucinatória*, a idéia da alucinatório está presente no decorrer de toda a obra freudiana. Freud não desenvolverá jamais esta idéia, supostamente de base no entanto, que governa a vida psíquica.

O mesmo se pode dizer dos pós-freudianos. Assim, Ferenczi, em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913), descreve um “*estágio alucinatório*”, mas não o aprofundará. Bion vai interessar-se a isso, mas sua noção de alucinose fica perto da noção de alucinação patológica. Em Winnicott (1957) ela é mais complexa e ele falará de “desalucinação” (Winnicott, 1957). Por sua vez Lacan (1959) terá a intuição de uma “*alucinação fundamental*” e afirmará que “*sem alguma coisa que alucine enquanto sistema de referência, nenhum mundo de percepção chega a se ordenar de maneira válida, a constituir-se de um modo humano*”. Mas ele também ficará aí. Foi sem dúvida nenhuma André Green (1973) quem, em primeiro lugar, introduziu uma formação alucinatória, “a alucinação negativa” (a representação da ausência de representação... o reverso cuja realização alucinatória é o anverso) como fundamento do psíquico.

Ao generalizar a atividade alucinatória, nós definimos (1990;1992b) a noção

52. Recentemente, André Green introduziu uma formulação da figurabilidade que subscrevemos inteiramente: “*Figure commune à la représentation et à la perception*” (Green, 1993).

53. Um histórico da alucinação literária, psiquiátrica, psicanalítica, foi realizado por Tony James (1995) em *Vies secondes*, coll. “*Connaissance de l'inconscient*”, dirigida por J.B. Pontalis, NRF, Gallimard, 1997. Igualmente, do ponto de vista psiquiátrico, pode-se fazer referência ao número recente de *L'évolution psychiatrique* (2-2000), entitulado *Halluciner*. Do ponto de vista psicanalítico, Guy Gimenez (2000) realizou um excelente estudo, *Clinique de l'hallucination psychotique*, Dunod. Quanto ao relatório “*De l'allucination au langage*”, a leitura de René Angelergues é imprescindível (Monographies, II, du Centre de psychanalyse, Evelyne et Jean Kestemberg, 1992).





metapsicológica do alucinatório nestes termos: ela é a representante da moção da pulsão, da mesma maneira que o afeto é o representante qualitativo do quantitativo da pulsão e que a representação é o representante-representação do conteúdo da pulsão. Ele representa a pulsão enquanto esta é impulsão [*Drang*] e movimento [*Triebregung*]. Trata-se de um processo que caracteriza o *sexual primordial*, inseparável da regrediência, que desabrocha no sonho, mas que deve ser inibido durante o dia em proveito da representação e da percepção.

Esta noção mostrou-se para nós indispensável para dar conta de certos aspectos da prática analítica, de certos momentos inesperados da sessão. Observamos que, sob o efeito de uma regressão formal do pensamento, pode produzir-se no analista, contra sua vontade, um “acidente” de pensamento, uma figurabilidade quase alucinatória e que esta última seria o único meio de aceder a uma dotação de sentido do irrepresentável traumático do paciente. Em nossos artigos, publicamos vários momentos desse tipo: “Le loup”, 1983; “Florian”, 1984-1985; “Olga”, 1985; “Aline”, 1990; “Odeur de sapin”, 1995.

6. Devaneio e trabalho de figurabilidade

“Eu sonho... com um pensamento diurno que seria sonhante, não sonhador mas sonhante... O pensamento sonhante, que chamo de meus desejos, extrairia no sonho a força de ser irrefletida, inconveniente, de prosseguir por sua própria conta e risco, como um sonâmbulo. Poderá a linguagem estar à altura de sua exigência? Duvido disso: ela está submetida a demasiadas restrições, sintáticas, lógicas; ela quer ser compreendida.”

J.B. Pontalis, *Fenêtres*

Freud emprega o termo “*Tagtraum*”, traduzido por devaneio ou por “*sonho diurno*” (*day-dream*), como sinônimo de fantasia (*Phantasie*), fantasia diurna (*Tagessphantasie*), seja em *A Interpretação dos Sonhos* ou em outros textos⁵⁴. Para ele o “*sonho diurno*” tem a mesma função do sonho noturno, particularmente a de ser as realizações dos desejos infantis. Este se diferencia daquele, no entanto, pelo fato de que a elaboração secundária ocupa aí um lugar maior e também porque, sem falta,

54. S. Freud (1907), “Der Dichter und das Phantasieren”, *GW*, t. VII. “La création littéraire et le rêve éveillé”, em *Essais de psychanalyse appliquée*, trad. Marie Bonaparte e E. Marty, Gallimard; e S. Freud (1908), “Hysterischen Phantasien und ihre Beziehung zur Bisexualität”, *GW*, t. VII. “Les phantasies hystériques et leur relation à la bisexualité”, trad. J. Laplanche e J.B. Pontalis, em *Névrose, psychose et perversion*, PUF.





“sua magestade o ego” é o herói. O sonho diurno organiza com freqüência o sonho noturno no nível da elaboração secundária e torna-se algumas vezes uma “fachada para o sonho”: “Comumente eu chamo de fantasia (Phantasie) este elemento particular; para evitar qualquer mal-entendido, digamos desde já que aquilo que lhe corresponde durante o período desperto é o sonho diurno (Tagtraum)” (Freud, 1900).

São os psicanalistas americanos os que se interessaram por esta ótica freudiana (R.R. Greenson, 1967, 1970; D.H. Frayn, 1987). Mas é sem dúvida na continuidade de Bion que o termo de devaneio consolidou-se nas publicações psicanalíticas. Conceitualizado por Bion desde 1962, no início sob a forma da “capacidade de devaneio (rêverie)* da mãe” tornando psicologicamente aceitáveis as experiências emocionais do bebê, ele foi muito rapidamente aplicado ao trabalho do analista⁵⁵. Seguindo Bion, D. Meltzer (1984), Th. Ogden, A. Ferro, entre outros, desenvolveram consideravelmente o conceito de devaneio (rêverie). Não poderemos neste relatório entrar no detalhe e nuances desta configuração chamada preferencialmente “devaneio (rêverie)” por Ogden, ou “pensamento onírico diurno” por Meltzer e Ferro. Lembremos que, para estes autores, se trata de uma atividade intersubjetiva entre paciente e analista, “radicalmente bipessoal” de acordo com a expressão de A. Ferro inspirando-se em Willy e Madeleine Baranger (1969). E, de acordo com Ogden, “estados de cavalgada do devaneio (rêverie)”, aquilo que ele chama “o terceiro analítico intersubjetivo”. Este último autor esboça, a um dado momento em seu texto, uma definição de devaneio (rêverie) no sentido usual do termo: “nossas ruminacões, nossos sonhos diurnos”. Em realidade, para ele, a noção é vasta e a sua definição pouco específica. Ela abarca os “sonhos diurnos” – um discurso que se desenvolve como uma história – mas também “frases que atravessam nosso espírito”, ou “nossas sensações corporais, nossas percepções flutuantes”, incluindo até “imagens que surgem quando meio adormecido”. Parece-nos evidente que a dinâmica e a tópica destas diversas manifestações devem ser forçosamente diferentes, o que não impede, segundo Ogden, que o analista as possa utilizar, no mesmo sentido, no âmbito do tratamento psicanalítico. Igualmente, Meltzer e Ferro não estabelecem uma verdadeira diferença entre os devaneios (rêveries) e aquilo que chamam de “flashes”, isto é, imagens “visuais repentinas”, embora, como veremos, a dinâmica de uma e outra não possuam em realidade

* N.R.: Como o autor utiliza o termo *rêverie* tanto no sentido de função mental transformadora como no sentido de devaneio propriamente dito, optou-se por deixar traduzido por devaneio e *rêverie* entre parênteses para que o leitor possa discriminar se é num sentido ou noutra que o termo está sendo utilizado.
55. O Colóquio anual de Deauville, da Sociedade Psicanalítica de Paris, foi dedicado, em 1986, sob a direção de René Diatkine, a “La psychanalyse et la capacité de rêverie de la mère” com apresentações contrastadas de André Green, Serge Lebovici, Paul Israël e Gilbert Diatkine. Este último fez um estudo interessante da noção em pauta, procurando estabelecer possíveis conexões, mesmo que contraditórias, com outros autores (D. Braunschweig, M. Fain, D. Anzieu).





muitos pontos em comum.

A. Ferro se utiliza menos da denominação devaneio (*rêverie*), embora a considere sinônimo de “*pensamento onírico diurno*”. Ele se interessa primordialmente, na mesma linha de Meltzer, pela idéia de “*derivação narrativa do pensamento onírico diurno*”. Por ocasião de sua recente conferência na SPP⁵⁶, ele nos deu um bellissimo modelo de narratividade: em decorrência de uma interpretação do analista, o paciente pode experimentar a seguinte seqüência “*Dor → Raiva → Irritação*”. Segundo o próprio autor, a seqüência dos elementos alfa que constituiriam a elaboração poderiam ser “*Flecha que perfura → LEÃO que ruga → BRAÇO queimado*”. Por sua vez isso poderia se transformar, no paciente, em diferentes “*discursos narrativos*”. Poder-se-ia encontrar, de acordo com a estrutura do paciente e as circunstâncias do tratamento, preferencialmente, seja um discurso de infância, “*uma recordação*”, seja um discurso atual, “*por exemplo, um acidente presenciado*”, ou ainda um discurso sexual (um estupro, por exemplo). As palavras-chaves aqui são “*Transformação*” e “*Narratividade*”.

Por sua vez, D. Meltzer propõe uma resposta do analista à escuta que este faz do sonho do paciente, que equivaleria a re-sonhar o sonho, o que lhe permitiria, segundo o próprio, uma melhor compreensão do paciente.

Na verdade, estas considerações em torno do devaneio (*rêverie*) terminam numa reviravolta da teoria freudiana do sonho: “*Vigília e sono é uma distinção que não faz mais sentido*” (Meltzer, 1984). A articulação do trabalho psíquico do dia e aquele da noite, a respeito do qual D. Braunschwig e M. Fain (1975) souberam tirar tantos ensinamentos, seria obsoleta. O sonho da noite reduz-se a um “*devaneio*” (*rêverie*) daquilo que foi “*filmado, alfabetizado e conservado durante a vigília*”. Não se vê mais o desejo infantil inconsciente enquanto organizador do sonho e o efeito da censura nos materiais do sonho.

Essas concepções teóricas, que dão um lugar maior ao devaneio (*rêverie*), parecem ter um ponto em comum: aquele de definir, durante a sessão, um estado psíquico de tipo assemelhado ao onírico, em que predomina uma atividade do ego. O nível de regrediência não ultrapassaria aquele do fenômeno silberiano cuja colocação numa narratividade organizaria o discurso pré-consciente. De acordo com o que compreendemos, se o devaneio (*rêverie*) forma seguramente uma cena diurna dos desejos e dos conflitos que implicam uma certa transformação de pensamentos, de sensações em imagens, nem por isso ele ultrapassa o domínio da atividade pré-consciente. Nesse sentido, nós não chegamos a nada de novo. Com Freud, A Green consi-

56. A Ferro, Conferência na Sociedade Psicanalítica de Paris, 16 de maio, 2000, *Le champ psychanalytique, turbulences, transformation, narrations*. O debatedor foi Florence Guignard.





dera equivalentes devaneio (rêverie) e fantasia consciente (1987). Por sua vez, Florence Guignard (1985) enfoca “a capacidade de devaneio (rêverie)... como ocupando o lugar tópico do pré-consciente ... uma função por excelência do sistema pré-consciente”. O devaneio (rêverie) compreendido dessa maneira pode, teoricamente, ser o lugar de expressão, de forma disfarçada, de um desejo reprimido e, em consequência, representar um bom instrumento para desvendar o inconsciente. No entanto expressamos certas reservas porque, o mais seguidamente, o devaneio (rêverie) mostra ter um caráter defensivo, ser uma resistência. Na verdade, nos devaneios, a complexidade do trabalho do sonho desaparece; ou melhor ainda, ela se reduz, em grande parte, à sua elaboração secundária, da qual Freud já soube tão bem dizer o quanto esta última é ávida de assimilar-se a um sonho diurno, de apoderar-se de uma fantasia pré-consciente, de tomar sua forma e seu conteúdo, com a finalidade de revestir o sonho de uma forma conveniente para o momento do acordar. Devaneio (rêverie) e sonho são, assim, fenômenos bastante diferentes. O devaneio pode ser aproximado dos fenômenos silberianos. Para o analista, ele apresenta o risco de induzir a interpretações “anagógicas”. O analista, acreditando facilitar o aprofundamento, poderá não deixar o nível pré-consciente.

É necessário levar em conta o fato de que esses dois fenômenos essencialmente diferentes trabalham para a formação complexa do sonho. Um, como no devaneio (rêverie), é do registro do pré-consciente e se apóia seguidamente sobre uma fantasia consciente ou pré-consciente, ele sustenta a elaboração secundária e forma os aspectos do sonho semelhantes em todos os pontos aos devaneios diurnos; enquanto que o outro, sob a pressão do sexual primordial e do sexual infantil reprimido, dispõe de todos os constituintes psíquicos do momento, abarca na sua simultaneidade todos os elementos presentes para chegar a um resultado original, único, e isto de uma maneira anormal toda-poderosa que conhecemos. É este último processo que é o trabalho do sonho no seu sentido estrito (Freud, 1900).

Neste relatório nos interessaremos pouco pelo devaneio (rêverie) porque gostaríamos, sobretudo, de chamar a atenção sobre as manifestações, durante as sessões, oriundas de um trabalho psíquico desenvolvendo-se para além do sistema pré-consciente que podem, bruscamente, apresentar-se ao espírito da análise, “frente aos olhos”⁵⁷ (M^oUzan, 1976).

Separaremos, então, a noção de devaneio (rêverie), e a técnica analítica que se apóia preferencialmente sobre ela, da noção de trabalho de figurabilidade, termo que usamos seguindo o modelo do trabalho do sonho no sentido de Freud. Talvez separe-

57. Ele descreve aí uma gravura no canto da qual “eu vejo a perna de uma mulher... surgindo de um forro de peles”, ponto de partida de uma interpretação.





mos o pensamento sonhador do “pensamento sonhante”, caro a J.B. Pontalis.

Antes de deixar este capítulo sobre a figurabilidade, gostaríamos de dizer nem que seja uma palavra sobre a poesia, forma *sui generis* de figurabilidade, talvez o auge de intrincação da regrediência no âmago da progrediência, a capacidade de fazer figurar, através das representações de palavras, o que, de outro modo, só é acessível por meio dos sonhos. Aquilo que faz com que Christian David diga: “*Nós sentimos e compreendemos isso. Eu sou – parafraseando Mallarmé – a favor de uma Psicanálise que retome, da poesia, seu bem*” (David, 1992).

V – Sonho e memória

“O sonho é, em resumo, como uma regressão ao passado mais antigo daquele que sonha, como uma revivescência de sua infância”.

S. Freud, 1900

1. A endopercepção (inneren Auge)⁵⁸

O fato clínico mais próximo da “endopercepção” é, nós o sabemos, a atividade mental da noite. Ela interessa estranhamente pouco aos psicanalistas ... a não ser sob a forma investida pelos sistemas de representação no relato do sonho. E no entanto, apesar de sua “paixão” pela interpretação dos sonhos, Freud pensava desde 1900 que são esses processos psíquicos da noite que são portadores de uma grande capacidade de inteligibilidade. O problema é que: “*Penetrar na psicologia dos processos do sonho é uma tarefa rude. É bastante difícil de mostrar pela descrição de uma sucessão, a simultaneidade de um processo complicado*” (Freud, 1900) (o grifo é nosso, já que atribuímos uma grande importância ao papel da simultaneidade dos componentes psíquicos, quer se trate do conteúdo de um sonho, de uma percepção tanto interna quanto externa, ou de planos intrapsíquicos e intersubjetivos). Ainda hoje é difícil pensar o trabalho psíquico do sonhador, assim como penetrar na psicologia dos processos de desejo, porque a complexidade de sua convergência na simultaneidade das regressões tópica, temporal e formal terminam em formas de pensamento e de atos inacessíveis a um trabalho que se desenvolva sobre as vias progredientes.

58. Freud interessou-se por isto desde 1895 (“Études sur l’hystérie”). “*Mas algumas vezes a mesma imagem continua, de modo obstinado, a apresentar-se à vista interior (inneren Auge) do doente, já descrita.*” A endopercepção mereceria um estudo aprofundado e compreende-se mal por que os escritos analíticos a abandonam (trad. A Berman, PUF, 1967, p. 227. *GW*, t I, p. 283).





Para além dos acontecimentos percebidos, representados, dos conteúdos memorizáveis sob a forma de relato, a compreensão metapsicológica de tais atividades psíquicas exigiria uma espécie de tópica na medida dessas regressões; na medida da distância, por assim dizer, sideral, que existe entre o sono lento profundo e o pensamento de vigília, entre o desejo, o sexual primordial e os desejos do ego adulto. Ela poderia dar, por exemplo, a idéia da “velocidade” com a qual esta distância é percorrida até o momento do despertar; esclarecer, paralelamente a problemática manifesta-latente, aquela da transformação, não somente quando da formação do sonho, mas também quando da formação do relato do sonho⁵⁹, fruto de um trabalho de memória sob a pressão da prova de Realidade. Assim como o firmamento estrelado da noite nos deixa adivinhar melhor o universo do que o faria uma paisagem inundada pela luz do dia, a atividade psíquica da noite dá-nos melhor a idéia de estrutura de nosso universo psíquico. É ela que permanece a “via régia” da pesquisa em psicanálise.

Os casos de sonambulismo estudados pelos psicanalistas (Degoumois, 1992; Bayle, 1996; Delourmel, 2000) nos esclarecem sobre as vicissitudes do sexual infantil situado entre representação, percepção, alucinação e motricidade. Da mesma forma os casos das crianças enuréticas, ou os episódios enuréticos dos adultos em análise quando dos momentos regressivos. Ou os estados de despertar em pânico, às vezes fora do leito, sem a mínima representação justificando o medo. Ou ainda as alucinações hipnagógicas do adormecimento ou de outros estados letárgicos do pensamento de vigília⁶⁰ (Garma, 1994, 1998, 2000).

2. Os três modelos do sonho

Como já dizíamos anteriormente, as modalidades de figurabilidade que nós abordamos se dividem em três modelos fundamentais do sonho.

O *sonho realização de desejo*, sabemos disso, é o modelo essencial da teoria do funcionamento psíquico. Ele esteve na origem da psicanálise, e sua interpretação na origem do modelo da técnica da interpretação das neuroses de transferência. A validade absoluta deste procedimento foi progressivamente questionada por Freud,

59. R. Diatkine (1974) situa a figurabilidade no momento do acordar: “*Os procedimentos do despertar constituem este momento em que se dá o encontro entre dois sistemas contraditórios, o primeiro que conota a imediatividade da satisfação alucinatória e o segundo que conota a capacidade de fazer figurar, no relato do sonho, dos desejos não realizados; o primeiro reativando o outro e perturbando seus equilíbrios prudentes, não somente pela liberdade de suas descargas, mas também pelo arrojo total de sua capacidade de figuração*” (“Rapport au Congrès de Langues Romanes”, 1974).

60. Lucile Garma faz pesquisas sobre a articulação entre o sonho e o sono. Lucile Garma, Daniel Wildlöcher, “Le rêve entre la clinique psychanalytique et la clinique du sommeil”, *Revue française de psychopathologie*, 23, 1996.





em particular depois da descoberta, durante a guerra de 1914-1918, da existência de um tipo de neurose na qual o sistema Ics não tinha estritamente nenhum papel, as neuroses traumáticas. Isto deveria levar a uma constatação difícil de ser admitida por Freud e cuja revelação foi retardada por mais dez anos: o sonho não é mais, propriamente, a realização de um desejo reprimido, mas “*uma tentativa de realização de um desejo*”⁶¹.

Seguramente, *o sonho da neurose traumática* deve ser considerado como um fracasso do modelo do sonho de realização de desejo. No entanto, se privilegiamos o que veio antes e não o conteúdo, a repetição alucinatória sem trabalho psíquico de uma percepção representa uma modalidade original do sonho. A redução do campo da memória ao da sensorialidade e aquela do trabalho do sonho à figurabilidade direta tornam-se um modelo de uma economia extrema.

Posto de lado o caso de repetição de um acontecimento traumático, reencontramos esse modelo na clínica psicossomática na qual, quando num “*estado operativo*” (Smajda, 1998), o doente repete de uma maneira idêntica os atos comuns do dia anterior, aqueles do seu trabalho por exemplo: “*uma forma radical de trabalho do negativo*” (Smajda, 1998).

Ao contrário do doente operativo no qual o procedimento testemunha um empobrecimento de seu trabalho psíquico, em situações extremas de sobrevivência, o mesmo procedimento, sob a forma de um sobreinvestimento alucinatório em Identidade de Percepção das percepções do passado, torna-se um meio formidável de manutenção de vida. Pensamos aqui no relato do aprisionamento de um amigo num campo de concentração. Ele sobreviveu a um estado comatoso, de desnutrição, e guardou tão somente a recordação de um fio contínuo de percepções alucinatórias extraídas da memória de sua tenra infância: o vermelho das bochechas de seus amiguinhos, o barulho da gaveta da caixa registradora da mercearia onde ele ia buscar seus bombons, percepções alucinadas que lhe vinham por ondas contínuas. Nesses casos, a repetição pelo idêntico está a serviço do princípio de prazer e de sobrevivência.

O sonho-realização de desejo e o sonho da neurose traumática são, ambos, portadores de uma memória, seja ela a de uma recordação recalcada da infância, “*resto diurno*”, ou, ainda, a memória de traços sensoriais. É esta a razão pela qual, para valorizar a função memória que acreditamos perceber em cada modalidade do sonho, gostaríamos de salientar uma outra modalidade de sonho particularmente marcada por esta função, quando o sonho é, antes de mais nada, a tentativa de reencontrar uma memória que, ela mesma, é desprovida de traços de representações de

61. S. Freud (1932), *Nouvelles Conférences. 29^e Leçon: révision de la science des rêves*, p.41, trad. Anne Berman, OC, t. XIX, Gallimard, p. 111.





recordações, aquilo que denominamos em outro lugar de uma “*memória sem recordação*”.

A noção de compulsão à repetição impôs-se a Freud paralelamente ao estudo das neuroses traumáticas. Em 1920, com *Além do princípio de prazer*, continuação teórica da psicopatologia da neurose traumática, a transferência não podia mais ser considerada unicamente como a transferência dos desejos reprimidos do passado; agora era necessário entender que ela era também transferência de “*cicatrices narcísicas*”, de experiências dolorosas da pequena infância. Da mesma forma que o sonho que, em 1932, nada mais é que uma “*tentativa*” de realização de desejo, a transferência, para além de sua tendência de atualização de um desejo, de sua busca de prazer, poderia ser compulsão em repetir uma dor. Dito de outra maneira, a transferência não era verdadeiramente a “*alavanca*” do tratamento: entre dor e masoquismo, ela podia até determinar o fracasso da mesma (*Análise terminável e interminável*, 1937).

Alguns meses depois do aparecimento desse texto (outubro, 1937), terá lugar aquilo que podemos chamar de uma nova e última guinada, talvez tão importante quanto a de 1920: a redação em outubro e a publicação em dezembro de 1937 de *Construções em análise*. Na maior parte das vezes, não se compreende bem a revolução trazida por este texto. Será isso devido a uma leitura impregnada de sedução que exercem sobre os psicanalistas as noções de “*construção*” e de “*convicção*”, com seu poder de efeito terapêutico igualando aquele de uma recordação reencontrada? E nós não nos damos conta de que a grande mudança teórico-prática deste artigo diz respeito à retomada daquilo que Freud havia já indicado em 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*: “*As mais antigas recordações da infância não são mais acessíveis enquanto tais, mas são substituídas, na análise, pelas transferências e pelos sonhos*”. O sonho é memória⁶².

Depois disso, na análise do *Homem dos Lobos* (1914), em que a idéia de 1900 volta sob a formulação “*Sonhar constitui, na verdade, ainda uma re-lembrança*”, Freud adianta-se ainda mais: “*É esta volta obstinada nos sonhos que explica... que no próprio paciente se estabeleça, pouco a pouco, uma convicção profunda da realidade dessas cenas primitivas, convicção que não é em nada inferior a uma convicção baseada na recordação*”(Freud, 1914) (grifo nosso).

Ainda no *Esboço* (1938), a “*memória do sonho*” é convocada para “*provas do papel que desempenha o id inconsciente na formação do sonho*”(1938):

62. Não esqueçamos o manuscrito, datado do 10 de Novembro de 1899, seis dias após o aparecimento da *Interpretação dos Sonhos*, com uma análise tão perspicaz de um sonho, “*Une prémonition onirique accomplie*”, jamais publicada enquanto Freud era vivo. Trata-se aí da “*criação de um sonho a posteriori*”, portador de uma convicção de verdade. Toda a tese de “*Construction*” já se encontra aí. (S.Freud, 1899), em *Résultats, idées, problèmes*, I, PUF.





a) “A memória do sonho abarca bem mais coisas no sonho do que no estado desperto. O sonho traz certas recordações esquecidas por aquele que sonha e que, no estado desperto, permanecem a ele inacessíveis”.

b) “O sonho utiliza-se ilimitadamente da linguagem simbólica... (que) tem sua origem possivelmente em fases anteriores à evolução da linguagem”.

c) “A memória produz muito freqüentemente no sonho certas impressões da primeira infância daquele que dorme...”

d) “O sonho faz, por outro lado, surgir materiais que não pertencem nem à vida adulta nem à infância daquele que sonha. Deve-se portanto considerar tais materiais como parte da herança arcaica, resultado da experiência de seus antepassados”.

O mesmo ocorre com o excerto de *Moisés* que nos serviu de ponto de partida no capítulo II.

Estas passagens mencionadas, distanciadas no tempo (1900, 1914, 1937, 1938), traçam uma linha de pensamento, uma via de pesquisa implícita que esboça o que nós poderíamos chamar de terceiro modelo do sonho: o *sonho-memória*. Além da participação que a filogênese tem aí, quais seriam as razões que tornariam Freud reticente em integrá-lo no *corpus* teórico? O que podemos dizer é que, para nós, sustentar explicitamente a articulação da memória com o sonho, uma ligação tão forte da memória infantil com a atividade alucinatoria, postular um modelo sonho-memória da pré-história pessoal teria representado uma nova reviravolta da teoria e da prática analítica.

Assim é que o sonho, trinta e sete anos após *A Interpretação dos Sonhos*, vale ainda para Freud, não somente enquanto discurso que abre a via em direção à interpretação, “*via real que conduz ao conhecimento do inconsciente*” (Freud, 1900, p.517), mas é “em si”, uma vez que ele é o depositário de um passado que não poderia ser atingido de outra forma. De fato, o discurso do sonho, como ele já é transformação em representação de palavras, representa, se nós o consideramos sob esse ponto de vista, uma dificuldade. A colocação em relato do sonho tornado narrativa, discurso, perde seu poder inestimável de “*ver, perceber, antes da linguagem*”. A colocação em relato, este ganho em inteligibilidade comunicável, comporta obrigatoriamente um preço a ser pago, o apagamento do sonho portador de acontecimentos anteriores à linguagem.

O “*sonho-memória*”⁶³ referindo-se à pré-história pessoal, esse tempo do sonho anterior à sua colocação em palavras, anterior à colocação em imagens, em cenas

63. Pensaremos aqui em Bion empregando a formulação “the furniture of dreams” (a substância dos sonhos).





passíveis de serem colocadas numa forma narrativa, representa um modelo do “sonho-em-si”⁶⁴, acontecimento “destinado a permanecer não compreendido”. O sonho que “*vê sem compreender*” abria a psicanálise para o mundo do perceptivo. No entanto, a ampliação do campo analítico que marca o fim da obra freudiana não terá, infelizmente, seguimento no nível conceitual, não conduzirá a novos conceitos analíticos. O que se explica, em parte, pela evolução do pensamento de Freud depois de 1900, por uma permanência demasiadamente longa em estado de latência do estudo sobre o potencial perceptivo do modelo do sonho, talvez sob os efeitos conjugados de uma racionalidade solidária com a concretude da clínica, da psicopatologia e, sobretudo, da concepção genético-desenvolvimentista da sexualidade infantil.

Sem narrativa, fora da linguagem, sem a concretude dos traços do desenvolvimento sexual, “o *sonho em si*” teria provavelmente perturbado os ideais científicos de Freud. Sua exigência quanto à clareza e racionalidade se opõe a isso e se acentua com o decorrer do tempo: “*Nossa melhor esperança para o futuro é de que o intelecto – o espírito científico, a razão – venha tornar-se... a ditadura na vida da alma humana*” (Freud, 1932, p.232). Se Freud tivesse tido conhecimento das pesquisas recentes⁶⁵, supomos que ele poderia dedicar-se mais ao estudo do “sonho-em-si”.

O espírito científico dominado pela “ditadura da razão” afasta Freud da concepção aristotélica que define o sonho simplesmente como “*a atividade psíquica daquele que dorme*”, ele o afasta da Antigüidade clássica quando se acreditava numa causalidade natural e não patológica como aquela que se encontra na origem dos sonhos.

64. Interessar-se ao “sonho-em-si”, isto é, independentemente de seu relato, de sua interpretação, do trabalho que o organiza e do fato de que ele é uma tentativa de realização de desejo implicava para Freud, numa abertura para domínios que ele preferia evitar. Nós abordamos esta questão no início do cap. IV: A FIGURABILIDADE. Freud tinha desconfiança deste fenômeno que o fascinava, mas que, no entanto, ele rejeitava. Isto a tal ponto de levá-lo a opor-se a Ferenczi que queria fazer uma comunicação sobre suas experiências telepáticas no Congresso de 1925. “*Eu desaconselho. Não o façam... Assim fazendo, lançarias uma bomba na morada psicanalítica que certamente explodiria*” (“Carta a Ferenczi”, 20 de março de 1925, *Correspondance Freud-Ferenczi*, p. 232, Calmann-Lévy”. Pode-se também consultar, para se ter uma visão de conjunto, E. Jones, *La vie et l'oeuvre de S. Freud*, t. III, PUF, 1969, p. 444.

65. Parece estar provado que o sono paradoxal intervém na memorização por meio da síntese protéica, que seria necessária à aprendizagem; as pesquisas neurofisiológicas de Gif-Sur-Yvette demonstraram que as fases do sono paradoxal eram, sim, períodos nos quais eram novamente tratados dados que se acumularam durante o período desperto precedente; teria também sido provado que a síntese protéica, particularmente ativa durante as fases paradoxais, é necessária para a aprendizagem e para a colocação em memória; para os neurofisiologistas, a fase paradoxal interviria, então, nas memorizações (ver Georges Chapoutier, *Des molécules pour la mémoire*, La Recherche, 1987, n. 92). Ver também as tentativas de diálogo entre um psicanalista e um neurofisiologista em Jacques Hochmann, Marc Jeannerod (1991), *Esprit, où es-tu?*, Odile Jacob. Iguamente o diálogo entre um psicanalista e um neurólogo: Bernard Lechevalier, Bianca Lechevalier (1998), *Le corps et le sens, dialogue entre un psychanalyste et un neurologue*, De la Chaux & Niestlé.





A usurpação que fez a lógica médica do modelo do sonho, a idéia de que ele era portador de regressões anormais, de características patológicas, aparece, então (já assinalamos isso), notadamente a partir do *Complemento à Teoria dos Sonhos* (1915). A linha de pensamento freudiano que poderia ter tornado conceitual a dinâmica regrediente do “ver sem compreender” curva-se diante da ordem da linguagem, das representações da tempo-espacialidade e limita o alcance da regressão: esta será tópica, temporal, formal. A regressão, segundo essa tripartição de 1914, fica reduzida à expressão de uma substituição de palavras por imagem. A figurabilidade, quanto a ela, não será tomada em consideração além de sua função de tornar “visível” o produto final do trabalho do sonho. O “ver” que não comunica, a regrediência ao infantil sexual primordial, não terá legitimidade na *Metapsicologia*, 1915. O inconsciente de 1915, constituído de representações, não é “louco” ou, sobretudo, ele não reconhece a loucura alucinatória do desejo infantil. Sabe-se que Lacan, apegado a essa concepção de um inconsciente que “causa”, representava o imaginário como “*antecâmara da loucura*”, excluía do inconsciente a loucura alucinatória do sexual infantil. Isto não foi, por muito tempo, o caso para Freud. Em 1923, o poder alucinatório do desejo retorna com o id da segunda tópica.

3. A pré-história pessoal

Em Freud, no início, encontra-se o emprego do termo pré-história associado àquele de amnésia infantil (Freud, 1905, p.68), logo suscetível de ser acessível graças ao trabalho analítico habitual: “*É a amnésia infantil que cria para cada um de nós na infância uma espécie de pré-história (grifo de Freud) e nos esconde os começos da vida sexual ...*”. Quando ele retoma o termo nos seus últimos escritos, ele o enfoca bem diferentemente, ao ponto que, nas *Construções em análise* (1937), a noção de pré-história faz referência àquilo que não pode voltar à consciência através do trabalho analítico costumeiro. Ele justificará intervenções que não são interpretações, mas “construções”: “*...pode-se falar de construções quando se apresenta à análise um período esquecido de sua pré-história*”(Freud, 1937, p.273).

Em paralelo à noção de pré-história da humanidade, o tempo do homem antes da escrita, o termo de pré-história pessoal remete ao tempo do infantil antes da linguagem, à *l’infans*. No entanto, a concepção de uma pré-história pessoal nunca se enquadrou, para Freud, com o ponto de vista desenvolvimentista dos anos 1910. Assim sendo, quando ele evoca, em 1923, em *O Ego e o Id, a identificação primária – “a identificação ao pai da pré-história pessoal ...é uma identificação direta, imediata, mais precoce que todo investimento de objeto*”(Freud, 1923, p.275) – é uma





formação psíquica sempre presente que o tempo e os imprevistos da história narrativa própria à criança histórica não atingem; podemos considerá-la como uma reformulação da noção desaparecida de Identidade de Percepção, da “*primeira metapsicologia*” (1900). Se Freud ainda se interessa por este tema no final da sua vida é porque ele pensa encontrar na noção de pré-história uma formulação apropriada a uma dinâmica psíquica não determinada pela história, por representações; em resumo, uma explicação para os fracassos dos tratamentos psicanalíticos – *Análise terminável e interminável* testemunha sua desencanto.

O interesse que temos na noção de pré-história individual reside no fato de não se limitar a um tempo “primitivo” anterior à linguagem: é pré-história tudo aquilo que escapa à história, à colocação em narrativa; “*é aquilo que se dá como fundamento, a história pessoal*” (Perron, 2000, p.88). Ela é fundamento da história do sujeito, marcando-a mais em suas formas processuais do que em seu conteúdo histórico. Inacessível, mas por uma outra razão, distinta da repressão inconsciente, a análise da pré-história só pode ser visualizada num infantil em seus modos primordiais como a Identidade de Percepção, a figurabilidade. Ela corresponde, na história da sexualidade, ao que nós qualificamos de primordial, não circunscrito pelas zonas erógenas, independente da sucessão temporal, indiferente a toda distinção sujeito-objeto. Para nós, a pré-história analítica não é aquilo que precede à história, mas o que lhe escapa. Deveríamos falar da *anistória* pessoal que corresponde ao viés não histórico da amnésia infantil? Talvez ela seria o que não é passível de ser narrado, o que não adviria, exceto na regrediência do encontro analítico⁶⁶.

A técnica analítica, assim como Freud a descreveu, corresponde à análise da história recalcada do paciente na qual o analista procura interpretar as recordações representadas, suspender a amnésia infantil, fonte da neurose. Poderíamos, então, pretender uma técnica analítica freudiana visando a revelar a pré-história do paciente? A um outro modelo de interpretação diferente daquele do sonho-realização de desejo?

R. Roussillon responde a isso positivamente: “*A reconstrução da história da pré-história é fundamental, mas a maneira através da qual esta se faz não é menos importante. A história, a historicidade, a historização se transmitem num jogo signi-*

66. Pensaremos aqui na controvérsia suscitada por *La construction de l'espace analytique* de S. Videman e as críticas que a seguiram: F. Pasche, J. Chasseguet-Smirgel, J. Cournut, M. Fain ... (*Revue française de psychanalyse*, 2-3-1974). Mais recentemente M. Dayan (1995), *Inconsciente et réalité*, PUF, p. 358-396, e a crítica de J. Laplanche em “Narrativité et herméneutique: quelques oppositions”, *Revue française de psychanalyse*, 3-1988, retomado em *Entre séduction et inspiration: l'homme*, PUF, Quadrige, 1999, p. 293. Igualmente, pensaremos na concepção, em Claude Le Guen, de uma memória sem inscrição, sem traço/vestigio, “*essencialmente flutuante*”: *Théorie de la méthode psychanalytique*, PUF, 1989.





ficante com a realidade histórica, sua verdade depende tanto da realidade que elas apreendem quanto do jogo que elas introduzem e, graças ao qual, aquilo com o qual a realidade histórica se confrontou encontra-se como representado e subjetivado” (Roussillon, 1999, p.58).

Recentemente, Marília Aisenstein, numa conferência do 20 de junho de 2000 na Sociedade Psicanalítica de Paris, colocou com acuidade uma pergunta fundamental: “*Não existiria uma clínica da opacidade e da desordem na qual para repetir, construir, inventar uma história, seria necessário pensar as modalidades que não repousam somente sobre uma pesquisa idealizada da rememoração?*” Ela lembra o ponto de desavença principal entre Freud e Ferenczi, aquele que dizia respeito à técnica ativa defendida por Ferenczi e por O. Rank. Em 1924, estes dois últimos escreveram juntos *Perspectives de la psychanalyse* (Ferenczi; Rank, 1924). Freud reagiu imediatamente a esse livro, acusando-o de dar muita ênfase ao elemento vivido e não suficientemente à rememoração: “*A análise não deveria perder-se nos acontecimentos vividos.*”⁶⁷. É a respeito deste problema da rememoração na sua articulação com o vivido, com a transferência, que nós trataremos agora.

VI – Transferência e “memórias sem recordações”

1. Transferência e memória

Desde 1895, em *Études sur l’hystérie*, o essencial da transferência está presente: a) “*É sobretudo de reminiscências que padece o histórico*”. b) “*A transferência sobre o médico realiza-se por uma falsa associação...[uma] aliança inferior**” (grifo de Freud). No início da psicanálise, a transferência sobre o médico não era uma aliada do tratamento, mas uma complicação, a causa de um fracasso quando “*o procedimento por pressão falhava e ... nenhuma reminiscência surgia*” (S. Freud, 1895, p.5, 244, 245).

Paralelamente a esta significação de obstáculo, oriundo da clínica, que se atribuiu ao termo de transferência, encontramos na *Métapsychologie* 1900 uma outra, estreitamente ligada ao estudo do sonho, pertencente à definição do trabalho do sonho que é sua pedra angular. Trata-se da “*transferência de intensidade psíquica*”:

67. Carta de Freud a Ferenczi do 22 de janeiro de 1924 e resposta de Ferenczi em 30 de janeiro de 1924, em *Correspondance Freud-Ferenczi, 1920-1933*, Calmann-Lévy.

*NT. A palavra *mésalliance*, em francês, significa contrair núpcias com uma pessoa de condições ou fortuna consideradas como inferiores.





“A representação inconsciente não pode, como tal, penetrar no pré-consciente... a não ser que ela se alie a alguma representação sem importância para a qual ela transfere sua intensidade e que lhe serve de cobertura. Eis aí o fenômeno de transferência...” (S. Freud, 1900, p.478-479). Nesta concepção, a transferência não é mais considerada como negativa, mas, ao contrário, ela é reconhecida como sendo “a parte essencial do trabalho do sonho” (S. Freud, 1900, p.226). Mas a polissemia do termo não se limitará, como veremos mais adiante, a esses dois sentidos de obstáculo à reminiscência e de deslocamento de intensidade, cujo ponto comum é a idéia do “deslocamento” de intensidade de uma representação para a outra, no sonho, aliança inferior na clínica.

Aprecia-se, então, a importância do texto sobre Dora em que volta a idéia da transferência para o médico com um deslizamento determinante: do obstáculo em direção à lembrança, ele se torna portador de um passado reatualizado no presente: “São novas edições, cópias ... estados psíquicos anteriores que revivem, não como estados passados, mas como relações atuais com a pessoa do médico.” Dito de outra maneira, a transferência, se ela é, e isso é claro, um obstáculo à volta de uma lembrança representada, ela é também uma forma de memória: ela reatualiza um estado, um passado desprovido de qualidade temporal. É assim que uma mudança maior transforma-se num reviravolta conceitual própria ao gênio freudiano: “A transferência, destinada a ser o maior obstáculo à psicanálise, torna-se seu mais poderoso auxiliar ...” (S. Freud, 1905, p.86-87).

A transferência no “sonho” e a “transferência para o médico” realizam, ambas, um trabalho dominado pela tendência à realização, mais ou menos disfarçada, de um desejo infantil; sob a forma alucinatória para o sonho, vivido como real (*erleben*) para a transferência. Ambos produzem-se “em conformidade à a-temporalidade e à capacidade alucinatória do inconsciente” (S. Freud, 1912, p.116). O sintoma e o fantasma dispõem-se também sobre essas mesmas bases.

Paralelamente às definições da transferência de intensidade de uma representação para uma outra no sonho e de uma pessoa para a outra na clínica, existe ainda no texto de 1900 um outro significado que não se enquadra perfeitamente na idéia de deslocamento. A transferência é também o agente de um trabalho de substituição: “O sonho seria um substituto de uma cena infantil, modificada pela transferência numa área recente. A cena infantil não pode realizar sua própria reparação; ela deve contentar-se de voltar enquanto sonho” (S. Freud, 1900, p.464). Encontramos aí a noção de “sonho-memória”.

Podemos distinguir duas dinâmicas transferências: a) a transferência de deslocamentos, seja de uma representação a uma outra no sonho, seja de uma pessoa a outra em análise; nesses dois casos existe também um deslocamento temporal e





produz-se sob o efeito da censura (na obrigação à figurabilidade no caso do sonho); é uma resistência à rememoração e está a serviço de uma realização disfarçada. *b)* a “transferência de substituição” em que os “estados psíquicos anteriores”, sem conteúdo, não podendo se reproduzir como “cópias”, logram, no entanto, impor sua realidade. O que os diferencia do deslocamento é que, graças à regressão regrediente do sonho, eles investem o presente, sob o signo da Identidade de Percepção, na qualidade de equivalentes dos “estados psíquicos anteriores”. Deste ponto de vista, se na clínica *a razão de ser da transferência de deslocamento é a de ser um obstáculo à rememoração*, por outro lado “a transferência de substituição” *teria a função de ser guardiã de uma memória sem conteúdo representacional*.

Em resumo, a rememoração, a eficácia, o resultado do tratamento analítico teriam uma relação causal com *a)* a mobilidade, a qualidade da transferência por deslocamentos dos conteúdos transferenciais e *b)* a intensidade, a qualidade das “transferências de substituição”. Seria então necessário conceber que esta capacidade que tem o sonho de ser por substituição uma cena equivalente da cena infantil existe também no nível da transferência em sessão? Desta última dependera a capacidade do tratamento em revelar a “memória sem recordação”. É sobre isto que vamos tratar, inicialmente no nível da teoria e depois ao tentar, em seguida, retornar à prática com o relato de duas sessões.

2. Transferência, regressão e regrediência

Com relação à recordação, certas expressões utilizadas por Freud devem ser lembradas aqui: “luminosidade”, “recordação muito clara... excessivamente clara”⁶⁸ (Freud, 1898, p.101-107); “como uma alucinação” (Freud, 1899, p.121); de uma “nitidez particular”⁶⁹ (Freud, 1901, p.18). Todas estas fórmulas dos anos 1889 a 1901 correspondem, nos escritos de Freud, ao vocábulo alemão *über deutlich*. Este termo desaparecerá posteriormente dos escritos de Freud e ele não voltará a utilizá-lo, tanto quanto sabemos, senão ao fim de sua obra por ocasião da renovação de 1937 (*Constructions dans l'analyse*), em que este termo reaparecerá a propósito de algumas recordações que Freud chama também de “excessivamente nítidas”, “que pode-

68. S. Freud (1898), “Sur le mécanisme psychique de l'oubli”, trad. de J. Altouian e A e O Bourguignon, G. Goran, A Rauzi. In: *Résultats, idées, problèmes*, PUF, 1984, p. 101-107. Os mesmos tradutores numa edição posterior (OC, t. III, PUF) preferiram “sur-net”, G.W., t. I, p. 521, 527.

69. S. Freud (1901), *Psychopathologie de la vie quotidienne*, Nota p.18, trad. S. Jankélévitch, Petite Bibliothèque Payot, 1972. No *GW* (t. IV). O termo *über deutlich* é utilizado uma segunda vez à p.296 (a primeira se encontra à p.18 em nota).





*riam ser qualificadas de alucinações*⁷⁰ (S. Freud, 1937, a p.278 tem duas referências). É conhecida a brilhante análise que faz Freud de sua recordação encobridora da planície com flores amarelas, quando ele tinha a idade de 2 ou 3 anos. Sabe-se também do caráter defensivo que pode fazer parte da formação das recordações “luminosas”, bem como seu caráter paradoxal trazido por Elsa Schmid-Kitsikis (Schmid-Kitsikis, 2000) a respeito das recordações do seu paciente, Charles, “*que, no entanto, carecia de uma determinada qualidade representativa*”. Caráter paradoxal que o paciente condensa numa formulação surpreendente: “*eu não devo me esquecer para não me lembrar.*”

Uma vez mais a aproximação dos textos do começo e do fim da obra freudiana se mostra instrutiva. A retomada de termos tais como *überdeutlich* revela ao mesmo tempo a coerência do pensamento de Freud e sua capacidade de ultrapassagem, apoiando-se em antigas dificuldades, para abrir uma nova “janela” sobre a teoria e prática analíticas. O texto de 1937 deve ser aproximado ao de *L’Interprétation des Rêves* e considerado tão revolucionário quanto este, na medida em que ele redescobre os efeitos de intensidade da figurabilidade: quando uma figurabilidade acontece, um certo grau alucinatório (“*überdeutlich*”), ela suscita e se faz acompanhar de um afeto, de um forte sentimento de “*convicção*” (*Überzeugung*), o sentimento de uma verdade inabalável; a tal ponto que esta convicção “*do ponto de vista terapêutico tem o mesmo efeito que uma recordação reencontrada*” (S. Freud 1937, p.278) No que diz respeito à eficácia de um tratamento analítico, isto significa dizer que o “relembrar”, em psicanálise, é tanto uma questão de convicção quanto de memória; que cada recordação infantil é comparável a uma moeda, cuja convicção seria o verso e a face, o conteúdo representacional. O problema é que, na vivência do paciente, figurabilidade alucinatória (*überdeutlich*), convicção (*Überzeugung*) e transferência (*Übertragung*) se interpenetram num ponto em que os sentimentos transferenciais (amor ou ódio) em relação ao analista investido, sob o ponto de vista econômico, se tornam suficientes. A transferência ocupa então todo o lugar e tende a obscurecer a inteligibilidade da percepção endopsíquica; a resistência se aproveita disso. É como se, num último recurso defensivo, em lugar de “ver sem compreender”, fosse preferível amar (ou odiar), sobreinvestir o movimento afetivo nele próprio.

O que nós achamos interessante ressaltar a esse respeito é que as duas formações, a do sonho e a da transferência, se ambas compartilham uma ausência de “clareza”, possuem igualmente o poder do potencial alucinatório da regrediência. Mas,

70. S. Freud (1937), “Constructions dans la psychanalyse”. In : *Résultats, idées, problèmes*, trad. E.R.Hawelka, U.Huber, J.Laplanche, p. 278; em *GW*, t. XVI, Fischer Verlag, 1999, p.53. Eis aqui as ditas passagens no texto alemão: “*Sie Bekamen lebhaftere Erinnerungen, von ihnen selbst als ‘überdeutlich’ bezeichnet... Diese Erinnerungen hätte man Halluzinationen...*” (as aspas são de Freud).





para a transferência, diferentemente do sonho, “*é necessário parar a regressão (nós diríamos a regrediência) no seu trajeto, de tal maneira que ela não ultrapasse a imagem-recordação e possa, a partir daí, procurar outras vias que permitam estabelecer do exterior a identidade desejada*” (S. Freud, 1900, p.482). A partir desse ponto fixado pela “imagem-recordação”, o movimento regrediente lançado em direção à satisfação alucinatória, assim como uma bala que ricocheteia contra um muro, inverte sua trajetória e toma a via progrediente; há uma volta ao objeto da percepção, ao objeto do “contato”, no caso, ao analista. O movimento regrediente no ponto de partida transmuta-se em investimento progrediente de objeto que poderemos, então, reconhecer, localizar, no espaço-tempo da história do sujeito. É este “*trecho de regrediência*”, esse percurso reversível que define a transferência na sua significação habitual. Poder-se-ia parafrasear Freud: “*A marcha regrediente da transferência deve parar, de tal maneira que esta última não ultrapasse a história da sexualidade infantil.*” Mas, ao dizer isto, nós a fechamos num modelo de circulação passível de regulamentação, enquanto que, na experiência da sessão, o analista experiencia sobretudo a transferência, ou “as transferências”, entre dois psiquismos em estado de regrediência, como um entroncamento “fervilhando” de cruzamentos transgressivos. A transferência não é tão linear e irreversível como se acredita; assim como o sonho, ela própria é um trabalho de tecelagem que exige inumeráveis movimentos, “uma mestiçagem, um tecido mestiço bem tecido”. Ela certamente não contradiz a ordem representacional, aquela da tempo-espacialidade criada e investida pela sexualidade infantil e, a despeito das aparências, ela não se opõe na sua natureza profunda à ordem alucinatória. A transferência, embora faça parar sua regrediência no nível da sexualidade infantil, no nível das recordações, ela não deixa de ser portadora de uma outra memória, da qual ela se separa através dos saltos em direção à progrediência, provocados pelo “muro” da lembrança representada.

3. O elã do desejo infantil

A interpretação clássica procura o retorno, no nível consciente, da representação recalçada. Ela revela a criança “*perversa polimorfa*” nas recordações representáveis, a criança da história recalçada. Nesta abordagem, o desejo infantil é considerado unicamente em função de sua fixação numa representação reprimida, implicada nas suas relações com as zonas erógenas e com a relação de objeto.

A tomada em consideração dos limites desta técnica de interpretação leva Freud à necessidade de completar sua primeira tópica – concebida essencialmente como um mundo psíquico divisível em sistemas, todos constituídos por representações,





compreendido aí o inconsciente. Em 1923, com a segunda tópica, tratar-se-á menos de sistemas e mais de instâncias entre as quais o id é caracterizado por uma não-organização, um “caos”, uma “marmita fervilhante”; pelo fato de que ele não é constituído de representações, mas de “moções pulsionais” (*triebregung*). Desde então, não se trata mais de estabelecer um mapa geográfico do psiquismo com os limites nítidos entre constituintes; ao contrário, a segunda tópica se caracteriza pela mobilidade das instâncias interpenetrando-se e entrelaçando-se em graus diversos, uma transformando-se na outra, ao sabor das pressões vindas do pulsional ou do meio. Um id transvestido em superego coletivo caracteriza seguidamente a psicologia das massas. Gilbert Diatkine forneceu sobre este assunto trabalhos notáveis⁷¹ (Diatkine, 1993, 2000).

Se sua primeira tópica tem um caráter atomista, com suas representações nítidas e distintas entre elas, a segunda favorece as noções mais imprecisas de movimento e de processos psíquicos. Com a prioridade atribuída, a partir dos anos 1920, à formulação das “moções pulsionais”, Freud faz uma volta às fontes, reencontra sua *Métapsychologie* 1900, aquela de *L'Interprétation des rêves*, em que o eixo principal voltava à moção de desejo (*Wunschregung*) e a uma organização formulada em termos de movimentos, de direções, de vias psíquicas, cuja pertinência já discutimos: progrediente na vida diurna, regrediente na vida noturna – a progrediência não passando de um retorno à via regrediente, um substitutivo do desejo alucinatório. Nessa *Métapsychologie* de 1900, a via progrediente representava um modo de esfarelar, de fracionar em representações e em ligações aquilo que no começo era tão somente uma impulsão de desejo (*Wunschregung*) se precipitando em direção à satisfação alucinatória pela via regrediente.

Visto sob essa ótica, o futuro psíquico exige a transformação prévia das moções pulsionais (*Triebregung*) “caóticas” do Id em moções de desejo (*Wunschregung*). Dito de outra forma, a impulsão “caótica” do Id deve previamente se organizar em traço alucinatório tomando uma direção e um conteúdo representacional. Se é verdade que a memória portadora de objetos, de palavras, de coisas, de traços sensoriais, fixa a transformação do Id em constituinte do Inconsciente, não é menos verdade que, sem a realização prévia desta exigência de transformação da impulsão em impulsão de desejo, não poderá haver aí memória, reconhecimentos da realidade, de progresso; o número de representações, suas ligações e divisões não poderiam jamais transformar-se em traços mnêmicos investidos, numa organização da primeira tópica. Em suma, eles não poderiam jamais conseguir fazer do homem um “desertor da

71. Gilbert Diatkine (1993), *La Cravate Croate: narcissisme de petites différences et processus de civilisation*, in *Revue française de psychanalyse*, 4-1993, 1057-1072 e seu Relatório CPLF 2000, *Surmoi Culturel*, in *Revue française de psychanalyse*, numero spécial congrés 2000, 1523-1588.





animalidade”, um “trânsfuga” do animismo.

Assim apreenderemos que, no contexto processual da segunda tópica, o desejo infantil não pode mais ser reduzido à sua fixação numa representação e a uma relação objetal. Ele é fundado por sua propriedade emocional, fora de todo conteúdo, de toda continência. Nós reencontramos, assim, a noção de *sexual primordial*. É o caráter impulsionado e impulsivo de sua natureza que o caracteriza. Marcado pela natureza “profunda” da impulsão do Id não domado pelo papel da memória, nós a qualificamos de *elã* para indicar seu valor anímico, ao mesmo tempo motriz e alucinatório ou, melhor dizendo, seu valor de “*alucinação motriz*” que lhe é dada por Freud em *Totem et Tabu* (Freud, 1912, p.293). Uma tendência antinarcísica, diria Francis Pasche. Proximamente a isto, diríamos nós, que a impulsão em direção ao objeto é tão fortemente impregnada de sua tendência à satisfação alucinatória que *o elã se realiza sob a forma anímica, antes que seu objeto possa ser investido*. De fato, o objeto do elã é um objeto anímico, a satisfação de um sujeito-objeto inseparável movido pela busca do *sexual primordial “objeto-perdido-da-satisfação-alucinatória”*. Quando o elã surge no adulto, ele pode provocar a estranheza, despersonalizar, e sua derrota pode provocar uma dessubjetivação⁷². Nosso melhor exemplo é o de “cheiro de pinho” que publicamos em 1995 (Botella; Botella, 1995, p.349-366).

Podemos, portanto, concluir da maneira seguinte: levando-se em conta o pano de fundo *sexual primordial* que se encontra no âmago do sexual infantil, a técnica analítica não pode esquecer que todo desejo infantil transferencial inclui, além de sua fixação a uma representação de objeto, um caráter anímico com tendência motriz e alucinatória, um objeto fora da temporalidade e da memória, que não pode fazer outra coisa senão escapar da rede de interpretação clássica. O elã infantil, inevitavelmente ativado pela transferência, passa através das malhas das cadeias associativas e permanece impossível de ser conhecido. Se ele se torna perceptível, já é tarde demais, ele é “consumido” pelo ato. Como poderia, então, o analista ter acesso a esse elã infantil para conseguir desvelar uma “memória sem recordação”?

4. Os limites da transferência

São os tratamentos de pacientes *borderline* que ensinaram os limites da transferência aos psicanalistas⁷³, chegando mesmo ao ponto de os fazer colocar em questão a pertinência do método freudiano. Paralelamente, os limites metapsicológicos

72. Ver os trabalhos de R. Cahn e seu relatório ao CPLF, “Du sujet”, *Revue française de psychanalyse*, 6-1991.

73. Ver os trabalhos de Otto Kernberg (1975), *Les troubles limites de la personnalité*, Payot, 1989.





da noção de transferência foram estudados em trabalhos de analistas que se interessavam pelo setting, pelo lugar analítico, pelo tempo da sessão. Devemos convir quanto à importância dos trabalhos de Jean-Luc Donnet sobre este tema (Donnet, 1997).

No limite da atenção flutuante, nós descrevemos um estado psíquico particular ao qual chamamos de *estado de sessão* (Botella; Botella, 1984, 1995). Ele se encontra entre o cão e o lobo, entre o dia e a noite, meio diurno, meio noturno, e no entanto, não é nem um nem outro; um estado híbrido propício à instalação de uma regrediência que facilita o trabalho de figurabilidade e a tendência alucinatória. Para uma melhor compreensão do tratamento, o analista fará uso deste estado híbrido como de um instrumento. No entanto, no paciente, esta impulsão em direção à regrediência evoca um sentimento de inquietante estranheza do qual ele tenderá a livrar-se, investindo libidinalmente e narcisicamente o analista em sua materialidade. Ao projetar no analista um duplo narcísico, tornado concreto pela atualização dos afetos transferenciais, o paciente evita os riscos da regrediência do seu pensamento.

Entre as tendências regredientes e suas inibições estabelece-se uma tensão cuja dinâmica será variável de um tratamento à outro e, dentro de um mesmo tratamento, de um momento a outro. Cada sessão cobre um vasto campo de modalidades transferenciais entre os dois psiquismos aí presentes, exceção feita à diferença que nós estabelecemos entre a transferência de um desejo próprio à neurose infantil e a transferência da moção propriamente dita, o elã de desejo. Até que ponto a noção de transferência pode responder, sozinha, a esta situação complexa que é a da regressão durante a sessão, a essas modalidades não habituais de encontro entre dois psiquismos? Os limites, algumas vezes indeterminados, imprecisos, instáveis, entre dois psiquismos regredidos, poderão eles coexistir na noção de transferência com os limites definidos, estáveis, das zonas erógenas e de investimento de objeto que, classicamente, definem seu domínio? Nós chamamos de “*trabalho em duplo*” os fenômenos que podem produzir-se em estado de sessão, “*trabalho em duplo*” cujo essencial se passa sob os efeitos da regrediência, que culmina num trabalho de figurabilidade do analista (Botella; Botella, 1984). Pensemos aqui na descrição de “*objeto analítico*” de André Green: “*formado por dois duplos, um ao lado do paciente, o outro do analista*” (Green, 1974, p.88).

M.de M’Uzan (M’Uzan, 1976, 1977, 1994) foi o primeiro, por ocasião de uma conferência na SPP, em 1976, a conceber tal disponibilidade do analista: “*(ela) permite ao analisando, por intermédio de sua representação, invadir o espaço psíquico do analista para desencadear estes processos mentais originais que anteriormente denominei de pensamentos paradoxais. Esses pensamentos que pertencem ao analisando, ou melhor, que estão nele potencialmente, formam-se, no entanto, no analista*” (M’Uzan, 1976). Posteriormente, Claude Janin, (Janin, 1996), que se preocupou





simultaneamente com traumas precoces, empregará a feliz formulação de “*animismo a dois*”, que reflete perfeitamente a trama intrapsíquica e intersubjetiva destes momentos regressivos⁷⁴ (Wilgowicz, 1991).

Qualquer que seja a teorização escolhida, tornou-se certo que a noção de transferência, na sua aceção freudiana clássica, não dá muito bem conta das tramas próprias a certos aspectos regressivos da sessão. A dinâmica transferência-contra-transferência⁷⁵, (Urtubey, 1994, p.1271-1372) ou ainda as concepções intersubjetivas não têm, para isso, senão respostas parciais. Isto, devido ao fato de que o sentido da relação transferência-contratransferência, ao menos do ponto de vista clássico, é inseparável da neurose infantil, da sexualidade infantil e suas representações. O mesmo vale para a noção de identificação projetiva própria às concepções kleinianas e pós-kleinianas; sejam elas concebidas como fantasia (M. Klein, 1946) ou provocando “efeitos reais” (Bion, Grinberg, 1956, 1996), as descrições e definições ligam-se às representações inconscientes e /ou às percepções sensoriais, não correspondem àquelas de um processo que se desenvolve de acordo com a dinâmica regrediente. Talvez esta identificação projetiva seja uma falha da regrediência; mas talvez também regrediência e identificação projetiva sejam estreitamente intrincadas; os limites deste relatório nos impedem de aprofundar este tema como ele mereceria.

O movimento transferencial da sessão conduziu-nos, então, a vislumbrar a existência de modalidades transferenciais fora do quadro da neurose de transferência. Com a finalidade de aprofundar nossos comentários, devemos nos perguntar se a idéia, oriunda do estudo dos sonhos, de uma “*transferência de substituição*” da cena infantil sobre uma outra, enfocada como sendo equivalente, em que a dinâmica não influi sobre o deslocamento mas sobre a Identidade de Percepção, é concebível no nível da transferência em sessão. Uma transferência que, a exemplo do sonho, traria nela um substituto a uma “*memória sem recordação*”, a esse “*ver sem compreender*” da pré-história pessoal do analisando. Uma transferência para quem do limite da representabilidade? Sem conteúdo de memória, sem condições de ser repetido? O que poderia ser transferido aí do paciente para o analista e como? R. Rousillon propõe, numa concepção winnicottiana, conceber um trabalho de construção-reconstrução inspirado no jogo transicional *spatule, cube, puzzle, squiggle*, para “*otimizar, não os conteúdos de nossas intervenções, de nossas construções, mas a maneira na qual elas devem ser formuladas, apresentadas*” (R. Roussillon, 1999).

Seria fácil associar os estados, as cenas que jamais puderam ser colocadas em palavras, o “*ver sem compreender*”, aos estados traumáticos da história infantil e

74. Pérel Wilgowicz se engaja aí numa concepção original.

75. A este respeito, faremos referência ao estudo de Louise de Urtubey no seu relatório no Congresso de Psicanálise de língua francesa, de Lisboa, “Le travail du contre-transfert” (1994).





afirmar que sua única via de volta é a repetição sobre o modelo do sonho da neurose traumática. Na verdade, seguindo exatamente a metapsicologia freudiana, pensaríamos que esses estados, desprovidos de representações e de afetos específicos que os designem, sem poder de deslocamento e de participação na neurose de transferência, caem todos sob a égide de um princípio que está para além do prazer. Esta foi a nossa maneira de pensar durante algum tempo. Hoje estamos inclinados a emitir a hipótese da existência de uma “*transferência de substituição*”, partilhando, com o sonho, uma “memória sem recordação”. Haveria, no âmago da transferência, um potencial permanente de atualização dos estados e das cenas da pré-história pessoal. O problema é aquele de conceber a dinâmica dessa transferência e a modalidade de seus efeitos. Como essa transferência que não repete os conteúdos e da qual, a rigor, se diria que ela nem mesmo transfere, está, no entanto, aí, e subentende, em silêncio, as “*recordações amnésicas*” (Green) e os afetos não representáveis da pré-história pessoal? Uma transferência que provocaria efeitos sem significações discerníveis, sem forma perceptiva ou figurável, mas que, no entanto, estariam longe de ser insignificantes, como ela poderia tornar-se discernível?

O fato de fazer uma aproximação com os fenômenos analisados por Silberer que nós lembramos mais acima pode representar um recurso? O “*fenômeno funcional*” transforma o estado subjetivo que acompanha um pensamento (por exemplo, um estado de cansaço). Nas condições particulares da sessão, estes estados poderiam ser diretamente figurados, a exemplo deste “*fenômeno funcional*”. Imagens seriam produzidas “ao lado” de conteúdos de pensamento e ocupando o centro do interesse psíquico. O problema é que trata-se de imagens que podem tornar-se um obstáculo que, Freud assinala várias vezes, impediriam a manifestação dos conteúdos de pensamento.

Daí nós apresentamos duas conclusões: 1) para que serviriam essas figurações, no paciente, ao lado dos “conteúdos de pensamento”, senão para ocultar toda a memória e talvez, sobretudo, e aí está nossa hipótese, a negatividade da “memória sem recordação”? A experiência das “análises borderline”⁷⁶ nos convenceu que, em realidade, a inteligibilidade imediata das figurações destes estados, ao lado dos conteúdos representacionais afetivamente investidos e a análise deles, não provoca no tratamento senão um apaziguamento pontual. Por outro lado, esta inteligibilidade imediata periga levar o analista, portanto a análise, para o caminho da facilidade, bloqueando assim qualquer retorno do infantil. 2) Do lado oposto, haveria a esperan-

76. Pode ocorrer que o analisando não seja *borderline*, exceto na sua análise, sob os efeitos da resistência e da regressão. “*A aventura analítica não implica que todo paciente seja um paciente limite, isto é, nos limites do ‘estado analítico’?*” (Jean-Luc Donnet, “La situation analytique à la lumière des situation limites”. In: *Pratiques de la psychanalyse*, PUF, 1998, coll. Débats de psychanalyse).



ça de uma porta de saída, quando fosse o psiquismo do analista que estivesse trabalhando e que esse experienciasse de um modo mais ou menos intenso, segundo as circunstâncias, um “estado” que se impõe sob o impacto da proximidade psíquica com o infantil não representável do analisando, “estado” que se traduz por um quantitativo que lembra o da neurose atual. Uma saída possível poderia ser, lá também, a de uma figurabilidade no analista sob o modelo “*fenômeno funcional*” silberiano, a figuração de um estado do corpo que pode ser uma despersonalização⁷⁷, como é frequentemente o caso no analisando. Mas um tal estado de neurose atual na confluência de dois psiquismos, “estado intersíquico”, mas, a bem dizer, não intersubjetivo⁷⁸, suscita no analista um verdadeiro trabalho de figurabilidade na via “longa” e não uma simples regressão formal silberiana. Graças ao fato de que ela chega a uma Identidade de Percepção, ele poderia substituir-se à “*memória sem recordação*” do paciente que desencadeou o estado intersíquico de neurose atual; o trabalho de figurabilidade do analista poderia então ser considerado um sucesso da inteligibilidade de uma “*transferência de substituição*”. Procurando melhor entender o problema, nós nos serviremos da relação entre o processo de transferência e as metáforas químicas de transformação à maneira de Freud (Freud, 1909).

5. A transferência e o “modelo químico”

O sonho forma-se através de processos primários, sob o freio da censura e pela tomada em consideração da figurabilidade. Uma tal explicação é suficiente naquilo que diz respeito à realização de um desejo reprimido. Mas os processos primários, censura e figurabilidade não podem, sozinhos, dar conta dos processos de transformação do trabalho do sonho, visto que a imposição em tornar inteligível uma heterogeneidade do momento, transformando-a em uma “unidade de sentido” (*Totem et Tabu*), seguindo o *princípio de convergência-coerência* sobre o qual falamos acima, funciona igualmente; pouco importa se o sentido é falso ou incompreensível para o ego diurno. Para Freud, que estava preocupado em esclarecer a transferência enquanto resistência à rememoração de acordo com o modelo da análise do discurso do sonho, enquanto “encobrimento” de representações inconscientes indo até as deformações do ego, a noção de transferência conservará seu sentido de deslocamento tópico e temporal. A transferência não será jamais formulada enquanto trabalho possuindo, assim como o sonho, uma capacidade transformacional. No entanto, a partir

77. Por exemplo, uma vertigem refletindo “as vicissitudes da relação de objeto” (D. Quinodoz, 1990)

78. Intersubjetivo supõe uma circulação de afetos entre os dois parceiros que se influenciam mutuamente numa certa elaboração a dois. Embora a noção de “estado de neurose atual” suponha um êxtase.





de 1909, Freud não tardará a fazer alusão a um caráter transformador da transferência, comparando-a a um “modelo químico”: “*Para usar uma comparação extraída da química, os sintomas, que são os depósitos das experiências amorosas anteriores (amorosas no sentido mais amplo) não podem ser dissolvidos e levados a passar para outros produtos psíquicos a não ser por meio de uma temperatura mais elevada do que a da experiência vivida na transferência. De acordo com a excelente expressão de Ferenczi*”⁷⁹, “o médico desempenha, nessa reação, o papel do fermento catalítico que atrai para ele, por um tempo, os afetos que se tornaram livres nesse processo” (grifo nosso) (Freud, 1909, p.51). É assim possível conceber a transferência como operando por transformação, capaz de “substituir” uma experiência por uma outra, aquela que corresponde ao estado “sem solução” do analisando.

Se seguimos esse caminho, não devemos, sem dúvida, negligenciar o fato de que dez anos mais tarde, em 1919, no último dos artigos do conjunto de *De la technique psychanalytique* (Freud, 1919), Freud volta ao modelo do analista químico. E isto é tão mais interessante porque se trata de uma intervenção no Congresso de 1918, em Budapeste, visando a contrapor-se à técnica ativa preconizada por Ferenczi. A linguagem não pode ser mais clara para falar da importância do papel catalisador do analista, a importância de sua função de “*fermento catalítico*” para a transferência de seu paciente. Mas seria ilusório tomar essa metáfora ao “pé da letra”. Na verdade, nesse texto, logo em seguida após ter retomado a “*comparação justificada da atividade médica psicanalítica com a de um trabalho químico*”, Freud mostra os limites: “*A comparação com a análise química encontra sua limitação no fato de que nós estamos tratando na vida da alma com tendências que caem sob o jugo de uma obrigação à unificação e ao reagrupamento. Se nós conseguimos decompor um sintoma, liberar de uma correlação uma moção pulsional, esta não permanece isolada, mas entra, tão logo, em uma nova correlação... É assim que, para aquele que é tratado pela análise, a psicossíntese efetua-se sem nossa intervenção, automática e inelutavelmente*”⁸⁰ (o grifo é nosso) (Freud, 1919, p.100-102).

Freud fala de uma “*psicossíntese*” no sentido de uma “*obrigação à unificação*” que poderia ser associada a uma outra metáfora química, a do “*precipitado*”

79. Alusão ao artigo de Ferenczi, “*Introjection et transfert*” (1909).

80. São esses limites que certos trabalhos atuais não percebem. Por exemplo, a concepção, em Emde, de uma “psicossíntese” oriunda de pesquisas empíricas a partir da observação. Esta tem, sem dúvida, seu valor psicológico, mas, não levando em conta a situação analítica, podemos realmente duvidar do seu valor para a psicanálise. De maneira mais ampla, a maior parte das pesquisas baseadas sobre um certo modelo científico, que exigem estudos longitudinais apoiando-se sobre o material gravado, retranscrito e depois decodificado de acordo com várias modalidades, parecem-nos sem futuro para a psicanálise. Elas procuram respostas em concepções cognitivistas e no tratamento da realidade psíquica pela informação, enquanto que essa realidade não é verdadeiramente acessível senão através da situação particular do encontro de dois psiquismos operando no estado regressivo-regrediente da sessão analítica.





que encontramos, de uma maneira quase conceitual, ao longo de sua obra. O que chamou nossa atenção sobre essas metáforas químicas é o fato de que elas ampliam o pensamento psicanalítico esboçando, acreditamos, um modelo transformacional da transferência. Elas podem conduzir-nos a uma melhor compreensão da maneira pela qual o analista pode ter acesso a uma escuta da “*memória sem recordações*” de seu paciente. Através de que trabalho psíquico a análise poderia tornar transformável esta memória da pré-história do paciente? Através de que trabalho psíquico o analista poderia facilitar a transferência de uma memória desprovida de investimentos?

No conjunto de nosso relatório, são as noções de regrediência e de figurabilidade que nos permitem esperar encontrar uma resposta. De acordo com aquilo que pudemos compreender, a escuta regrediente do analista que se abre sobre a pré-história pessoal seria o oposto da formulação cara a Paul Claudel, “*o olho escuta*”. Na regrediência da sessão, “*a orelha vê*”⁸¹. A escuta do analista não poderia exercer seu papel de “*fermento catalítico*” sem o trabalho de figurabilidade. Não pela figuração dos estados diretamente acessíveis, comparável ao “fenômeno funcional” de Silberer, e já dissemos isto, mas por meio de um engajamento de seu psiquismo sobre a via regrediente longa, comparável àquele do trabalho do sonho em que coexistem simultaneamente todos os constituintes do momento da sessão, nele como no paciente, e cuja coerência não poderá surgir a não ser através da forma de uma figurabilidade que revela um significado ao conjunto dos constituintes. É a partir deste trabalho de figurabilidade do analista, criador-descobridor de um sentido “unificado”, que o psiquismo do paciente poderá em seguida, finalmente, apropriar-se de sua “*memória sem conteúdo*” integrando-a nas causalidades, nas cadeias representacionais de sua sexualidade infantil. Ele poderá fazer sua “*psicossíntese... automática e inelutavelmente*” no sentido freudiano de uma convergência-coerência, sob o primado do princípio do prazer⁸². Quando a “memória sem recordações” pesa sobre a sessão e que o estado quantitativo não encontra a solução de regrediência psíquica no analista, chegando a uma figurabilidade, ou seja, realizando um trabalho equivalente a uma transformação de um estado quantitativo em estado de qualidade psíquica, produz-se no seu lugar, muito provavelmente, uma inibição ou um ato motor, uma descarga afetiva; resumindo, um *agieren* do analista ou do analisando, ou de ambos, em vez de uma figurabilidade.

81. Pensamos aqui em Theodor Reik (1948), *Écouter avec la troisième oreille. L'expérience intérieure d'un psychanalyste*. Para Jacqueline Miller (1997), o analista deve igualmente ouvir com uma “terceira orelha” como exercitar um “terceiro olho” e ver dentro das imagens trazidas pelas palavras do discurso. *Une mémoire pour deux. Le virtuel du transfert*.

82. J.M. Quinodoz (2000) desenvolve a idéia “do grau de coesão e de integração do eu (moi) daquele que sonha”. “Rêves d'intégration à contenu paradoxal régressif: les 'rêves qui tournent une page'”, *Revue française de psychanalyse*, 4, 2000.





Vamos apresentar dois extratos de uma análise, de sessões durante as quais a figurabilidade do analista se encontrou, de uma maneira inesperada, no centro do trabalho analítico. Uma primeira entrevista, em que a figurabilidade do analista surgiu “em urgência” e permitiu a resolução de uma situação violenta. Ela [a figurabilidade] facilitou a transferência da intensidade de um trauma negativizado no analisando, substituindo ao acontecimento tornado anistórico do passado do analisando um acontecimento de sua própria história. O outro extrato vai permitir mostrar como aquilo que era, sem dúvida, um estado de aflição inominável, sem representação possível, oriundo da pré-história do analisando, pôde começar a existir, a ser narrado a partir de um trabalho de figurabilidade no analista. Este trabalho tornou-se possível graças a uma feliz “coalizão transferência-sonho” permitindo a “substituição”, através de uma figurabilidade, daquilo que sempre havia sido, diferenciando-se do exemplo anterior, “sem recordação” no paciente.

VII – A análise de um trauma infantil

“Lembremo-nos de que somos todos sobreviventes psíquicos.”

Joyce McDougall, 1996

1. Uma primeira entrevista

Escolhemos a exposição de uma situação limite quando de uma primeira entrevista em que o trabalho regrediente do pensamento do analista permitiu ultrapassar o impasse no qual o analisando estava fechado. Este último já havia feito uma análise com duração de quatro anos, antes de que um de nós o houvesse encontrado⁸³.

No decorrer desta primeira entrevista, M.A. queixa-se de um estado de inibição, de vazio mental. Ele sofre de verdadeiros momentos de paralisia psíquica que apareceram dois anos antes, pouco depois de sua primeira análise, após a morte súbita de seu pai. Depois deste falecimento, sua atividade onírica praticamente desapareceu, excetuando um pesadelo recorrente no qual ele vê voarem aviões, dos quais um se espatifa. M.A. é incapaz de associar, de compreender o que quer que seja no seu

83. Esta primeira entrevista já foi sucintamente publicada em 1983. É um dos quatro casos que nos fizeram compreender o papel determinante da figurabilidade sob suas diferentes formas (Botella; Botella), “Notes cliniques sur la figurabilité et l'interprétation”, *Revue française de psychanalyse*, 3-1983, 765-776.





estado. Ele está desesperado e pensa seriamente no suicídio ... mas – e aí seu tom é particularmente ameaçador – antes disso, ele dá à análise sua última chance. Sob o impacto da grande tensão causada por M.A., da situação do face à face, o analista se espanta, a um momento dado, de sua própria calma quando ele se vê, ele próprio, de maneira fugidia, em várias ocasiões, criança em perigo durante a guerra. Ele percebe que M.A diz seguidamente: “Eu não vejo mais nada ... Eu não vejo mais nada ...” e que ele mesmo, nesta primeira entrevista não fará nenhuma intervenção sem alguns “Eu vejo... eu vejo”*, fato absolutamente inabitual para ele.

Na segunda entrevista, M.A mostra-se muito surpreso por ter sonhado: “Situado no alto de uma torre, ele vê uma menina empurrada por um asno, ele a salva...”. É graças à dinâmica desta volta do todo o poderio infantil de seu pensamento que seu estado de desespero agudo pode desaparecer. Um trabalho analítico se inicia, então. Alguns meses depois, resfriado, M.A, com febre, telefona ao seu analista, esperando dele algo que não sabe muito bem o que seria. Na sessão seguinte, o analisando relata seu furor, diz-lhe que o acha sem coração, incapaz de tratá-lo, um inútil. A frase cai: “Uma análise é verdadeiramente algo de desolador.”

Depois disso, num tom de recolhimento, como buscando algo de muito longínquo na sua memória, ele conta ... Com oito anos ele é atingido pela tuberculose e seus pais o enviam para um sanatório. Suas únicas recordações dessa época são os gritos de uma criança, na noite: “Mamãe, mamãe!”. Ele fica perturbado por ser incapaz de dizer se é ele esta criança que grita, ou se se trata de outra pessoa. Emocionado e bastante intrigado, ele resolve fazer uma viagem para encontrar a referida casa. Uma grande muro branco e uma fileira de túlias inspiram-lhe uma nostalgia infinita, uma impressão de quebra, o sentimento da existência de um outro ele mesmo, dirá.

Quando da sua volta, M.A refaz o pesadelo costumeiro dos aviões, mas modificado pela presença de uma mulher com uma criança em seus braços, gritando na rua: “Quem quer uma criança morta?” O analista lhe pergunta: “Sou eu?” M.A explode em soluços: “Laura... minha irmãzinha!” Uma irmãzinha havia nascido antes de sua partida para o sanatório e é na sua estada aí que ele saberá da notícia de sua morte. M.A pode então rever-se pela primeira vez, criança, em pé, na frente do berço da sua irmãzinha recém-nascida. Ele fica estupefato pela volta das recordações de sua irmã e da morte desta, seu esquecimento havia resistido aos quatro anos de sua análise precedente.

* N.T.: Chamamos atenção para o fato de que, em francês e no contexto aqui citado, esta afirmação de “Je vois...je vois” tem um duplo sentido: o de ver e o de compreender.





2. Comentários teórico-clínicos

A complementaridade dos momentos sucessivos desta seqüência merecem um estudo atento: a regrediência inesperada no analista quando da primeira entrevista, o surgimento de um trabalho de figurabilidade seguido por aquele do sonho do analisando, depois a regressão do estado febril seguida da volta da recordação da irmã morta.

A compreensão do destino da representação da irmã morta e dos afetos concomitantes não é fácil. Difícil igualmente é compreender como esses acontecimentos puderam não aparecer à consciência do analisando no decorrer dos quatro anos de análise. A rememoração da irmã morta enquanto volta de um reprimido, sob o modo de uma ab-reação, não é uma explicação inteiramente satisfatória⁸⁴. É verdade que na teoria podemos admitir uma repressão com tanto sucesso que não daria lugar à formação de outros derivados do inconsciente além do pesadelo repetitivo. Mas o estado de inibição maciço de M.A nos afasta da idéia de que seu esquecimento seria inteiramente explicável como sendo o resultado de um trabalho psíquico de repressão. Tratar-se-ia bem mais daquilo que Freud qualifica como “reações negativas” ao trauma, em que o mesmo “*não chega mais à recordação e nada se encontra repetido*”, mas “*contribuem à formação do caráter*”.

Quando M.A, criança, chocado pela separação de seus pais, sabe, no sanatório, da morte do bebê, “ele não é atingido”, de acordo com sua própria expressão. Nós supomos que ele não é capaz de representar isso porque está, ele mesmo, psiquicamente, mais morto do que vivo. Do branco do seu choque psíquico só escapam os gritos de “Mamãe, mamãe” na noite.

Os efeitos traumáticos da separação e do luto de sua infância, depois da morte de seu pai pouco após o fim de sua análise, todas estas concordâncias através do tempo, provocam em M.A uma nova inibição grave de seus sistemas de representação, sua dor atual podendo fazer renascer, nele, aquela de seus oito anos. Ele prefere ainda a morte real àquela da representação daquela criança gritando diante do branco de sua própria morte psíquica, morte psíquica que corresponderia ao impacto da simultaneidade dos traumas: o nascimento de sua irmã e sua morte, a doença do paciente e sua separação dos pais, ultrapassando as possibilidades integrativas e causais dos sistemas representacionais da criança. Compreende-se, melhor, desde então, por parte do analista, a urgência, desde a primeira entrevista, da procura de uma

84. Mesmo se levamos em conta a “vivacidade sensorial” da representação da criança morta no sonho como *indício do reprimido* e testemunho de sua transformação em sensorialidade evocada por Freud a respeito de seu esquecimento do pintor italiano Signorelli (S.Freud, 1898), *Sur le mécanisme psychique de l'oubli*.





inteligibilidade e o surgimento brutal desta última, em ocorrência, a figuração dele mesmo, criança em perigo, figuração tendo o valor de uma integração imediata do pesadelo do analisando. Compreende-se igualmente seus “eu vejo... eu vejo” inabituais da primeira entrevista. Ao mesmo tempo, se sua figurabilidade apreendia, certamente, o drama de M.A, que estava aí, latente, abafado pela inibição, ela protegia também sua função de analista. A regrediência de seu pensamento permitiu-lhe resistir ao choque da violência do discurso do paciente: ela ajudou-o a acompanhá-la [a violência] sem que ele fosse invadido, ele próprio, de afetos e a encontrar, além da violência imediata do sentido das representações das palavras do paciente, de suas Identidades de Pensamento, um novo sentido no retorno vivo, em imagens, de uma recordação traumática de sua infância.

A figurabilidade do analista oriunda da função de ligação própria à via regrediente poderá, então, apreender e transformar o estado atual da sessão em qualidade alucinatória: sua “visão” domina uma figura dele próprio numa situação de perigo em que a pessoa, o olhar dos pais estão totalmente ausentes. Uma figura da qual a “geometria” é iniciada pelo pesadelo do analisando e retomada por seu sonho de realização de desejo: a “verticalidade” representava o sentido que unia todas as figurabilidades, as do analisando e as do analista. Figura-entrecruzamento de um trabalho analítico em duplo, quer se trate de um perigo vindo da realidade psíquica ou da realidade externa, ou ainda quer se trate de uma fantasia do todo-poderio infantil. A verticalidade figurava-se bem nos pesadelos da queda do avião, mas ela era cortada de sua raiz infantil, enquanto ela não podia reencontrar a vivência infantil através da figurabilidade, pelo seu próprio olhar sobre o seu sonho no qual ele estava “situado no alto de uma torre”. M.A não podia reencontrar a verticalidade de seu olhar de criança em pé frente ao berço, nem aquela [verticalidade] do olhar penetrante dos adultos, fascinados pelo recém-nascido e ignorando seu estado traumático, cegos ao seu sofrimento. A verticalidade formava tanto o traço da violência de destrutividade de M.A – criança – o ódio em relação à sua irmãzinha quanto o traço do esfacelamento de seu ego, na perda da representação dele próprio. Ela era a forma invisível, na origem de seus pesadelos, fonte pulsional cega do impacto transferencial. A verticalidade era, de alguma maneira, uma “tela” sobre a qual não tinham podido ser “entrelaçados” os fios da sexualidade infantil. O nascimento da irmã, o desinvestimento parental, seu ódio e sua destrutividade não podendo ser ligados pela complexidade de uma neurose infantil culminando, por exemplo, na constituição de uma recordação-encobridora; a atividade onírica que permaneceu sob a violência de um *sexual primordial* viu-se reduzida à figuração repetitiva de um pesadelo, sinal do fracasso do trabalho de figurabilidade.





3. Comentários teóricos gerais

Desde suas primeiras observações teóricas, podemos constatar que o encontro com M.A deslocou inteiramente o analista da técnica psicanalítica clássica, conforme o modelo da interpretação do relato do sonho.

Frente à insuficiência, ou seja, à inutilidade de seu “saber-fazer” (*savoir-faire*) habitual, a representação de sua própria função é ameaçada: existe como uma espécie de ruptura do sentido de estar lá, com o analisando, uma verdadeira situação de crise que conjuga o ferimento narcísico e a perda de sentido do encontro.

Esta perda aguda do sentido de sua função implica, para o analista, um ataque dos laços do seu pensamento pelo analisando no sentido entendido por Bion. Dificilmente colocado em representação, o excedente quantitativo terá tendência a provocar, no analista, uma descarga que pode, de acordo com a estrutura psíquica do analista, ser ou não acompanhada de uma experiência de despersonalização, de sensações corporais, de acordo com a imagem de um corpo deformado pelo ataque ao qual o ego é submetido, ultrapassado na sua função de integridade e de coerência; ou ela pode até desencadear um movimento melancólico. Em outros casos, e foi isso que se produziu na entrevista com M.A, esta mesma perda aguda do sentido de sua função, o estado da neurose atual, faz surgir no analista um outro modo de pensamento, uma outra realidade em que domina o perceptivo. Imagens que não são mais apreendidas na descontinuidade habitual entre as representações experienciadas como internas e as percepções dos órgãos de sentido experienciadas como externas, mas na continuidade representação-percepção, comparável àquela do sonho noturno, de uma endopercepção figurável em ruptura com toda dualidade.

Sem isso, esse momento crítico de seu pensamento pode fazer o analista bascular seja em direção ao *agir* e, se é uma primeira entrevista, ele se orienta então seja na direção de intervenções ativas, materiais – medicamento, hospitalização?, seja na direção de um desinvestimento do objeto-objetivo, do objeto da percepção dos órgãos dos sentidos, acompanhados do desinvestimento da sensório-motricidade, como quando do adormecimento. Assim, ou o pensamento do analista volta abruptamente, lado progrediente, numa vigilância objetivante em direção a um ato, ou ele mergulha, lado regrediente, num universo endoperceptivo alucinatório, fecha os olhos sobre o objeto objetivo traumático, para reencontrá-lo de outra maneira nessa volta sobre si mesmo. Pode-se dizer que, nessas circunstâncias, sua única escolha é a de objetivar “a morte” ou de subjetivar “a morte”: a morte de sua subjetividade no *agir* [*agieren*], ou o assassinato de sua objetividade no quase-alucinatório. Uma das soluções “subjetivantes” é a transformação direta do quantitativo em imagem, em devaneio, de acordo com o modelo silberiano. Por exemplo, a violência de M.A poderia então





tornar-se, para o analista, a imagem de um felino rugindo e ameaçador. Isso teria seguramente aliviado momentaneamente o analista, mas este trabalho psíquico limitado ao pré-consciente do devaneio silberiano e sua narratividade potencial teriam enclausurado o encontro num jogo intersubjetivo, sem trazer a inteligibilidade necessária ao desvanecimento da neurose infantil do analisando.

A diferença da figurabilidade “ver-se criança em perigo” com o fenômeno silberiano é que o trabalho de figurabilidade “desvia” a relação em direção à infância, em direção à aflição infantil, torna inteligível a aflição do analisando. Ela terá um efeito de espelho transformador sobre o psiquismo deste último, que se concretizará, na noite seguinte, num sonho-realização de desejo: M.A vê-se “salvando a meninazinha”. É nisso que a figurabilidade do analista não é um simples devaneio, mas uma “transferência de substituição”, desencadeada pelo infantil inacessível, explosivo, do analisando, impondo pela sua Identidade de Percepção: uma figura comum a ele e ao analisando. A figura de “uma criança a ser salva” vai dar um novo sentido ao presente do encontro analítico. Depois ela permitirá o surgimento do passado traumático do analisando até então não representado⁸⁵.

A particularidade desta sessão é a de um trabalho de figurabilidade partilhada com M.A. Ele se produziu em dois lugares e em dois tempos: iniciado pela figurabilidade do analista, ele se completou num sonho noturno no analisando: “a meninazinha empurrada por um asno”. As imagens alucinatórias desse sonho estão numa relação tão direta com os “restos perceptivos” da entrevista, que elas parecem surgir do presente deste. Esta continuidade anímica em que se dilui a distância entre o ontem e o hoje, entre o dia e a noite, entre representação e percepção, terá um efeito surpreendente em M.A quando do relato do sonho: o movimento regrediente, habitualmente discreto quando se conta um sonho, não é freado, nele, no nível das imagens, e, enquanto ele conta o sonho, experimenta um forte sentimento de estranheza, ele se despersonaliza. Da primeira à segunda entrevista, para M.A, as identidades analista-analisando convergiram bruscamente, refletindo-se na imediatez da Identidade de Percepção, momento presente, comum aos dois, um laço agora estreito com o impacto da violência de sua transferência passional.

É por outros meios que não o habitual da transferência reveladora de um passado reprimido seguido de interpretações a partir das representações já presentes, que um acontecimento traumático do passado negativizado pode ser reencontrado nesse trabalho psíquico partilhado. Com M.A era vital – a sobrevivência do encontro

85. Podemos guardar o sentido *hegeliano* da solução de uma crise dialeticamente compreendida: a descontinuidade, o “trabalho do negativo” do psiquismo do analista integra a intensidade negativa do psiquismo do paciente e deixa lugar ao nascimento de uma nova figura do encontro.





analítico dependia disso – para poder tornar inteligível, dar figura à sua violência pulsional imediata imposta pela atualização de um Id que, uma vez os diques da inibição rompidos, se manifestava de modo selvagem, arrancado das redes das representações e de suas raízes infantis. O acontecimento traumático do passado, não podendo tornar-se inteligível no jogo transferencial de uma dinâmica manifesto-latente, surgia sob a forma de um excesso de quantitativo de neurose atual, quando do encontro. A inibição maciça, ao impedir as ligações, perpetuava a não-representação. *Cortado das recordações dos acontecimentos traumáticos enquanto tais, o verdadeiro sofrimento de M.A não era a ausência dos traços de memória, mas o traço, jamais desaparecido, sempre ativo, da violência de uma ruptura.* A ausência desta última no nível das inscrições representacionais, duplicada por uma presença poderosamente negativa, no vazio, tinha tão somente como via de acesso a motricidade, dar-se um tiro, ou então a via somática, o estado gripal lembrando sua tuberculose quando ele era criança.

Os tratamentos como o de M.A nos ajudam a reconhecer que nosso trabalho analítico não se esgota com as tomadas de consciência das representações inconscientes, com a busca daquilo que nós sabemos não conhecer; a memória sem recordação, o vazio representacional do *sexual primordial*, aquilo que nós ignoramos não conhecer, formam a segunda fonte.

VIII – A abordagem da pré-história do analisando

“Além disso, a constante revitalização do pensamento psicanalítico na experiência psicanalítica dá uma idéia do tempo que, não somente só a ela pertence, mas é desconhecido fora dela. Nós o chamamos o tempo fragmentado”.

André Green, 2000

1. A Sessão

A sessão que vamos agora relatar tem lugar no decorrer da análise de um homem de uns trinta anos que, anteriormente, havia feito uma análise de sete anos e cujo resultado se havia mostrado insuficiente.

É com a finalidade de colocar deliberadamente o acento sobre o trabalho de pensamento que se impõe ao analista, diante de certas sessões e sobre seu resultado numa figurabilidade alucinatória que se acompanha de um sentimento de verdade, de uma convicção sem entraves no momento em que ela se produz, que nós fazemos o





relato desta sessão, artificialmente isolada do contexto do tratamento, para melhor destacar nossa proposta. O trabalho de figurabilidade do analista, oriundo da regrediência de seu pensamento, terá por efeito a abertura do psiquismo do analisando a afetos até então forcluídos, que correspondem a um estado de angústia infantil e à tomada de consciência da realidade de um sofrimento igualmente ignorado, devido às carências afetivas precoces durante seus dois primeiros anos, imputáveis a uma depressão da mãe e a uma ausência do pai. Não daremos mais detalhes a respeito da infância do analisando, nem sobre as circunstâncias que lhe permitiram sobreviver psiquicamente, porque se trata menos do relato de um tratamento e mais de mostrar, no contexto mais próximo do experienciado, o que é uma regrediência de pensamento em sessão. Trata-se de mostrar a capacidade que ela tem de aproximar as zonas irrepresentáveis da pré-história infantil e de permitir ao analisando de se apropriar de uma nova capacidade, a de poder sentir, dar uma forma, em afetos e em representações, à sua aflição sem nome e sem figura. Poderá propor-se aqui uma certa equivalência entre alucinatório e contato: o modo de pensamento do analista pode “tocar” essas zonas inertes da vida psíquica do paciente, designá-las, revelá-las, a exemplo dos cuidados maternos das zonas corporais que promovem sua erogeneidade, essas zonas erógenas que a mãe designa e revela ao seu filho. A exemplo da transformação noturna da sexualidade infantil diurna em solução alucinatória, a regrediência da sessão encontra os plenos poderes psíquicos do pensamento “que sonha” (J.B. Pontalis, 2000).

O analisando começa a sessão fazendo um relato de seu estado: no intervalo, entre o fim do seu trabalho e a hora da sessão, ele teve vontade de sair com uma prostituta... como fez muitas vezes... mas desta vez ele não quis... compreende, cada vez mais, que “sair com uma puta” antes de ir ver o analista é, certamente, uma maneira de descarregar fora uma tensão que deveria ser reservada para a sessão: “Meu medo da homossexualidade talvez... mas deve haver alguma coisa a mais... (*silêncio*)... Como não saí com uma puta, eu não sabia o que fazer... me sentia como desamparado... fui na livraria de história que fica aqui ao lado... (ele é apaixonado por história)... Comprei muitos livros... depois, comi doces... depois dei umas voltas de carro... eu me encontrei diante... (refere-se a uma importante instituição científica na qual está em vias de obter um posto como professor)... Eu sei que meu carro esporte, ou os livros, ou comer, é minha avidez de possuir... como este posto tão importante ... ser reconhecido... tudo para combater esta ansiedade que me envenena. Não aconteceu nada... Continuei a me sentir estranho... Não era angústia, tampouco um sentimento de estar sozinho... Alguma coisa de mais desestabilizante... o medo?... sobretudo aflição... uma dor...?”

Esse sentimento que ele começa a experienciar recentemente é inteiramente





novo, ele não conhece sua origem e não encontra para tal a menor explicação racional, ele que, em geral, é bastante dotado para esse tipo de exercício... Uma nova dor que o analista considera não tanto como um sintoma, não tanto como uma regressão no tratamento, mas, sobretudo, como a prova de que a análise vai atingir um novo patamar. Comumente, quando o momento do tratamento está centrado sobre a psicose, o analista “acompanha” o analisando em sua aflição, “entra em empatia”, fica no nível do experienciado do afeto. Alguma coisa de diferente vai acontecer no decurso desta sessão. Instala-se no psicanalista, progressivamente, um estado psíquico particular. Desde o início, o analisando fala com um tom de voz que não é habitual, com um ritmo de discurso que é impossível de descrever. A sensorialidade predomina sobre o conteúdo. Um conjunto que induz o analista a um estado de escuta que não se enquadra, de forma nenhuma, ao da atenção flutuante. Certamente, ele se sente impregnado pela aflição do analisando, mas de um modo diferente da empatia⁸⁶. Trata-se mais de uma exacerbação da receptividade, de uma qualidade de escuta que não permite associar livremente, de passar de uma representação para outra. Atenção de uma intensidade rara em que a conotação de “flutuantes” não mais corresponde à realidade do experienciado. Por outro lado, será sua acuidade surpreendente que melhor a definirá. Sua disponibilidade sendo bem superior àquela que, habitualmente, caracterizava as outras sessões com este analisando, cada palavra encontrava um eco, ressoava “*ultra-claro*” para o analista. Seu psiquismo estava como que aspirado por uma atividade quase alucinatória em que apareciam imagens que possuíam, a cada vez, uma vivacidade e uma precisão fora do comum.

O analisando relata um sonho da noite precedente: “Eu espero o metrô. Quando ele chega, vejo um grupo de jovens que estão tentando roubar com violência (“*detrusser*”) os passageiros. Fico surpreso que eles não reajam. Me admiro que eles não oponham resistência. Tenho medo e não subo. O metrô parte”.

As associações do analisando ocorrem facilmente: “Eu tenho medo, eu sou um covarde...”. Ele se sente ferido, se deprime... depois, lembra que uma vez seu pai

86. Os limites editoriais não nos permitem tratar as diferenças entre nossas descrições e a noção de empatia. Sabe-se que Freud se interessou por este tema em *Psicologia das massas e análise do ego*, utilizando o termo *Einführung*, o “*mecanismo que sozinho torna possível para nós uma tomada de posição a respeito de uma outra vida psíquica*”. Ferenczi também. No entanto, foi R.R. Greenson (1959) o primeiro a atribuir um lugar especial à empatia (“Empatia e suas diversas fases”, Congresso internacional de psicanálise, 1959, retomado na *Revista Francesa de Psicanálise*, 1961, n. 4-5-6). Daniel Widlöcher (1996, *Os novos mapas da psicanálise*), ao descrever as possibilidades e limites da empatia, pensa que o conceito emprestado da psicologia não é adequado à descoberta do inconsciente. Ele destaca que, na técnica de Kohut, “*a escuta empática*” é privilegiada em detrimento da interpretação. Crítico do espírito da “Comunicação intersubjetiva”, D. Widlöcher prefere a noção de “co-pensamento”, compreendendo-a não como uma reciprocidade de interpretações entre analista e analisando, mas “*a existência de uma construção comum de sentido a partir de uma experiência psíquica compartilhada; compartilhar o trabalho interpretativo e não reciprocidade*”.





foi atacado no metrô: “Ele não se defendeu, não opôs resistência e foi roubado... Ele também foi um covarde.”

No entanto, o analisando não se limita a explicar seu sonho como sendo uma simples identificação. Sua experiência analítica lhe permite inverter o sentido do conteúdo manifesto: “De fato, isto deve ser a minha própria vontade de roubar, de me apropriar de tudo... Quantas vezes já não senti vontade de me instalar no seu lugar, ‘de tomar a sua poltrona’, parar de ser pequeno, doente... enfim, reconhecido neste posto importante.” Evidentemente, neste conjunto-relato do sonho-associações, tomar a “poltrona”, observar o roubo num trem, a recordação do pai atacado e roubado... todos estes elementos convergem para um contexto edipiano bem preciso, concretizando-se numa figuração violenta da cena primitiva. Este nível, próprio dos desejos conflituosos da neurose infantil, poderia ter sido suficiente. A análise do sonho parecia suficientemente clara. Se o pensamento do analista houvesse se mantido em atenção flutuante, o trabalho do analisando o teria satisfeito amplamente. No entanto, o pano de fundo da relação analítica do momento não apoiava o sentido de tais associações.

Enquanto o analista escutava, uma palavra que ele havia ouvido torna-se uma palavra “vista”. A palavra, dotada de uma grande clareza, havia, por assim dizer, tomado conta de seu espírito; e isto sem que o analista pudesse compreender por quê. Essa palavra era “*détrousser*” [roubar em via pública com uso de violência]. Sinal contratransferencial? O sentido sexual das palavras “*détrousser*”; “*trousser*” [levantar]; “*trousser les jupes d’une femme*” [levantar a saia de uma mulher]; “*trousser une fille*” [fazer sexo com uma moça]; “*un troussieur; un Don Juan*” [um conquistador] certamente evocou a sexualidade e a curiosidade infantil do analista. No entanto, ele experienciava um algo “a mais”. Eis por que ele não interveio neste nível que é próprio ao sexual infantil. Talvez também fosse esse o fato que, juntamente com o sentido sexual, ele associou a um outro sentido que remetia a um contexto diferente: “*détrousser des tombes*” [violador de sepulturas]. E, sobretudo, o analisando não associou coisa alguma à palavra “*détrousser*”, o que surpreendeu o analista, ainda mais que ele investia de uma maneira quase alucinatória a mesma representação da palavra “*détrousser*”. Desconfiando já de alguma coisa, ele decide devolver esta palavra ao analisando: “*Détrousser?*” O analisando se surpreende, sobressalta-se e, irritado, responde: “*Détrousser?* Por que o senhor diz *détrousser*? Eu disse *voler* [roubar]!... De onde o senhor tirou essa palavra? Por que o senhor se engana?” Seguem-se recriminações: “O senhor é distraído, o senhor não escuta!...”

Finalmente ele se acalma... “Bem, se o senhor diz *détrousser*... Se o senhor quer que eu faça associações sobre *détrousser*... O que lhe posso dizer? Os *détroussieurs*, os ladrões dos grandes caminhos... Ou os piratas...”; e o analisando lembrar-





se-á de histórias de sua infância, o mundo de seu período de latência. Ele se lembra de alguns de seus relatos preferidos e se deleita ao contá-los. Isto suscita no analista devaneios imediatos, recordações de leituras da sua própria infância, os personagens, as próprias histórias prestando-se maravilhosamente bem a certas intervenções. Mas no pano de fundo, ele tem o sentimento de que tais histórias possuem um caráter defensivo. Ele, portanto, não faz interferências. Durante este tempo, o investimento da palavra “*detrusser*”, sob a influência dessas histórias, transformou-se. Agora a intensidade da imagem da palavra “*détrousser*” transferiu-se para a expressão, trazida no relatos dos contos pelo analisando: “a bolsa ou a vida”. A partir de *détrousser* no sentido sexual, o investimento foi deslocado, no analista, em direção ao perigo de morte, unindo-se à associação de *détrousser des tombes* [violador de sepulturas], detectando um impasse insuperável e trágico: se alguém defende a bolsa, segue-se a morte; se a opção feita é a vida, a bolsa é perdida. E quando esta última representa, por um lado, um valor inestimável, sexual, genital, assim como a mãe protetora, nenhum saída válida existe: o sexo ou a morte; a mãe ou a morte. “*Détroussé*” [roubado]: castrado, sem mãe...”. O analista intervém, finalmente: roubar a “*trousse*”?*, formulação que retoma a idéia do analisando: “roubar a poltrona”.

Imediatamente o analisando exclama: “Ah, eu me lembro de alguma coisa. A “*trousse de toilette*” (estojo de toalete) do meu pai, não, seu “*étui a manicure*” (estojo de manicure). Eu tinha muita vontade de ter um daqueles. Pedi a minha mãe para me comprar um parecido. Fui atendido. Eu fiquei muito orgulhoso. Um dia, meu irmão mais velho (ele tinha dez anos mais do que eu) pediu-me o estojo para as férias. Quando voltou, não o devolveu para mim, alegando que era dele. Ele roubou “*ma trousse*” (meu estojo)!”.**

O analisando encontrou uma recordação, um traço mnêmico que continha uma problemática edipiana: a representação “do irmão mais velho larápio [*détrousser*]” e que, ainda mais, era o preferido de sua mãe. Assim, o sonho, suas associações e, em parte, o conteúdo de pensamento do analista encontravam, parcialmente, uma explicação.

Normalmente, a interpretação dá-se por satisfeita quando atinge este nível de organização, o de uma neurose infantil constituída por redes de representações que têm um valor econômico-dinâmico suficiente para absorver as forças pulsionais em ação. Nós nos encontrávamos diante de uma excelente seqüência analítica segundo as regras da arte. Um processo analítico rigoroso e perfeitamente freudiano: a partir da transferência e de um sonho, de sua narrativa, de associações, de uma interpreta-

* N.T.: *Trousse*: valise, normalmente contendo instrumentos para fins específicos. Ex: valise de médico.

** N.R.: A língua francesa utiliza a palavra “*trousse*” para designar tanto estojo quanto valise. Decidiu-se, portanto, manter “*trousse*” toda vez que o autor utiliza a palavra.





ção, chegou-se, finalmente, à recuperação de uma recordação reprimida, de valor simbólico sexual, dentro de um contexto edipiano.

No entanto, no decorrer desta seqüência, o psiquismo do analista, independentemente de sua vontade, continuava a “trabalhar” em “estado regrediente”. Uma certa evolução produziu-se neste. O investimento quase alucinatório não era mais a palavra “*détrousseur*” [ladrão] e tampouco era a formulação “a bolsa ou a vida”, “la trousse ou la mort” (o estojo ou a morte). O terreno das representações de palavras, investido sob a forma de imagens, iria ser abandonado. De um modo ainda mais vivo e nítido – e isto aumentava seu espanto e curiosidade, o invés de visualizar as palavras enquanto tais, ele pensava, “via” agora, diretamente, uma valise de médico, sua forma, sua cor preta. Uma acentuação da regrediência interveio. Com o apagamento das representações de palavras em benefício de uma imagem *ultra-clara*, produziu-se a transformação daquilo que era uma simples regressão formal para uma “*regressão material*” (Freud, 1915-1917; p.231). Ou seja, a intensidade perceptiva da representação (Nicolaidis, 1993) “*trousse*” tornando-se imagem, a percepção que o analista tinha tido era portadora da convicção de sua realidade na história do analisando. Quanto mais a regrediência se acentua, mais a figurabilidade é sinônimo de realidade, e assim se passa nos nossos sonhos; e até um certo ponto, este é o caso quando se dá uma regressão acentuada durante a sessão.

O analista não compreende as razões de uma endopercepção tão nítida e precisa, sua permanência, ausência de qualquer outra representação que lhe poderia permitir o deslocamento da intensidade que aí se concentrava. E, sobretudo, ele se surpreendeu diante de sua própria certeza de que esta imagem era determinante.

Normalmente, o analista não tem – ou não se dá – o tempo para tomar consciência destas imagens que são mais comumente fugitivas, ele não as investe; ele terá mesmo a tendência a deixá-las de lado, a considerá-las como uma resistência contra-transferencial ou como uma distração, em todo caso, como uma perturbação do bom desenvolvimento do trabalho da sessão, atribuindo-se um sentimento de culpa. Rapidamente ele rejeitará um tal dado, condenando-o e esquecendo-o. No entanto, pode ser que esta rejeição e este esquecimento sejam equivalentes àqueles do despertar, quando nos esquecemos dos sonhos da noite.

Agora o analista, por sua vez, tinha retido a imagem sem, no entanto, saber por que a havia retido, tampouco no que ela poderia ser útil. No máximo, obscuramente, desde o início, ele pensava que deveria servir-se dela, que a sua figurabilidade era indispensável para a resolução daquela seqüência, que o nível de neurose infantil representacional estava superado, o que lhe permitia, graças à acentuação da regrediência, compreender a forte convicção de, enfim, possuir “um elemento de verdade”. No entanto, sem dúvida desconfiando deste pano de fundo, ele se concede um





certo tempo sem intervir. Com a volta de sua escuta habitual através da atenção flutuante, ele decide dizer ao analisando, com uma certa precaução, avançando o caráter subjetivo de sua intervenção: “Para mim ‘trousse’ me faz pensar em ‘trousse médicale’”. Na sua elocução, ele colocou a tônica sobre “para mim”⁸⁷. Levado por sua convicção de que, fora da regrediência, havia algo que poderia ser qualificado de irreal, o analista fez uma intervenção para sondar os investimentos do momento no analisando.

Naturalmente, este último se espanta novamente. Em seguida, diz esta frase que, desde Freud, dá a impressão a todos os analistas de estarem certos: “Ah, eu não havia pensado nisso”. Depois, no final de um tempo curto: “Claro, o senhor pensou na ‘trousse médicale’ que eu vi no momento do acidente de carro”. Tratava-se de um trauma na idade de três anos que foi analisado inúmeras vezes, fazendo parte do contexto representacional. Acidente sem gravidade, mas implicando, no entanto, o sangue, a polícia, as ambulâncias, o hospital.

Assim, em vez das recordações do estojo de manicure (*étui de manicure*) do pai, agora um trauma representado, “um rosto ensangüentado”, um trauma “vermelho”, organizador da angústia de castração e do complexo de Édipo, vinha, uma vez mais, colocar em relevo o mundo representacional. Era a volta de uma recordação conhecida e elaborada, fazendo parte da sua neurose infantil e tendo estruturado, até recentemente, a neurose de transferência.

Por que razão o analista não se havia contentado, em primeiro lugar, com a volta da recordação da “trousse” de manicure e, em seguida, da associação sobre a “trousse” de médico do acidente? Por que esta manutenção da regrediência de seu pensamento, apesar da presença dos investimentos sexuais infantis organizados em memória reprimida? Por que a regrediência se confirma em *regressão material* nesse momento? Responder a estas questões não é fácil. Podemos emitir uma hipótese: as duas recordações, aquela do estojo de manicure e aquela do acidente, têm em comum o mesmo estado de sideração passiva da criança, repetido no presente no sonho em que aquele que sonha é atingido pela imobilidade, quando o movimento diz tão somente respeito ao trem. Esta insistência do analisando quanto à relevância de sua imobilidade faz com que esta se torne prioritária no psiquismo do analista, em detrimento do conteúdo das recordações (voltaremos a isto). Sem a posse de seus investimentos sexuais infantis, o conjunto sonho-transferência tinha dado lugar a um trabalho de figurabilidade no analista, respondendo a uma “*transferência de substituição*” cuja forma emergente, visível, era a “valise de médico”, significando a “memória

87. Neste “para mim” pode-se encontrar uma semelhança com o jogo de “squiggle”, de Winnicott, no qual o desenho passa sucessivamente da criança ao analista e vice-versa, cada um acrescentando nele uma produção que lhe é própria.





sem recordação” do “*sonho-em-si*”.

Assim para o analista, essas recordações históricas do analisando pareciam-lhe, desta vez, não somente recordações encobridoras. Tinha, sobretudo, o sentimento que elas eram barreiras servindo para ocultar outros problemas. E ele foi definitivamente convencido disso quando associou seu estado de escuta àquilo que lhe havia voltado seguidamente à memória nessa análise: “Um trem pode esconder um outro”. Simultaneamente surgiu, em seu espírito, uma expressão que o analisando tinha repetido algum momento antes: “Essa não é a minha história”, fazendo alusão àquilo que se havia passado durante seu primeiro ou segundo ano: a doença e a depressão da mãe que, nesse momento, havia desinvestido a ausência do pai. Acontecimentos que haviam sido, em seguida, objeto de um não-dito familiar jamais abordado, jamais comentado em família, o analisando tendo se contentado com um vago “Eu ouvi dizer que a tua mãe esteve doente”. Isso permaneceu desta forma durante sua primeira análise e tinha durado um certo tempo na atual em curso. E isto até que sua evolução, seus progressos foram permitindo ao analisando confrontar-se com o não-dito, tornado-se progressivamente incômodo no seu tratamento. Ele decidiu, então, saber mais. Suas pesquisas tendo terminado, a informação obtida, ele liquida o problema: “Eu era muito pequeno... eu tinha apenas seis ou oito meses... eu não posso me lembrar disso.” E a conclusão calhou, de forma irrevogável: “Essa não é minha história”. Aliviado por esse ponto final, o analisando não volta a esse problema, e não ouve nada que possa referir-se a esse respeito, nas interpretações do analista. A sessão que nós trazemos virá perturbar esta calma cada vez mais falsa, devido à sua evolução, como testemunha o estado de mal-estar precedendo a sessão e o modo do discurso no início.

O analista não se contentará então, desta vez, com o “trauma vermelho”, inúmeras vezes analisado. Na sua regrediência, para o analista tudo tomava o sentido de “ter entrado” na história na qual o analisando não queria, não podia entrar. A regrediência de seu pensamento fazia-o experimentar o sentimento irreal de que ele, ele sim “lembrava-se” desta “história sem recordações” e desta “memória anistórica”, desta pré-história que não tinha podido organizar-se em seu analisando de um modo representacional acessível à consciência.

Assim, fortemente convencido da importância do caminho regrediente percorrido, ele dirá ao seu analisando como algo evidente, conhecido por ambos, evidência que se afasta do não-dito familiar, contradizendo-o: “Eu, eu pensei sobre a valise de médico, que devia vir quando sua mãe ficou brutalmente doente e separou você dela”.

Mais uma vez, é claro, o analisando fica desconcertado. Ao final de um momento ele se refaz: “Ah, isso gera em mim um efeito estranho”. Depois ele protesta:





“Mas eu não posso me lembrar, eu devia ter menos de um ano... Tudo isso não me serve para nada... São histórias que o senhor inventa...”

Deu-se um longo momento de silêncio, um silêncio intenso, no entanto, isento de angústia. Depois, sereno, com uma calma surpreendente, o analisando confessa: “Eu sinto em mim a vontade de negar tudo isso, de pensar que não é possível que minha mãe não se tenha interessado naquilo que eu era, que ela não tenha levado em conta o bebê que eu era... Não é possível... Tenho vontade de minimizar tudo isso.”

O mesmo silêncio intenso persiste: “É curioso o efeito que sinto em mim. Eu preferiria não senti-lo, eu não sei o que é... prefiro pensar que tudo que o senhor diz é artificial... que é o senhor que inventa tudo isso.” Depois, recompondo-se: “Mas tenho agora a recordação clara de ter empregado a palavra ‘détrousseur’ ao contar o sonho.” A sessão terminou com esse comentário.

Graças à regrediência de seu pensamento, o analista teceu uma ligação entre, de um lado, depressão, desinvestimento, aflição e, do outro, um terceiro, a representação “doutor”, ao mesmo tempo uma imagem paternal forte, reparadora, correspondendo àquele que o separava, que cortava, num universo fusional mãe-filho, aquilo que o analisando havia sentido *a posteriori* como o Paraíso de sua infância, por sua mãe não lhe ter enviado à escola antes dos seis anos. Indo além de suas representações de palavras pré-conscientes, o analista tinha realizado um trabalho de figurabilidade enquadrando o brutal desinvestimento materno, no decorrer dos dois primeiros anos, por uma causalidade edipiana com forte capacidade representacional, dando lugar e sentido à aflição inominável e ignorada, tornando-a, enfim, acessível à consciência. Seguramente, “trousse” e “doutor” não correspondiam a nenhum traço mnêmico inscrito no analisando. Mas aqui, diferentemente do registro da neurose infantil e de seu prolongamento, a neurose de transferência, a verdadeira questão era menos a pertinência da reconstituição ou da suspensão de uma repressão; ele se situava bem mais ao nível da suspensão da impossibilidade de nomear, de acreditar num acontecimento pertencendo à “memória sem recordação”. Enquanto o analista, ele próprio, não “viu sem compreender” alguma coisa apta a suscitar sua convicção na realidade desse acontecimento vivido pelo analisando, este último não tinha a possibilidade de “entrar” na sua história infantil, de integrar sua pré-história. Somente o trabalho de figurabilidade do analista podia ter a capacidade de funcionar como um “atrator edipiano” (Ody, 1989) com sua potencialidade causal ordenadora.

Esta sessão surpreendente, que o analista não encontra seguidamente, terá a capacidade, no seu seguimento, de fazer sobrevir, progressivamente, no analisando, uma colocação em representação de sua aflição, sua coloração em afetos dizíveis, revelando um passado que se apresentava até então como uma “realidade sem qualidade”, sem nome e figura e totalmente ausente da relação analítica, da mesma forma





que o analista estava ausente da vida de relações do analisando. De agora em diante, aflição e passado poderão apresentar-se, repetir-se sob diferentes modos, deslocar-se de um conteúdo a outro, atualizando-se e possibilitando os mais diversos relatos e cuja análise conduzirá inexoravelmente ao reencontro, de uma maneira cada vez mais precisa, do experienciado de uma dor dificilmente “negociável” pelo ego. Elaboração que seguiu a aflição “pré-histórica”, infiltrando e remodelando, na sua progressiva historização, a neurose de transferência e reconstituindo a coerência da história infantil com as mudanças conseqüentes nos investimentos objetivos.

2. Comentários teórico-clínicos

Muitos aspectos desta seqüência bem complexa mereceriam ser estudados. Entre eles, o fato de que o analista está “à escuta de sua escuta”, cuja descrição e importância para o tratamento foram estabelecidos com precisão por Haidée Faimberg (1989, 1996), assim como o papel do mecanismo de negação na constituição de uma recusa de uma imagem idílica da infância: “Minha infância foi um paraíso” objetivando reforçar aquilo que, de toda a forma, não podia vir à consciência, nem podia se manifestar senão no caráter (*Moisés e o monoteísmo*).

Nos ocuparemos principalmente do que diz respeito à ligação da prática analítica com a teorização (Bokanowski, 1998) que propomos neste relatório: a memória pré-histórica e o modo como ela pode ser apreendida no nível dos sonhos, no nível da transferência, mais exatamente graças à confluência destes.

A idéia de que o sonho do analisando reunia, no seu trabalho de figurabilidade, as características de uma cena primitiva já foi evocada. Chamariamos a atenção também, sem dúvida, que ele exprime na sua figuração, um contraste entre a ação, por um lado (o metrô chega, o roubo, o metrô parte) e, por outro lado, a atitude imóvel daquele que sonha. Este contraste entre a inibição motriz e a atividade de “ver” é significativo. Nós emitimos a hipótese de que é lá, nesse contraste, que o sonho é um “*sonho-memória*”, que se pode apreender aí uma tentativa de figurar uma “memória sem recordação”: no passado, estado de sideração de um fenômeno incompreensível para um bebê que se tornou agora alguém que sonha e que percebe uma cena violenta, absorvido pelo movimento daquilo que vem e vai de um modo inesperado. A pequena diferença é que o sonho tenta dar um conteúdo e uma causalidade à aflição de outrora: “Tu vê, isto é apenas um roubo!” Desta forma ele tenta consolar aquele que sonha. Mas ele falha, aquele que sonha permanece imobilizado pelo terror do bebê que ele fora outrora. Sem dúvida, os dois traumas representados, o estojo de manicure e o acidente, devem ser compreendidos como recordação-encobridora





que se esforça para dar sentido ao irrepresentável anistórico.

A relativa falha do sonho manifesta-se no dia seguinte como, poderíamos dizer, “resto noturno” que vem se infiltrar, no dia, na tonalidade do discurso por ocasião da sessão, especialmente o relato do tempo vazio entre dois investimentos: aquele do trabalho e o da sessão. O resto noturno se manifesta aí: primeiramente sob a forma de uma desordem sem representação que o analisando combate, desta vez sem sucesso, através de suas atividades (comprar, comer, carro) ...; depois, uma vez alongada, sob a forma de uma impossibilidade de compreender, de investir o seu próprio discurso.

O que é que o analista pode “compreender” desta aflição? Em todo caso o que ele “ouve” de um modo predominante são as inflexões da voz do analisando, um sentido “possível” que a sensorialidade da voz veiculou. Este sentido “possível” logra atingir o psiquismo do analista, mantendo-o numa posição de sobreinvestimento do “ver”, assim como estava aquele que sonha, em detrimento do inteligível da escuta de representações. Um “trabalho em duplo” (Botella; Botella, 1984) estava em funcionamento mesmo antes do relato do sonho. Por isso este último não podia desempenhar o seu papel habitual; o estado particular “em duplo” do psiquismo do analista fez com que, involuntariamente, ele estivesse mais receptivo ao “*sonho-em-si*” do que a um relato. As imagens do sonho do analisando serviram de intermediário, de “resto noturno” para o trabalho de figurabilidade diurna do analista, que iria a seguir facilitar a sua convicção na inteligibilidade da realidade psíquica da pré-história de seu analisando.

Houve uma inversão do curso habitual. Como E. Gómez Mango (1993) salienta, num tratamento, comumente, “*O discurso do sonho relatado ... está sempre a serviço da transferência: é a sua servidão involuntária*”. Ele está necessariamente condicionado, influenciado pelo desenvolvimento do tratamento... Somente o trabalho do sonho, a própria dinâmica da sua formação estariam isentos de influência, não atingidos pela “*força de atração*” (Pontalis, 1990) que “*domina, funda e sustenta o do tratamento*” (Mango, 1993; Pontalis, 1990). Na seqüência que nós relatamos, neste preciso momento, a “força de atração” da transferência – a dinâmica relato do sonho-transferência – é fraca; em todo caso, não pode ser ouvida pelo analista. Seu estado de regrediência inverte o caminho habitual, desvencilha-se do relato do sonho e junta-se, tanto quanto possível, ao próprio trabalho do sonho. A transferência dos conteúdos representados sendo assim separados, a relação analisando-analista muda de trajetória e beneficia-se, poderíamos dizer, da atração “generalizada” da convergência-coerência do trabalho do sonho.

Como no caso de M.A., é nesta confluência de uma transferência, portadora “cega” de uma “memória amnésica” e de um sonho que não logra figurá-la, que, para





o analista, por sua vez, se produz uma regrediência de seu pensamento, como para assegurar a sobrevivência de sua capacidade de inteligibilidade e a manutenção de sua função de analista, sem cair no contato “cego” da empatia ou de um ato. Podemos dizer, portanto, que nesta sessão, como naquela de M.A, o poder dos afetos em jogo que espontaneamente chamam um estado de empatia e/ou a urgência de um ato, a concretude de uma resposta afetiva por parte do analista, foi estrangulada: ao invés de tomar a via dos órgãos dos sentidos ou a via motriz, os afetos despertados no analista tomaram a via alucinatória e, conseqüentemente, transformaram-se em figurabilidade⁸⁸.

O que durante a sessão primou não foi o relato do sonho, a tensão manifesto-latente, a relação relato do sonho-transferência, mas a ação do “*sonho-em-si*”, o efeito “resto noturno” sobre a relação analista-analisando numa atualização aguda. Para o analisando, “ser nomeado”, “reconhecido” na sua função científica, ser aquele que sabe e que explica, nada mais eram que tentativas desesperadas, por uma alteração em seu contrário, de negar o bebê siderado que via sem compreender e que sofria sem saber, desprovido de palavras para pensá-lo, para dizê-lo. A “valise de médico” emergia como uma imagem que não negava, que podia apreender, ao mesmo tempo, o reconhecimento do sofrimento, a impotência frente aos “fatos”, e a possibilidade, graças à figura do “Doutor”, de renunciar ao todo-poderio infantil – querer curar a mãe e preencher a ausência do pai – para enfim “ver” em si o bebê siderado que “vê sem compreender”. O trabalho psíquico do analista consegue figurar lá onde o trabalho do sonho tinha fracassado na sua tentativa de “dizer” a pré-história. Fracasso da “*memória do sonho*” provocando a orientação e a transformação da aflição inacessível do analisando em direção da figuração de uma cena primitiva, depois a banalização da aflição através da causalidade: “É um roubo.” E isso quando a figurabilidade “valise do doutor” é potencialmente portadora de uma causalidade histórica efetivamente investida pela sexualidade infantil.

Admitir, no fim da sessão, ter dito “*détrousseur*” e não “*voleur*” supõe, da parte do analisando, o investimento dos “fatos”, que a sua pré-história lhe pertence; ele pode, finalmente, exprimir-se, na continuação da análise, sob mil e uma figuras, sua dor tendo ficado até então sem nome nem rosto, aquela de antes do “paraíso”.

88. S. Freud (1932), *A importância das representações despojadas do afeto retorna no sonho como força sensorial das imagens de sonho*, em “Nouvelle suite de leçons d'introduction à la psychanalyse”, OC., t. XIX, PUF, p.101.





3. Escuta regrediente e interpretação

No tratamento, quando nos momentos de acentuação da via regrediente nos dois parceiros, o pensamento regrediente do analista dar-se-á conta da simultaneidade do momento. O processo de transformação, próprio à regrediência, que se segue, deveria estar em condições de integrar a realidade dos dois psiquismos regredidos. Com base nisto, em certos tratamentos e em certos momentos, o analista deve aceitar – não graças a uma disciplina como preconiza Bion, mas, ao contrário, independentemente de sua vontade – que, no centro de seu trabalho habitual em atenção flutuante, se produza, de um modo que o surpreenderá sempre, uma acentuação da via regrediente. Se a atenção flutuante pode ser considerada como uma regrediência *a mínima*, poderíamos chamar “escuta regrediente” a disponibilidade psíquica do analista em estado de regrediência capaz de efetuar um trabalho de figurabilidade.

Produto do *processo de convergência-coerência* (Botella; Botella, 1992), operando no âmago de um “trabalho em duplo”, a figurabilidade que emerge daí poderá dar suporte a um tipo de interpretação oposta àquela da interpretação clássica. As intervenções do analista que, em vez de desunir como faz a interpretação clássica – cujo objetivo de separar envia o amor da transferência no “aqui e agora” para um “além” e um “outro tempo” – encontra, ao contrário, sua finalidade naquilo que Freud descreve em *Para além do princípio de prazer*: “Aquela de juntar as pulsões dos instintos, uma das mais precoces e importantes funções do aparelho psíquico ... um ato preparatório que introduz e assegura o domínio do princípio de prazer.”

Tal modalidade de intervenção não é, propriamente, uma interpretação, simplesmente porque, na verdade, ela não desvela um sentido latente; ela é criadora de sentido, lá onde só existia desorganização. No entanto, nós nos empenhamos em considerá-la como interpretação porque, se é verdade que um sentido latente “já lá” não existe, isso não impede que ela seja portadora de um sentido aleatório (Pragier; Pragier, 1990) subentendendo uma dialética entre, de um lado, as tendências marcadas pelo sexual infantil investido nas zonas erógenas e o objeto e que aproveita a oportunidade que lhe é oferecida, quando num estado de regrediência, para impor o sentido dos desejos infantis determinados pela história, e, de outro lado, o sentido aleatório que se produz, inevitavelmente, pelo fato do estado de simultaneidade dos elementos presentes num momento dado nos dois psiquismos, sob a orientação do princípio de convergência-coerência, chegando na saída alucinatória de uma intelegibilidade: a figurabilidade.

Parafraseando a recomendação de Freud (1900)⁸⁹: “Não é a interpretação,

89. Nota acrescida em 1925 ao fim da página 435.



mas o trabalho do sonho que é o essencial”, poderemos dizer, naquilo que diz respeito à pré-história do analisando, que não é sua interpretação, mas o trabalho regrediente do pensamento que é essencial.

Nos dias atuais, a sessão analítica “persegue” dois tipos de desconhecido nas vias regredientes paralelas, mas, paradoxalmente, convergentes: as regressões transferenciais abrem o acesso ao inconsciente infantil, representado e reprimido, enquanto que a regrediência do pensamento revela o infantil primordial não representável. É para a compreensão desta segunda via que o estudo analítico do “ver sem compreender” da regrediência, da figurabilidade, se tornou indispensável.

Para concluir provisoriamente e abrir a discussão

“Mas o progresso do conhecimento não tolera tampouco a rigidez nas definições. Como ensina o exemplo da física de maneira brilhante, mesmo os “conceitos fundamentais” que foram fixados nas definições sofrem uma mudança permanente de conteúdo”.

S. Freud (1915)

Como em toda evolução inerente aos domínios do pensamento, pode-se falar atualmente, na teoria analítica, de uma implosão do espaço-tempo, de uma mudança na concepção da abordagem da tópica e da temporalidade psíquicas com a realidade, mudança já anunciada pela evolução do pensamento de Freud passando da primeira à segunda tópica. Conseqüentemente, aparecem novas vias de pesquisa, novas dialéticas, novas causalidades, como aquela do dia e da noite iniciada por Michel Fain e Denise Braunschweig, ou, como na obra de André Green, o trabalho do negativo e, recentemente, as figuras do estouro do tempo.

O estudo da regrediência nos ensina que a inteligibilidade numa sessão não é unicamente aquilo que aparece, se apresenta à Cs a partir dos sistemas solidários Pcs-Ics cuja chave é a representação de palavras, mas cuja inteligibilidade se estende ao endoperceptivo figurável; e o não-inteligível não é somente aquilo que é censurado pela interdição ou racionalidade, mas a impensável, a irrepresentável realidade do Id.

Nesta perspectiva de pesquisa, o interesse pela força, o estudo da dinâmica pulsional deslocam-se do próprio ato psíquico àquilo que existe em potência. Não para aquilo que é já preexistente, predeterminado, assim como uma representação inconsciente, mas para aquilo que tem a potencialidade de existir se as condições existentes tornam isso “possível”⁹⁰.

90. Pasteur preconizava a “perseguição” do “desconhecido no possível e não naquilo que foi”.





A dinâmica do desejo inconsciente que leva em direção a uma realização compreende a dimensão do conjunto dos constituintes psíquicos. O modelo metapsicológico é a extensão do trabalho do sonho, e sua figurabilidade fonte de novos sentidos. O estudo clássico do latente opondo-se ao manifesto encontra-se completado pelo estudo do “possível”, aquilo que não preexiste psiquicamente e que, no entanto, tende a advir, a atualizar-se, e pode participar ao trabalho analítico. No plano da *economia* psíquica, as tramas são diferentes: a atualização do latente consome, faz cair o potencial pulsional, enquanto que a atualização direta do sexual infantil, seguidamente “acidental”, o potencializa. Esta dialética entre o determinado e o “possível” representa um vasto campo de pesquisa para a teoria e a prática analítica.

Para além dos sentidos que a colocação em palavras de uma figurabilidade, sua entrada numa narratividade, pode descobrir, sua solução alucinatória ressalta, nela mesma, um sentido da transformação qualitativa: um deslocamento do centro de gravidade da relação sujeito-objeto, uma espécie de mutação do investimento de objeto, ao ocupar o lugar de objeto-da-satisfação-alucinatória. Esse decentramento da dinâmica das tópicas, das relações entre as partes constituintes, não é tanto o sinal de um laço transferencial que age, mas de um ponto novo de partida transferencial.

Com M.A, a figurabilidade teve realmente tal efeito. Em vez de ir do problema que representava a compreensão do estado do analisando a uma solução pensada e/ou atuada, que teria provavelmente reificado a problemática depressiva, explosiva, de M.A., o pensamento em palavras do analista deixando-se ir à regrediência de seus processos de pensamento subverteu os dados. Um problema transformou-se, brusca-mente, num outro: a figuração de um estado traumático de sua própria história infantil introduziu um novo sentido. A transformação iniciada por ele abria a condição de uma atividade pulsional transformacional no paciente, chegando, no momento do trabalho regrediente do sonho, ao novo sonho de M.A e a seu relato, redefinindo os dados do encontro tornado, assim, “analítico” e, por aí mesmo, oferecendo-lhe uma nova partida.

O processo transformador de nosso segundo exemplo é diferente. Sem exigência temporal, ele se passa seguindo a evolução de um conteúdo de pensamento do analista. Mas sua conclusão é da mesma ordem: um conteúdo em *Identidade de Percepção* acompanhado de um sentimento de convicção. Aqui, a figurabilidade do analista não diz respeito a uma recordação de sua própria história, mas ela é igualmente portadora de um sentimento de realidade; aqui a convicção daquilo que poderia ter sido uma recordação de seu analisando torna histórica uma pré-história desorganizadora. A figurabilidade do analista tem valor do investimento de alguma coisa que “deveria ter tido lugar” no analisando e cuja ausência tornava o sofrimento inorganizável, irrepresentável.





Estas “aventuras de sentido” que engajam, nos seus processos, toda a potencialidade da “*memória sem recordação*” do analisando e a globalidade das possibilidades psíquicas do analista abrem-se numa dupla travessia cruzada entre dois psiquismos, incluindo então a totalidade das realidades psíquicas da situação analítica: a realidade intrapsíquica e intersubjetiva dos dois psiquismos. Mais precisamente, essas realidades, devido ao fato do estado de regrediência, fazem tão somente uma: aquela de um vazio representacional em que dois psiquismos, o tempo de uma simultaneidade de sua tendência fundamental própria ao *sexual primordial*, “*tecem*” aí laços figuráveis que escapam àqueles predeterminados, próprios à sexualidade infantil. Essas “aventuras de sentidos” são igualmente irreversíveis em seus efeitos, no sentido de que não provocam indeterminação e heterogeneidade nas tópicas, elas se guardam tão bem nesses espaços-tempos inapreensíveis que, se nós nos conformássemos com a noção clássica de neurose de transferência, deveríamos considerá-las como não analíticas.

Em nosso desejo de poder chegar à compreensão dessas “aventuras de sentidos”, privilegiamos em nosso relatório o estudo de uma certa dimensão trágica do infantil: a obrigação incontornável da repetição em fazer e desfazer sem cessar seus laços com o objeto. Uma prioridade foi outorgada a uma concepção teórico-prática do infantil, dilacerada pela impossibilidade de se dividir entre *o objeto-perdido-da-satisfação-alucinatoria* seguindo a exigência do *sexual primordial* e o objeto representado de acordo com a organização da sexualidade infantil. Devido a isso, nós sentimos muito não termos podido tratar, nos limites impostos deste relatório, da complexidade operando entre aquilo que é “narrável” e aquilo que é figurável. Tal distanciamento, mesmo provisório, do modelo de análise do relato do sonho pode dar o sentimento de que nosso relatório é muito parcial ou parcial. Esperamos poder restabelecer o equilíbrio quando de nossa discussão.

O último objetivo de nosso relatório resume-se em dois pontos. Um é a recusa dos dogmas da analisabilidade tornando sistematicamente responsável, em última análise, a estrutura do analisando, e a recusa de um emprisionamento numa luta realística pelos “atos” do analista de acordo com uma visão simplificadora das “carências precoces”. Nós procuramos abordar os sofrimentos da pré-história infantil “*sem recordações*”, “*sem conteúdo*”, pelo potencial de inteligibilidade da regrediência, da figurabilidade, noções inseparáveis da metapsicologia do sonho.

O outro ponto que se segue é a necessidade de uma extensão do campo da analisabilidade ao “vivo” (Guignard, 1966)⁹¹ desse *sexual primordial*, que jamais parou de desviar, de escandalizar o pensamento de vigília, o pensamento do adulto,

91. Seguindo a bela fórmula de Florence Guignard (1966), *Au vif de l'infantile*, Éd. Delachaux & Niestlé.





mesmo que este fosse psicanalista profissional e mesmo que fosse o próprio Freud, do qual conhecemos o interesse-desinteresse pelos fenômenos regredientes da sessão, pela “face oculta” do sonho. E isto porque *a vida psíquica é uma temporalidade do espaço de nossas regrediências*. □

Referências

- ANDRÉ, J. (1999). L'unique objet. In: *Les états limites*, Collectif, PUF.
- AULAGNIER, P. (1975). *La violence de l'interprétation*, PUF.
- . (1986). *Un interprète em quête de sens*, Ramsay.
- BALINT, M. (1959). *Les voies de la régression*, Payot.
- BARANGER, M. e W. (1969). *Problemas del campo psicoanalítico*, Éd. Kargremon.
- BAYLE, G. (1996). Ombres adorables, *Revue française de psychanalyse*, 3-1996, 821-827
- BION, W.R. (1975). *Une mémoire du futur: le rêve*, trad. Cl. Legrand, Lyon: Césura, 1989.
- . (1962 a). *Aux sources de l'expérience*, trad. François Robert, PUF, 1979.
- . (1967 b). *Réflexion faite*, trad. François Robert, PUF, 1983
- BOKANOWSKI, T. De la pratique analytique., coll. Épître, PUF, 1998.
- BOLLAS, C. (1986). L'objet transformationnel, *Revue française de psychanalyse*, 4-1989, 1181-1196.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (1982). Sur la carence auto-érotique du paranoïaque, *Revue française de psychanalyse*, 1-1982, p.63-79.
- . (1983). Notes cliniques sur la figurabilité et l'interprétation, *Revue française de psychanalyse*, 3-1983, p.765-776.
- . (1984). L'homosexualité inconsciente et la dynamique du double em séance, *Revue française de psychanalyse*, 2-1984
- . (1985). Pensée animique, conviction et mémoire, *Revue française de psychanalyse*, 4, 1985, p.991-1007.
- . (1990). La problématique de la régression formelle de la pensée et l'hallucinatoire, *Collection des Monographies de psychanalyse*, Colloque de l'Unesco
- . (1992). Névrose traumatique et cohérence psychique, *Revue Française Psycho-somatique*, 2-1992, p.25-36.
- . (1992b). Le statut métapsychologique de la perception et l'irreprésentable, *Revue française de psychanalyse* 1-1992, 23-41.
- . (1995). Sur le processus analytique: du perceptif aux causalités psychiques, *Revue française de psychanalyse*, 2-1995, p.349-3
- . (1997). Des mots pour le dire, *Revue française de psychanalyse*, 1-1977, p.203-208.
- BRAUNSCHWEIG, D.; FAIN, M. (1975). *La nuit et le jour*, PUF, coll. Le Fil rouge.
- BRUSSET, B. (1988). *Psychanalyse du lien, La relation d'objet*. prefácio de André Green, Le Centurion.
- CAHN, R. (1991). Du sujet, *Revue française de psychanalyse*, 6-1991.
- COURNUT, J. e M. (1993). *Revue française de psychanalyse*, 5/1993, número especial Congresso, 1535-1558.
- DAVID, C. (1992). La bisexualité psychique. In: *Essais psychanalytiques*, Payot.
- DENIS, P. (1997). *Emprise et satisfaction*, coll. Le Fil rouge, PUF, p.50-55.
- DEGOUMOIS, C. (1992). Le vol d'Icare; Paradoxe du somnambule, retomado em *Sortie de Nuit*, *Revue française de psychosomatique*, 1998, n° 14.





- DELOURMEL, C. (2000). *À um fil*, Trabalho de candidatura para o título de membro associado da SPP.
- DIATKINE, G. (1993). La cravate croate: narcissisme des petites différences et processus de civilisation, *Revue française de psychanalyse*, 4 – 1993, p.1057-1072
- _____. (2000). Surmoi culturel, *Revue française de psychanalyse*, número especial, Congrès 2000, p.1523-1588.
- DONNET, JL. (1998). La situation analytique à la lumière des situation limites, double em séance, *Revue française de psychanalyse*, 2-1984.
- EMDE, R. (1999). Une progression: les influences intégratrices des affects sur le développement en psychanalyse, *Revue française de psychanalyse*, 1/1999, 189-216.
- FAIMBERG, H. (1989a). Pour une théorie (non-narcissique) de l'écoute du narcissisme: comment l'indicible devient-il dicible? In: *La psychanalyse: questions pour demain*, coll. Des Monographies de psychanalyse, PUF, 1990;
- _____. (1996b). Listening to listening, *Int J Psychoanal*, 1996, v. 77, nº 4, p.667-677.
- FAIRBAIRN, R. (1941). Une psychopathologie révisée des psychoses et des psychonévroses. In: *Études psychanalytiques de la personnalité*, prefácio de Henri Vermorel, posfácio de James Innes-Smith, trad. Pierre Lacoite, Ed. du Monde interne.
- FERENCZI, S. (1909). Introjection et transfert, *OC*, t. I, Payot.
- _____. (1913). O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios, *OC*, t. II, prefácio de M. Balint, trad. D. Dupont e M. Viliker, Payot.
- FERENCZI, S.; RANK, O. (1924). Perspectives de la psychanalyse. In: *Ferenczi, OC*, t. III, Payot.
- FERRO, A. (2000). *La psychanalyse comme oeuvre ouverte*, Érès.
- FREUD, S. (1894). Les psychonévroses de défense In: *Névrose, psychose, perversion*, PUF.
- _____. (1895). Esquisse d'une psychologie scientifique. In: *La Naissance de la psychanalyse*, PUF, 1969.
- _____. (1898). Sur le mécanisme psychique de l'oubli, trad. de J. Altouian e A e O Bou.rguignon, G. Goran, A Rauzi. In: *Résultats, idées, problèmes*, PUF, 1984, p.101-107.
- _____. (1899). Nota manuscrita datada de 10 de novembro intitulada: Une prémonition onirique accomplie. In: *Résultats, idées, problèmes*, PUF.
- _____. (1900). *L'interprétation des rêves*, trad. I. Meyerson et D. Berger, PUF, 1971.
- _____. (1901). *Psychopathologie de la vie quotidienne*, trad. S. Jankélévitch, Petite Bibliothèque Payot, 1972
- _____. (1905a). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, trad. B. Reverchon-Jouve, NRF-Gallimard, 1962.
- _____. (1905b). Fragment d'une analyse d'hystérie (Dora). In: *Cinq psychanalyses*, PUF, 1967.
- _____. (1909). De la psychanalyse. In: *Cinq leçons... à la Clark University de Worcester*, 5ª lição, trad. R. Lainé, J. Stute-Cadiot, *OC*, t. X,.
- _____. (1911). Formulations sur les deux principes de l'advenir psychique, *OC*, t. XI, trad. P. Cotet e R. Lainé, PUF.
- _____. (1912a). La dynamique du transfert, *OC*, t. XI, trad. A Rauzi, PUF.
- _____. (1912b). Totem et Tabou, *OC*, t. XI, PUF.
- _____. (1914). Pour introduire le narcissisme, trad. de J. Laplanche. In: *La vie sexuelle*, PUF.
- _____. (1915a). Pulsions et destin des pulsions, trad. Althouian, A. Bourguignon, P.Cotet. A Rauzy, *OC*, t. XIII, PUF, também em *Metapsychologie*, Gallimard.
- _____. (1915b). Complément métapsychologique à la théorie du rêve. In: *Métapsychologie*, PUF, Gallimard e também nas *OC*, t. XIII.
- _____. (1915c). L'inconscient. In: *Métapsychologie*, Gallimard, ed., 1968, trad. dirigida por J. Laplanche e J.B. Pontalis, e também nas *OC*, t. XIII.
- _____. (1917). *Introduction à la psychanalyse*, trad. S.Jankélevitch, Payot, 1949.





- _____. (1918 [1914]). Extrait de l'histoire d'une névrose infantile, redigido em 1914, publicado em 1918, em *Cinq Psychanalyses*, p.361; em *OC*, XIII, PUF, p.49.
- _____. (1919). *Les voies de la thérapie analytique*, *OC*, t. XV, PUF
- _____. (1920). Au-delà du principe de plaisir, *OC*, t.XV, trad. J.Altounian, A Bourguignon, P. Cotet. A Rauzy.
- _____. (1921). Psychanalyse et télépathie, *OC*, XVI;
- _____. (1922). Rêve et télépathie, *OC*, XVI;
- _____. (1923a). Psychanalyse et théorie de la libido, *OC*, t. XVI, PUF.
- _____. (1923b). Petit abrégé de psychanalyse. In: *Résultats, idées, problèmes*, II, PUF, também em *OC*, t. XVI, p.347.
- _____. (1923c). Le Moi et le Ça, *OC*, t. XVI, trad. C.Baliteau, A Bloch, J.M. Rondeau, PUF.
- _____. (1925a). La Négation, *OC*, t.XVII, p.169.
- _____. (1925b). Quelques suppléments à l'ensemble de l'interprétation du rêve, IIIa. Parte: La signification occulte du rêve, *OC*, XVII.
- _____. (1926). Lettre du 16 avril 1926 à Marie Bonaparte. In: E.Jones, *La vie et l'oeuvre de S. FREUD*, t. III, PUF, 1969, p.502.
- _____. (1932). Nouvelle suite des leçons, Gallimard, também em *OC*, t. XIX,
- _____. (1932). Nouvelles Conférences, 29^a Leçon: Révision de la science des rêves, p.41, trad. Anne Berman, *OC*, t. XIX, Gallimard, p.111.
- _____. (1936). Um trouble de mémoire sur l'Acropole. In: *Résultats, idées, problèmes*, II, PUF., p.227, também nas *OC*, t. XIX, PUF, p.335
- _____. (1937). Constructions dans la psychanalyse. In: *Résultats, idées, problèmes*, trad. E.R.Hawelka, U.Huber, J.Laplanche
- _____. (1938a). Nota do 12 de julho. In: *Résultats, idées, problèmes*, t. II. PUF, 1985, p.287.
- _____. (1938b). *Moïse et le monothéisme*, tradução Anne Berman, ed. Gallimard, 1984.
- _____. (1938c). *Abrégé de Psychanalyse*, trad. Anne Berman, PUF, 1967.
- _____. Correspondance avec Fliess. In: *La naissance de la psychanalyse*, PUF.
- FREUD, S. ; BREUER, J (1895). *Études sur l'hystérie*, trad. Anne Berman, PUF, 1967.
- GARMA, L. (1994). *Clinique de l'insomnie*, Nodules, PUF;
- _____. (1998). Aperçus sur les rêves et les activités mentales du dormeur dans la clinique du sommeil, *Revue Française de psychosomatique*.
- _____. (2000). L'inconscient peut-il avoir sommeil? *La Recherche*, número fora de série: Le sommeil et le rêve, n° 3, abril 2000;
- GIBEAULT, A. (1994). Contre-transfert et réceptivité, *Revue française de psychanalyse*, 5-1994, numero especial, Congresso, 1650-1658.
- GREEN, A. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In: *La folie privée. Psychanalyse des cas limites*, NRF, Gallimard, 1980, p.88.
- _____. (1973b). *Le discours vivant*, PUF, p.336.
- _____. (1986). Pulsión de mort, narcissisme négatif, fonction désobjectalisante. In: *La pulsión de mort*, Collectif, PUF.
- _____. (1987). La capacité de rêverie et le mythe étiologique. In: *La folie privée. Psychanalyse des états limites*, Gallimard, 1990.
- _____. (1993a). *Le travail du négatif*, Éd. de Minuit, p.285.
- _____. (1997). Ouverture à une discussion sur la sexualité dans la psychanalyse contemporaine, *Revue française de psychanalyse*, 1/1997, 225-232.
- _____. (1998). *L'intrapsychique et l'intersubjectif en psychanalyse*, Quebec, Lanctôt.
- _____. (2000). *Le temps éclaté*, Éd. De Minuit, p.119.
- GREENSON, R. (1967 a). *Technique et pratique de la psychanalyse*, trad. F. Robert, PUF.





César Botella e Sára Botella

- _____. (1970 b). The excepcional position of the dream in psychoanalytical practice, *Psychoanalytical Quarterly*, n. 5, c. 148, 28, p.189-206.
- GRINBERG, L. (1956). Sobre algunos problemas de tecnica psicoanalítica determinados por la identificación y las contra-identificaciones proyectivas. In : *Revista de Psicoanálisis*, Buenos Aires : 13-4
- _____. (1996 b). *Nouvelle introduction à la pensée de Bion*, com a colaboração de D. Sor e E. de Bianchedi. Prefácio de Joyce McDougall, Cesura.
- GUIGNARD, F. *Au vif de l'infantile*, Éd. Delachaux & Niestlé, 1966
- GUILLAUMIN, J. (1979). *Le rêve et moi*, coll. Le Fil rouge, p.59 e 114.
- HEIMANN, P., ISAACS, S. (1952). La Régression. In: *Développements de la psychanalyse (coletivo)*, trad. Willy Baranger, PUF, 1966.
- JEANNEAU, A. (1990). *Les délires psychotiques*, PUF.
- JANIN, C (1996). *Figure et destin du traumatisme*, PUF, coll. Le fait analytique.
- JONES, E. *La vie et l'oeuvre de S.Freud*, t. III, PUF, 1969.
- KERNBERG, O (1975). *Les troubles limites de la personnalité*, Payot, 1989.
- KHAN, M (1974), *Le soi caché*, Gallimard, 1976.
- KLEIN, M (1946). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In : *Développements de la Psychanalyse*, trad. Willy Baranger, prefácio de E. Jones, PUF, Bibliothèque de psychanalyse.
- LACAN, J. *Le Séminaire I*, Les deux narcissismes, Le Seuil
- _____. (1955). Séminaire du 2 mars: De l'embarras de la régression, p.163-175, *Le Séminaire*, liv. II, Le Seuil.
- _____. (1959) Das Ding, *Le Séminaire*, liv. VII, Le Seuil.
- LAPLANCHE, J. (1970). *Vie et mort em psychanalyse*, Flammarion.
- LEWIN, B. (1968). Le passé en images, *Revue française de psychanalyse*, 4 –1990.
- LITTLE, M. (1985). Mon analyse avec Winnicott, traduzido em francês em 1968 na *Nouvelle Revue de psychanalyse*, nº 33; depois no conjunto de artigos de M.Little, *Des états limites: l'alliance thérapeutique*, Ed. Des Femmes, trad. Gabriel Nagler, p.514, 516-517.
- _____. (1987). La valeur de la régression à la dépendance. In: *Des états limites. L'alliance thérapeutique*, trad. Gabrielle Nagler, Ed. Des Femmes.
- M'UZAN, M de (1976). Contre-transfert et système paradoxal, *Revue française de psychanalyse*, 2-1976.
- _____. (1977). *De l'art à la mort*, Gallimard.
- _____. (1994). *La bouche de l'inconscient*, Gallimard.
- MANGO E. G. (1993). De la servitude et l'innocence du rêve, *Revue française de psychanalyse*, 1-1993, p.180.
- McDOUGALL, J (1996). *Éros aux mille et un visages*, coll. Connaissance de l'inconscient, Gallimard.
- MELTZER, D. (1984). *Le monde vivant du rêve*, trad. coletiva, Césura, Lyon, 1993.
- MIANOU, A. P. (1995). *Processus de répétition et offrandes du moi*, coll. Champ psychanalytique, dirigida por Elsa Schmid-Kitiskis, Delachaux & Niestlé.
- MILLER, J (1997). *Une mémoire pour deux. Le virtuel du transfert*, PUF, Le Fait psychanalytique, 1977.
- NEYRAUT, M. (1997). *Les raisons de l'irrationnel*, PUF.
- OGDEN, T. (1997). Reverie and interpretation. *Psychoanalytical Quarterly*, LXVI, 1997.
- PERRON, R. (2000). *Épître aux enfants qui se cachent dans les grandes personnes*, PUF, col. Epitres, dirigida por J. Cournut e Cl. Le Guen.
- PRAGIER, G.; PRAGIER S. *Revue Française de Psychanalyse*, 6-1990, p.14
- PONTALIS, J.B. (2000). *Fenêtres*, NRF-Gallimard, p.39-40.
- _____. *La force d'attraction*, Le Seuil, 1990.
- QUINODOZ, D. (1990). Le vertige dans la cure, *Revue française de psychanalyse*, 2-1990, p.493-509.





- QUINODOZ, J.-M. (2000). Rêves d'intégration à contenu paradoxal régressif: les "rêves qui tournent une page", *Revue française de psychanalyse*, 4, 2000, 1121-1135.
- REIK, T (1948). *Écouter avec la troisième oreille. L'expérience intérieure d'un psychanalyste*, trad. franç., Éd. de l'Épi, 1976.
- ROLLAND, J.-Cl. (1997). Le rythme et la raison, *Revue française de psychanalyse*, numéro especial Congrès, 5-1997, 1589-1635.
- ROZEN, P. (1978). *La saga freudienne*, PUF, 1986.
- SCHIMID-KITSKIS, E (2000). La mémoire du traumatisme ou comment nier l'oubli pour ne pas souvenir, *Revue française de psychanalyse*, 1-2000.
- SILBERER, H. (1909). Rapport sur une méthode permettant de provoquer et d'observer certains phénomènes hallucinatoires symboliques, trad. Christine Brückner. In: *Ornicar*, no. 31, 1984.
- SMADJA, C. (1998). Le fonctionnement opératoire dans la pratique psychosomatique, *Revue française de psychanalyse*, numéro especial Congrès, 1367-1450.
- URTUBEY, L (1994). Le travail du contre-transfert, *Revue française de psychanalyse*, 1994, numero especial, Congrès, 1271-1372.
- VIDERMAN, S. (1970). *La construction de l'espace analytique*, Denoël.
- WILGOWICZ, P (1991). *Le vampirisme*, Césure, Lyon.
- WINNICOTT, D. (1954). Les aspects métapsychologiques et cliniques de la régression au sein de la situation psychanalytique. In: *De la pédiatrie à la psychanalyse*, Payot.
- _____. (1957). L'hallucination qui nie l'hallucination. In: *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*, Gallimard, 2000.
- _____. (1966). L'utilisation de l'objet et le mode de relation à l'objet au travers des identifications. In: *Jeu et Réalité*, trad. C. Monod e J.B. Pontalis, Gallimard, 1971.
- _____. (1971). La créativité et ses origines. In: *Jeu et Réalité*, trad. C. Monot et J.B. Pontalis, prefácio de J.B. Pontalis, Gallimard, 1976.

Recebido em 20/01/2003

Aceito em 12/03/2003

Tradução de **Maria Carolina dos Santos Rocha** (Doutora em Filosofia)
e **Fernando José Rodrigues da Rocha** (Phd. em Linguística)
Revisão técnica de **Luciane Falcão, Paulo Henrique Favalli, Alice Becker Lewkowicz,**
César Luis de Souza Brito, Gisha Brodacz, Ruggero Levy

César Botella e Sára Botella

11 rue Jean de Bauvais

75005 – Paris – França

E-mail: cbotella@club-internet.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA

